



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



CLÁUDIA FABIANA SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO ROMANCE PARA A
FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA**

MONTES CLAROS-MG
2017

CLÁUDIA FABIANA SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO ROMANCE PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Roselma Athayde Moraes

Liberada em 04/07/2017.



**MONTES CLAROS-MG
2017**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



CLÁUDIA FABIANA SANTOS

"A importância do gênero romance para a formação de leitores na escola"

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

Carla Roselma Athayde Moraes

Prof.ª Dr.ª Carla Roselma Athayde Moraes – Orientador (Unimontes)

Daniilo Barcelos Correa

Prof. Dr. Daniilo Barcelos Correa (Unimontes)

Marli Silva Froes

Prof.ª Dr.ª Marli Silva Froes (IFNMG)

Montes Claros (MG), 22 de maio de 2017.

Santos, Cláudia Fabiana.
S237i A importância do gênero romance para a formação de leitores na escola
[manuscrito] / Cláudia Fabiana Santos. – Montes Claros, 2017.
170 f. : il.

Bibliografia: f. 99-104.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/ Profletras, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Roselma Athayde Moraes.

1. Romance. 2. Gênero. 3. Texto. 4. Leitura. I. Moraes, Carla Roselma Athayde. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título.

Aos meus pais, Carlos e Tereza, que sempre me incentivaram aos estudos. As minhas filhas, Tâmara e Yasmim, a minha irmã Fábiana e minha sobrinha Catarina por todo apoio e compreensão nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor de todas as coisas, que me permitiu vivenciar mais esta experiência em minha vida;

Aos meus pais, Carlos Araújo dos Santos e Terezinha Prates Castro Santos, que tanto lutaram para me oferecer uma boa educação e pelo incentivo;

As minhas filhas, Tâmara Samanta e Yasmim Samara, meu porto seguro, pela compreensão e carinho;

Ao amigo e companheiro, Julizá Dourado Xavier, por tudo;

Aos meus colegas do PROFLETRAS, pelas ricas trocas de conhecimento, pelas orientações e incentivo a continuar;

Aos meus colegas de trabalho do Centro Educacional de Pindaí. Muito obrigada pelo incentivo;

Aos participantes da Proposta de Intervenção que muito contribuíram para o desenrolar deste trabalho e me motivaram a buscar caminhos para a prática da leitura na escola de forma a colaborar na constituição de cidadãos autônomos e críticos;

À Professora Dra. Carla Roselma Athayde Moraes pelas orientações, paciência e sabedoria com que conduziu este processo;

À Professora Dra. Maria do Socorro Vieira pelas valiosas orientações e pelo incentivo incondicional;

Aos professores do PROFLETRAS, UNIMONTES, pelas aprendizagens promovidas;

Às colegas do curso de mestrado, Crístian Lustrino e Maria Elza, pessoas fascinantes que compartilharam comigo diversas leituras de mundo e de palavras;

A todos que torceram por mim. Muito obrigada!

Os grandes feitos são conseguidos não
pela força, mas pela perseverança.

Samuel Johnson

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a leitura é tarefa fundamental, por meio da qual se desenvolvem atitudes críticas, capazes de fazer com que se possa perceber uma multiplicidade de vozes em um texto, este estudo se propõe a trabalhar com o gênero romance na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado. Para atingir tal propósito, o objetivo é instigar o questionamento, a análise e a reflexão mais aprofundada da temática da obra em foco. A justificativa para esta pesquisa prende-se ao fato de que há necessidade de fazer com que os alunos se tornem leitores críticos, autônomos e capazes de interagir de forma ativa no meio em que vivem. Nesta pesquisa-ação, como fundamentação teórica, utilizam-se os estudos de Bakhtin (2003), Benjamin (1994), Duarte (1996), Freire (2005), Kleiman (2002), Koch (2014), Lajolo (1993), Marcuschi (2012), Silva (2002) e Travaglia (2004) entre outros autores. Metodologicamente, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, que consistirá no levantamento de informações e estudo a respeito da pouca leitura realizada pelos alunos do 9º ano A, com um universo de 32 alunos, observando os tipos de leituras feitas, tomando como base o desenvolvimento de cada um na formação de opiniões críticas. As fontes de coletas de dados foram: entrevista e pesquisa bibliográfica. Tomamos como gênero textual para leitura e estudo o romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Além disso, ensejamos em sala de aula práticas de argumentação oral entre alunos e professora. Para análise da categoria de estudo “leitura crítica”, foi constituído um *corpus* de textos escritos pelos alunos, do tipo opinativo, apreciativo, em suma, argumentativo. As pesquisas demonstram que a prática da leitura crítica auxilia na formação de leitores autônomos e capazes de contribuir com o meio em que vivem.

Palavras-chave: Romance. Gênero. Texto. Leitura.

ABSTRACT

Based on the assumption that reading is an important task, through which critical attitudes are developed, capable of making it possible to perceive a multiplicity of voices in a text, this study proposes to work with the novel genre in the work "Captains of the Sand" by Jorge Amado. To achieve this purpose, the objective is to instigate the questioning, analysis and more in-depth reflection of the theme of the work in focus. The justification for this research is the fact that there is a need to make students become critical readers, autonomous and capable of interacting actively in the environment in which they live. In this action research, as theoretical foundation, the studies of Bakhtin (2003), Benjamin (1994), Duarte (1996), Freire (2005), Kleiman (2002), Koch (2014), Lajolo (1993) Marcuschi (2012), Silva (2002) and Travaglia (2004) among other authors. Methodologically, we opted for a qualitative research, which will consist of the collection of information and study about the low reading performed by the students of the 9th year A, with a universe of 32 students, observing the types of readings made, based on the Development of each in the formation of critical opinions. The sources of data collection were: interview and bibliographic research. We take as textual genre for reading and studying the novel Captains of the Sand, by Jorge Amado. In addition, we provide classroom oral argumentation practices between students and teachers. For the analysis of the category of study "critical reading", a corpus of texts written by the students was created, of the opinative type, appreciative, in short, argumentative. Researches show that the practice of critical reading assists in the formation of autonomous readers and capable of contributing to the environment in which they live.

Keywords: Romance. Gender. Text. Reading.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vista parcial da cidade de Pindaí	44
Figura 2 - Capa do livro <i>Capitães da Areia</i> do autor Jorge	47
Figura 3 - Meninos de rua	55
Figura 4 - Crianças abandonadas	56
Figura 5 - Namoro precoce	56
Figura 6 - Crianças morando em lixão	57
Figura 7 - Violência policial	57
Figura 8 - Abandono	58
Figura 9 - Violência na escolar	58
Figura 10 - Violência doméstica	59
Figura 11 - Violência psicológica	59
Figura 12 - Violência social	60
Figura 13 - Violência social	60
Figura 14 - Violência política	61
Figura 15 - Escritor Jorge Amado	70
Figura 16 - Capa do livro <i>Capitães da Areia</i>	71
Figura 17 - Outras capas do livro <i>Capitães da Areia</i>	72
Figura 18 - Casamento homossexual entre mulheres	78
Figura 19 - União homossexual entre homens	79
Figura 20 - Adoção de criança por casal homossexual	79
Figura 21 - Convite para leitura	83
Figura 22 - Convite para participação do projeto de leitura	94
Gráfico 1 - Sobre leitura	51
Gráfico 2 - Sobre leitura literária	52
Gráfico 3 - Leitura interessante	53
Gráfico 4 - Indicação de leitura	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	14
1.1 O Texto	14
<i>1.1.1 Texto e Linguística Textual</i>	<i>15</i>
<i>1.1.2 Texto e Análise do Discurso</i>	<i>16</i>
1.2 O que é leitura?	18
<i>1.2.1 Breve histórico da leitura no Brasil</i>	<i>19</i>
<i>1.2.2 A leitura crítica.....</i>	<i>23</i>
1.3 Formação do leitor	25
<i>1.3.1 O leitor crítico</i>	<i>28</i>
1.4 Os gêneros textuais	30
<i>1.4.1 Gêneros textuais e ensino</i>	<i>31</i>
<i>1.4.2 Gêneros textuais e leitura crítica</i>	<i>33</i>
1.5 O Gênero Romance	36
<i>1.5.1 Relação autor-texto-leitor de romance.....</i>	<i>38</i>
<i>1.5.2 O narrador do romance</i>	<i>40</i>
<i>1.5.3 A Contribuição do romance Capitães da Areia para a formação de leitores críticos.....</i>	<i>41</i>
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	43
2.1 O Centro Educacional de Pindaí: o <i>locus</i> da pesquisa	43
2.2 Sujeitos da pesquisa	44
2.3 Metodologia	45
2.4 Descrição metodológica das atividades.....	46
2.5 Material	46
3 RELATO DAS ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96

REFERÊNCIAS	99
APÊNDICES	105
ANEXOS	106

INTRODUÇÃO

Este trabalho encontra-se inserido na área de Concentração: Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino e sublinha: Formação do Leitor, conforme propõe o Mestrado Profissional em Letras, fazendo-nos refletir sobre a importância da leitura e seu papel significativo no mundo letrado. Mundo esse que nos apresenta, constantemente, informações que veiculam crenças, conhecimentos que são tidos como verdades inquestionáveis para muitos, por falta de engajamento, socialização, entre outros problemas, falta de conhecimentos prévios¹ e maturidade suficiente, o que faz com que a maioria dos usuários não consiga “ver” essas informações com olhos críticos.

Nesse aspecto, a escola tem um papel importante e determinante, pois faz parte de suas funções escolher os textos que serão apresentados e depois lidos pelos alunos, para que possam refletir sobre eles. Ao professor cabe trabalhar com esses textos, tentando despertar em seus alunos algum ato de criticidade, relacionando-os ao meio em que vivem.

Ao professor de Língua Portuguesa, exige-se uma maior versatilidade. Isso está implícito e explícito na forma como as aulas são conduzidas. O trabalho com a diversidade de textos pede que esse professor se torne multifacetado, e é essa diversidade que nos permite trabalhar com o aluno de forma diversificada.

Dentro dessa diversidade, é necessário que a leitura assuma diferentes funções, para que os alunos passem a ler não só para compreender ou responder a algumas questões, mas também para conhecer mais, ampliar mais seus horizontes. Assim, cabe ao professor de português trazer para a sala gêneros textuais de qualidade que, quando bem trabalhados, deem bons resultados e possam desempenhar papel importante dentro desse contexto.

Nessa perspectiva, a arte literária de Jorge Amado, por exemplo, apresenta discussões acerca da sociedade em todos os seus âmbitos. As personagens são apresentadas de forma dinâmica, com perfis interessantes e cativantes. Os enredos das histórias nos fazem também sujeitos ativos diante das leituras e, assim como muitos personagens, passamos a ver o nosso mundo de forma diferenciada e, conseqüentemente, mudamos a nossa postura diante da sociedade.

¹ Kleiman afirma que “A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida” (KLEIMAN, 2002, p. 13). Esse conhecimento prévio compreende o conhecimento linguístico, o textual e o de mundo.

Nesse aspecto, a escola precisa oferecer meios para que a leitura aconteça, fornecendo um ambiente propício, com bibliotecas ou salas que possam servir para esse meio. Quando a escola fornece esse meio, um primeiro passo já foi dado, mas, para acontecer um bom trabalho com leitura, é necessário empenho, conhecimento, formação dos profissionais que atuem nesse processo, empenho e base teórica.

Assim, a proposta desta pesquisa orientou-se pelo seguinte questionamento: o estudo da temática “marginalidade e violência infantil”, explorada no romance de Jorge Amado, *Capitães da Areia*, pode contribuir para estimular nos alunos da turma do 9º ano do Centro Educacional de Pindaí, posturas mais reflexivas e críticas, frente à leitura de textos e à nossa realidade?

Lemos por prazer, para estudar, para nos informar. Ler é tarefa fundamental na escola, cabendo ao professor ter consciência dessa necessidade, para buscar formar em seus alunos hábitos de leitura. Segundo Silva, “o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa simplesmente reter ou memorizar, mas compreender e criticar” (SILVA, 1991, p. 80).

A tarefa de ler é muito mais que só “passar os olhos” sobre os textos. O ato de ler vai além da familiarização com diferentes textos. Ele também pode desenvolver uma atitude crítica, capaz de fazer com que o leitor perceba as vozes sociais presentes nos textos, entre outros aspectos. Solé afirma: “[...] quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo [...]” (SOLÉ, 1998, p. 72). Ao trabalhar com leitura, é primordial que haja uma articulação autor-texto-leitor.

Entendemos que formar leitores constitui um ato complexo, mas possível. Um dos caminhos é trabalhar com textos diversificados, capazes de despertar no aluno o gosto pela leitura e que tragam novos conhecimentos.

Para Kleiman:

O leitor proficiente faz escolhas baseando-se em predições quanto ao conteúdo do livro. Essas predições estão apoiadas no conhecimento prévio, tanto sobre o assunto (conhecimento enciclopédico), como sobre o autor, a época da obra (conhecimento social, cultural, pragmático) o gênero (conhecimento textual). Daí ser necessário que todo programa de leitura permita ao aluno entrar em contato com um universo textual amplo e diversificado (KLEIMAN, 1998, p. 51).

Assim, estudar o gênero romance, no texto de Jorge Amado, que trata da situação de abandono de muitas crianças brasileiras, constitui-se numa oportunidade significativa, pois

percebemos, na obra, uma grande preocupação por parte do autor em discutir questões como a desigualdade, a injustiça, o preconceito, a violência, a religião e a política.

Nesse sentido, as obras desse autor exercem uma influência muito grande nas pessoas em geral, pois muitas delas, além de gostarem de suas leituras, conseguem se colocar como um de seus personagens, estabelecem uma empatia com o universo criado por esse grande escritor. Assim, trabalhar com o livro de Jorge Amado pode ser uma oportunidade de tornar as aulas de Língua Portuguesa mais proveitosas, pois, a partir do momento em que é lido e trabalhado em sala, o aluno poderá compartilhar o que aprendeu. No trabalho com língua materna, ele pode ser lido, analisado, estudado, apresentado, compartilhado, vivenciado pelos alunos.

Estudar a obra *Capitães da Areia*, em sala de aula, permitirá que nossos alunos compreendam a situação de risco das crianças de rua, o descaso da sociedade, a falta de estrutura familiar, o abandono moral, a miséria, os maus-tratos; reflitam e percebam que esse é um tema antigo e, ao mesmo tempo, atual, que deve ser abordado sempre e que, principalmente, os alunos possam tomar postura diante de tal situação.

Assim, a escolha deste tema visa fomentar maiores discussões sobre a obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado e suas contribuições na formação de leitores críticos, autônomos e capazes de modificar o meio em que vivem.

Temos, portanto, como objetivo geral: aplicar Projeto de Intervenção que promova um trabalho com o gênero Romance no desenvolvimento do processo de domínio da leitura crítica dos alunos, no sentido de estimular o questionamento, a análise e reflexão mais aprofundada dos textos lidos, destacando a importância da leitura para a formação de leitores críticos, autônomos e capazes de interagir de forma ativa no meio em que vivem.

Como objetivos específicos temos:

- Promover leitura individual e em grupo, explorando conhecimentos enciclopédicos, linguísticos e textuais, procurando refletir sobre a importância da aplicação dos estudos sobre o gênero Romance no ensino da leitura e produção textual.
- Utilizar a leitura de dados fictícios perceptíveis mostrados no romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, como instrumentos de denúncia de uma situação social, visando à formação de novos leitores criativos e reflexivos.
- Propiciar aos educandos enfoques de aspectos sociais como abandono e violência infantil, desigualdades presentes em nossa realidade social, demonstrados também na obra em estudo.

- Realizar atividades baseadas em aspectos sociodiscursivos do texto escolhido.
- Discutir com os alunos fatos atuais (como marginalidade, crianças de rua, violência urbana, etc.) relacionados com as situações retratadas no gênero em estudo, a fim de desenvolver o trabalho em equipe e o senso crítico.
- Produzir parágrafos argumentativos a partir de reflexões e discussões.

O nosso trabalho está estruturado da seguinte forma: o capítulo introdutório, um capítulo teórico que abordará questões relativas à leitura, ao gênero textual e, particularmente, ao gênero Romance, com autores como Bakhtin (2003) que reflete sobre os gêneros textuais; Benjamin (1994) que fala sobre a função do narrador; Freire (2005), Silva (2002) e Kleiman (2002) fazem uma análise sobre a leitura; Kock (2014) pondera a respeito do texto e sua constituição; Lajolo (1993) conceitua o ato de ler, Marcuschi (2012) e Travaglia (2004) contemplam ideias sobre tipologia textual e gêneros textuais; além desses autores elencados, outros autores são contemplados nesta pesquisa. Em seguida, no capítulo 2, apresentamos os princípios metodológicos do trabalho, em que são apresentados o *locus* da pesquisa, os sujeitos envolvidos, a metodologia, a descrição metodológica das atividades e o material escolhido para a realização da intervenção. Além desses capítulos, um terceiro capítulo em que procedemos ao relato da proposta de intervenção, com as atividades aplicadas, textos produzidos pelos alunos e Considerações Finais.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

1.1 O Texto

Vivemos num mundo letrado. Convivemos com situações de leitura o tempo todo. A fala e a escrita também têm presença constante no nosso cotidiano. Nesse sentido, o texto torna-se o resultado desse processo de comunicação, incorpora as ideias propagadas pela sociedade numa certa época e passou a fazer parte da vida das pessoas de forma mais constante. A escrita passou por diversos processos de evolução e, conseqüentemente, o texto vem acompanhando todo esse processo, fazendo surgir novos conceitos, novas tendências e se modificando de acordo com as necessidades de cada realidade.

A palavra texto possui diversas definições, sendo que cada uma salienta um ponto específico. A origem da palavra vem do latim e significa tecido, “fazer tecido, entrançar, entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando, aplicado às coisas do espírito, compor ou organizar o pensamento em obra escrita ou declamada”². Na produção de um texto, há, assim como num tecido, elementos que se unem e formam um produto, dando – lhe estrutura e sentido. O texto se apresenta como um entrelaçado de signos linguísticos ou não, que de uma forma coerente e coesa organiza enunciados do nosso pensar.

De acordo com Sautchuk: “toda unidade de comunicação escrita, elaborada por alguém, enviada para outro, e que transmita uma mensagem para esse outro, é um texto” (SAUTCHUK, 2011, p. 3). O texto não se apresenta em forma de uma grande quantidade de frases, desordenadas e sem nexos. O sentido dele está associado à forma como essas frases são organizadas e a relação que elas estabelecem entre si. Podemos então dizer que o sentido de um texto depende da maneira como suas partes estão estruturadas, ele necessita ter lógica e apresentar harmonia gramatical, bem como refere-se a algo externo a ele. O texto não deve ser visto de forma isolada, pois, se assim acontecer, ele não produzirá nenhum significado. Segundo Faraco:

[...] não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano. Nossos enunciados (orais ou escritos) têm, ao contrário, conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios correlacionados às

² Etimologia retirada de Houaiss (2001, verbete *texto*)

condições específicas e às finalidades de cada esfera de atividade. (FARACO, 2003. p. 111).

Nesse sentido, o texto não é uma unidade fechada em si mesma, nunca será interpretado da mesma forma por pessoas diferentes, ele é construído no diálogo com outras vozes e não apresenta sentido único.

1.1.1 Texto e Linguística Textual

O processo de estudos linguísticos fez surgir, entre outras, duas tendências que nos interessam aqui: a Linguística Textual com origem nos países germânicos e a Análise do Discurso, seguindo a linha francesa. A Linguística Textual tem se desenvolvido muito nos últimos tempos e trouxe uma nova tendência no que se refere à concepção e à recepção do texto. Num primeiro momento, ela realizava uma análise transfrástica, que apresentava apenas os aspectos sintático-semânticos, sem levar em consideração o texto como objeto de estudo, depois passou pela gramática textual, nessa fase a visão de texto evoluiu, tornando-se mais abrangente. O texto passou a ser visto como um todo e não mais de forma fragmentada. Posteriormente, os estudos avançaram e chegaram à teoria do texto, que estuda o texto em funcionamento prático. Depois obteve avanços, e o objeto de estudo passou a ser a análise do texto. Assim, a Linguística Textual passa a defender que a língua deve ser vista e analisada dentro de um contexto.

Quanto ao desenvolvimento da Linguística Textual, Koch pontua que:

[...] a Teoria ou Linguística do Texto vai intensificando o diálogo que já há muito vinha travando com as demais Ciências do Homem, por exemplo, com a Filosofia da Linguagem, a Psicologia Cognitiva e Social, a Sociologia Interpretativa, a Etnometodologia, a Etnografia da Fala e, mais recentemente, interação social por meio desse objeto multifacetado que é o texto - fruto de um processo extremamente complexo de produção de linguagem, que traz em seu bojo as marcas desse processo e, portanto, as pistas ou chaves para a sua decifração, no jogo de produção de sentidos. (KOCH, 1997, p. 78).

As abordagens em Linguística textual passaram por muitas fases até chegar ao que é hoje. Nesta visão, o texto se caracteriza por apresentar uma unidade de sentido. Essa noção de sentido só pode ser determinada mediante a interação entre autor-texto-leitor e nas atividades desenvolvidas pelos sujeitos. A produção textual não procura só transmitir

informações com a finalidade de designar uma comunicação, mas, principalmente, poder defender uma ideia, um ponto de vista. O texto apresenta-se como mais que um simples conjunto de frases e sua compreensão e produção acontecerão de acordo com as capacidades de cada falante, ou seja, sua competência textual.

Sob essa ótica, Marcuschi define a Linguística Textual como “o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, da construção e do processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso” (MARCUSCHI, 2012, p. 91).

Nesse sentido, a Linguística Textual não baseia seus estudos só na estrutura linguística, na produção do texto, mas, sim, nos fatores defendidos por Marcuschi, como a de contextualização – conexão sequencial, conexão conceitual - cognitiva e de conexão de ações e a de textualidade - situacionalidade, informatividade, intencionalidade, intertextualidade, aceitabilidade, coerência e coesão.

A partir desses estudos, a Linguística Textual passa a ter uma mais nova fase: a sociocognitivo-interacionista em que o texto só se caracteriza:

Em sua inter-relação com outros sujeitos, sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, as convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções sócio-culturais. (KOCH, 2003, p. 10).

A linguística Textual vivenciou vários processos desde seu surgimento, passou por um longo caminho e vem se desenvolvendo cada vez mais. Primeiramente, passando pelo estudo da gramática de texto até chegar ao conceito de texto que temos hoje e contribuindo, de forma significativa, com os estudos referentes ao texto.

1.1.2 Texto e Análise do Discurso

Os avanços dos estudos relacionados à produção do discurso, à produção de sentido na linguagem fez surgir a Análise do Discurso, que leva em consideração o contexto, espaço social, época e, principalmente, os campos discursivos em que a anunciação está articulada. A problematização dos conceitos estabelecidos pela Linguística serviu de referenciais para o surgimento da Análise do Discurso. O seu desenvolvimento significou a

passagem da Linguística baseada na frase para a Linguística baseada no texto. Essa teoria procura, além de ressaltar a relação de um locutor dentro de uma construção enunciativa, demonstrar a relação existente entre linguagem – pensamento – mundo como um processo não uníssono.

De acordo com Orlandi,

[...] a Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. (ORLANDI, 2005, p. 26).

Enquanto a Linguística Textual tenta entender a organização estrutural de um texto, buscando os elementos que lhe conferem a textualidade no sentido de interpretá-lo e compreendê-lo, a Análise do Discurso conta com o estudo da estrutura de um texto, bem como reflete a respeito de suas condições de produção, situando-o em um contexto histórico, ideológico mais amplo, como conversações ou textos escritos e o uso dessa linguagem em situações sociais. Apesar das divergências entre as duas escolas teóricas, os estudos nos mostram que o que as unifica é o estudo do discurso/texto.

Dentro da Análise do Discurso, o discurso constitui-se como unidade de análise, que se materializa no texto. O texto se apresenta como um meio pelo qual o discurso se manifesta. Qualquer exemplo de discurso sempre será um exemplo de prática discursiva e de prática social. Nesse sentido, as práticas sociais vão variando de acordo o contexto social em que são produzidas, pois as produções textuais apresentam formas particulares com funções e objetivos distintos que podem, de acordo com as mudanças históricas, se combinar, em condições sociais novas, e produzir um novo discurso.

São muitas as definições sobre o conceito de discurso. Segundo Orlandi, “o discurso é tomado como conceito teórico e metodológico e o texto, em contrapartida, como conceito analítico correspondente. Há, portanto, uma relação necessária entre eles” (ORLANDI, 1987, p. 159).

Outra abordagem mais simples e específica e que demonstra noções importantes é o conceito apresentado pelo Dicionário de Termos Linguísticos:

Acontecimento estrutural manifestado em comportamento linguístico e não linguístico. Do ponto de vista da pragmática, discurso refere o modo como os significados são atribuídos e trocados por interlocutores em contextos reais. Num discurso particular, os enunciados são compreendidos por meio de referência a um

conjunto particular de ideias, valores ou convenções que existem fora das palavras trocadas. Esta noção opõe-se à noção de texto que é encarado como pertencente ao domínio do sistema linguístico e como produto, enquanto discurso pertence ao domínio da linguagem em uso e é visto como processo. (XAVIER; MATEUS, 1992, p. 242).

Assim, o discurso pode ser visto como todo acontecimento, linguístico ou não linguístico, que apresenta significados, partindo do conjunto de ideias, valores ou convenções tidas pelo gerador do discurso no processo de interação e usados no momento em que o discurso é proferido.

A Análise do Discurso e a Linguística Textual apresentam características em comum no que tange ao texto e ao discurso. Ambas caracterizam o texto como uma realização dialógica, coletiva, que deve se remeter às condições sociais em que ocorre. O discurso e o texto não são o resultado de uma atividade ou comportamento que segue um conjunto de regras, mas sim um lugar de interação que se constitui não só por meio da linguagem, mas também da história, da sociedade, da ideologia.

1.2 O que é leitura?

Para entendermos o mundo que nos cerca, necessitamos de conhecimentos e vivências. Com o intuito de adquirirmos conhecimento, precisamos dominar a palavra. A fim de que esse domínio se processe, precisamos de leitura. Segundo Kuenzer, “ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que, atrás de cada texto, há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção” (KUENZER, 2002, p. 101). Ler é um conjunto de comportamentos que se regem por processos sociocognitivos armazenados na memória do indivíduo, é receber, enviar, produzir informações. É formar ponto de vista e compreender o ponto de vista do outro, é ir além do ato mecânico de decodificar palavras.

Para Lajolo,

[L]er não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1991, p. 59).

Na tentativa de contribuir para que cada vez mais leitores se formem, muitos professores têm buscado estimular o hábito de ler, fazendo da leitura o principal ponto capaz de proporcionar uma formação integral do sujeito. No entanto, essa estimativa não se aplica às escolas como um todo.

A escola avançaria muito em atingir seus objetivos de ensino, se fizesse com que seu aluno começasse a gostar de ler e começasse a compreender o que está lendo. Transformar nossos alunos em leitores deve ser nossa grande meta enquanto educadores, pois, se assim acontecer, o aluno conseguirá, mesmo depois que sair da escola, aprender, adquirir mais conhecimentos, ler mais, contribuir mais na solução de problemas, desenvolver-se no processo de cidadania.

Infelizmente, em geral os professores não estão bem preparados para trabalhar com leitura. Acabam tratando esse ato como mera decodificação de sinais gráficos. Não é comum fornecerem subsídios para que o aluno faça, por exemplo, inferências diante dos textos apresentados. Os livros didáticos, por sua vez, costumam apresentar atividades textuais com respostas prontas, tornando a leitura sem atrativos e bem distante da realidade dos educandos.

Assim, é necessário que haja um trabalho mais amplo e significativo, no que diz respeito à leitura, pois é a leitura que nos ajuda a compreender o mundo, e esse processo não é rápido nem simples. Deve ser iniciado e desenvolvido durante todo o período escolar e, se assim acontecer, haverá continuidade por toda a vida. A forma como se trabalha o hábito de leitura pode ajudar na criação de uma geração leitora, capaz de argumentar e participar de situações do cotidiano.

1.2.1 Breve histórico da leitura no Brasil

Para entender a leitura, é preciso entender as origens da escrita, já que lemos, entre outros, textos escritos. O surgimento da escrita, que aconteceu entre a pré-história e a história da civilização, marcou de forma definitiva a história da humanidade. De início servia a fins contábeis e atendia exclusivamente aos interesses econômicos. Por isso, não havia interesse, por uma parte das pessoas, em aprender a ler.

Segundo Barbosa, “a escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos” (BARBOSA, 1991, p. 34).

Signos esses que devem ser compreendidos pelo homem e pela sociedade de que faz parte. A escrita surgiu a partir da necessidade que o homem sentia de criar registros, armazenar dados e, principalmente, preservar sua história. Os sistemas de escrita começaram em forma de desenho representando as palavras. Com o tempo esse sistema tornou-se ineficiente, o que fez surgir novas formas de escritas. A história da leitura está associada à história da escrita. Começa com a escrita cuneiforme da antiga Mesopotâmia, passando por rolos de papiros, códices, escritos em pedra, escritos em couro, entre outros, até a escrita virtual dos computadores.

No Brasil, até a metade do século XIX, os livros eram escassos, pois só os senhores portugueses tinham acesso a eles. Numa tentativa de converter os índios na fé cristã, os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549 e edificaram colégios constituindo um sistema de educação e expandindo sua pedagogia através do uso do teatro, da música e das danças. Os primeiros textos estudados em escola eram as cartas, documentos de cartório, a primeira constituição do império, de 1827, o código criminal e a Bíblia. Esses estudos eram feitos nos engenhos e nas fazendas por capelães, padres e mestres-escolas, contratados com esse objetivo. Nesse sentido, o ato da leitura deveria somente contribuir para que o homem seguisse os ensinamentos católicos, abolindo toda e qualquer leitura que pudesse desviá-lo desse pensar. As leituras recomendadas tinham sempre uma ligação com a Igreja.

De fato, os jesuítas empreenderam no Brasil uma significativa obra missionária e evangelizadora, especialmente fazendo uso de novas metodologias, das quais a educação escolar foi uma das mais poderosas e eficazes. Em matéria de educação escolar, os jesuítas souberam construir a sua hegemonia. Não apenas organizaram uma ampla 'rede' de escolas elementares e colégios, como o fizeram de modo muito organizado e contando com um projeto pedagógico uniforme e bem planejado, sendo o *Ratio Studiorum* a sua expressão máxima. (SANGENIS, 2004, p. 93).

O *Ratio Studiorum* se constituiu em um código de ensino composto de regras, que envolvia desde a organização escolar e orientações pedagógicas até a observância estrita da doutrina católica. A meta ansiada pelo *Ratio* era a busca pela formação perfeita do homem. O currículo era centrado na educação literária e humanista focalizada na elite da época. Durante muito tempo, esse cenário continuou o mesmo. As bibliotecas ainda eram escassas e os livros devocionais ainda predominavam entre o acervo literário da época. Havia uma preocupação em manter um acervo que atendesse aos estudos devocionais.

De acordo com Romanelli,

[a] presença do príncipe Regente, D. João, por 12 anos, trouxe sensíveis mudanças no quadro das instituições educacionais da época. A principal delas foi sem dúvida, a criação dos primeiros cursos superiores (não-teológicos) na Colônia. Embora organizados na base de aulas avulsas, esses cursos tinham um sentido profissional prático. Dentre as escolas superiores, distinguiram-se a Academia Real da Marinha e a Academia Real Militar, esta mais tarde transformada em Escola Central e Escola Militar de Aplicação, que tiveram a incumbência de formar engenheiros civis e preparar a carreira das armas. Os cursos médico-cirúrgicos da Bahia e do Rio de Janeiro foram as células das nossas primeiras Faculdades de Medicina. (ROMANELLI, 1983, p. 38).

Com a chegada da família real, as transformações foram ocorrendo. Os setores mais atingidos foram o social, econômico e cultural, surgindo daí a necessidade da instrução para a capacitação da força de trabalho. Para atender às exigências do Império Português, muitas ações foram realizadas – criação de escola de medicina, fundada em 18 de fevereiro de 1808, logo após a chegada de Dom João VI ao país, sob o nome de Escola de Cirurgia da Bahia, transferência da Biblioteca Real, criação da Imprensa Régia (primeira imprensa oficial que criou o primeiro jornal impresso do Brasil). De acordo Nelson Werneck Sodré, “A imprensa surgiu no Brasil em 1808, com a criação da Imprensa Régia por D. João VI, onde se imprimiam exclusivamente toda a legislação e papéis diplomáticos de qualquer repartição do serviço real da corte” (SONDRÉ, 1998, p. 19). Todas essas mudanças contribuíram, de forma superficial, para o aumento da prática da leitura.

As oportunidades de leitura começaram a crescer após a abolição da censura e o término do monopólio real da imprensa, em que o governo mediava as operações que envolviam, como partes interessadas, escritores, livreiros e impressores. Nesse período outras tipografias passaram a funcionar, ajudando no processo de propagação da leitura.

Com a proclamação da independência, as discussões sobre a difusão da leitura acentuaram-se, tornaram-se presença marcante em todos os movimentos que então agitavam o cenário político brasileiro. Depois, já no Período Republicano, com o surgimento da Escola Nova, muitas reformas foram motivadas no sentido de atender ao desenvolvimento e à escolarização do povo. O ensino tinha como base preparar o aluno para desenvolver trabalhos práticos e para a atuação em atividades desportivas.

Dentro das reformas realizadas no Período Republicano, o positivismo foi o que contribuiu para que a educação passasse a ser gratuita e pública. Esse pensamento se baseava no ideal de transformação do ensino como incentivador das mudanças sociais que objetivava transformar a sociedade brasileira e contribuiria para um processo de evolução e modernização.

No governo de Getúlio Vargas, a educação era vista sob seu ponto de vista, baseando-se nos aspectos políticos e ideológicos do então presidente. A ideia de leitura passa a relacionar-se com a ideia de alfabetização que buscava uma formação para o civismo, a disciplina e o nacionalismo. Nesse contexto, a leitura era controlada, pois poderia conter ideias subversivas, contrárias aos princípios da Pátria.

No Período Republicano implantou-se uma educação que abrangia todas as atividades políticas, econômicas, sociais e culturais do sujeito. Esse período representou grandes mudanças na educação aqui no Brasil. Dentro do processo de modernização, pelo qual o país passava, a educação era a solução vista pelos republicanos e sofreu grande influência das ideias da filosofia positivista. Assim, foram implantadas algumas reformas no nosso sistema educacional, mudando-se a metodologia aceita até então. A Reforma Benjamin Constant apresentava um ensino gratuito e laico; a Reforma Rivadávia Côrrea buscava promover a formação do cidadão brasileiro. A última Reforma conhecida por João Luiz Alves se preocupou em oferecer conhecimentos a sociedade com valorização da ética e da nacionalidade. Quanto à leitura, buscava-se um método capaz de transformar o sujeito num leitor mais dinâmico.

Depois desse período, muitos fatores contribuíram para o desenvolvimento da prática da leitura. Foram discussões, leis, entre elas a primeira Lei de Diretrizes e Bases, que definiu e regularizou o sistema de educação brasileiro, tendo como base os princípios presentes na Constituição Federal de 1988, que dispõe acerca da educação como direito de todos e dever do Estado e da família. Foi esse processo que acelerou a democratização da escola e a integração entre escola e comunidade, métodos apropriados, novas posturas do educador e do educando, buscando resolver problemas na educação brasileira.

Na história do Brasil, a escolarização da leitura sempre se colocou próxima às questões religiosas, políticas ou econômicas. O ato de ensinar a ler não tinha o objetivo de transformar o cidadão e muito menos a sociedade. Todas as épocas foram marcadas pela ordem política e econômica que acabou por influenciar o desenvolvimento da leitura na escola e na vida dos indivíduos. Silva esclarece que:

[a] “crise da leitura” com índices baixíssimos de qualidade de leitura não é um problema somente de nosso século XX e XXI. Ela vem sendo produzida desde o período colonial, em paralelo com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas bem estruturadas nas escolas e com a inexistência de políticas concretas, menos utópicas, para a popularização da leitura e do livro (SILVA, 1986, p. 21).

A leitura permite que o sujeito³ perceba mais claramente as transformações do mundo, compreenda o que acontece a sua volta. Na sociedade letrada em que vivemos, a leitura possibilita reflexão e, principalmente, fornece meios para a crítica e as mudanças necessárias.

Segundo Albuquerque,

[se] o ensino da leitura e da escrita sofreu mudanças diversas ao longo da história, nas três últimas décadas variados aspectos têm influenciado e transformado bastante as formas segundo as quais esse ensino tem sido concebido e posto em prática. Fatores como os avanços teóricos na área, mudanças nas práticas sociais de comunicação e o desenvolvimento de novas tecnologias têm forjado novas propostas pedagógicas e a produção de novos materiais didáticos relacionados à alfabetização inicial e ao ensino de línguas em geral. No contexto brasileiro, vivemos desde o início da década de 1980 um amplo debate sobre esses temas. Pesquisadores com formação em distintos campos – psicologia, linguística, pedagogia etc. – têm procurado redefinir a leitura e a escrita, bem como seu ensino e sua aprendizagem (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008, p. 1).

Assim, entendemos que a leitura tem papel fundamental na vida do sujeito e no processo de ensino e aprendizagem, pois ela permite difundir e, também, contestar crenças, valores e ideologias. No cenário educacional brasileiro, a leitura serviu como meio para apregoar muitos princípios como: religiosos, científicos, nacionalistas, disciplinadores, capitalistas, entre outros.

1.2.2 A leitura crítica

O ato de ler constitui-se em uma tarefa que está sempre presente em todas as atividades executadas na escola. É necessário ler para que os conhecimentos sejam ampliados. A leitura precisa fazer parte da vida dos alunos como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem e também como parte necessária para o desenvolvimento cognitivo e sociointeracional. Para ler, os alunos devem buscar um envolvimento físico e mental, relacionando-o à vida em sociedade. Devem aprender a decodificar e interpretar os símbolos e sons com significado. Ler requer concentração e muita atenção por parte do leitor. É bom que o aluno, durante o processo de leitura, faça anotações, levante questionamentos, marque

³ Segundo Benveniste, “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego” (1991, p. 288). Este se constituirá em sujeito quando conseguir colocar a linguagem em ação juntamente com o outro.

pontos importantes e tente fazer relações entre conhecimentos já adquiridos, como afirma Freire:

O leitor utiliza estratégias necessárias para a compreensão de um texto, os níveis de conhecimento ativados pelo leitor no ato da leitura são indicadores de maior habilidade e competência. O texto em si não possui significados, ele apenas fornece pistas para que o leitor construa esses significados partindo do conhecimento e das experiências que já adquiriu ao longo de sua vida. Assim, a compreensão de um texto acontece quando o leitor ativa o conhecimento prévio que possui. Esse conhecimento integra vários outros, como o conhecimento linguístico, o textual e o de mundo (FREIRE, 2003, p. 38).

Dentro do processo de leitura, destacamos a leitura crítica que abre diversas possibilidades para os educandos. Esse tipo de leitura exerce muitas funções dentro e fora da escola, como informar, educar, entreter, persuadir ou expressar uma opinião ou ideia, partilhar sentimentos e pensamentos, modificar e aprimorar o posicionamento ideológico, desvendar crenças, valores e relações de poder, aprender a argumentar e a exercer sua cidadania, faz pensar, permite um amplo desenvolvimento da imaginação criativa relacionada à linguagem e à cultura.

Dentro desse contexto, para um bom desempenho da leitura, Silva destaca que:

Ao buscar a compreensão do texto [...] o sujeito [leitor] executa as atividades de constatação, cotejo e transformação. Na constatação, o sujeito situa-se nos horizontes da mensagem, destacando e enumerando as possibilidades de significação; no cotejo, o sujeito interpreta os significados atribuídos; na transformação, o sujeito responde aos horizontes evidenciados, re-elaborando-os em termos de novas possibilidades (SILVA, 1988, p. 95).

Assim, é por meio da constatação, cotejo e transformação que o aluno experimenta refletir, conhecer, compreender o mundo, interpretar e analisar, de maneira crítica e autônoma, as diversas informações que lhe são fornecidas todos os dias e momentos. Nesse sentido, é preciso que o aluno disponha de conhecimentos e habilidades capazes de transformar esse momento num ato prazeroso e de aprendizagem.

Tornar-se um leitor crítico vai além de simplesmente ler e compreender um texto. É preciso entender que ler é muito mais que aprender. É tornar-se um sujeito que apresenta uma profunda interação entre o texto que está sendo lido e o mundo em que vive, como instrumento de transformação, com capacidade de concordar ou discordar da leitura feita de forma consciente e ativa.

Ler criticamente envolve uma troca de experiências entre leitor e autor, em que o indivíduo busca um posicionamento ativo diante da leitura feita, fazendo com que essa leitura passe a ter um papel importante em sua formação. Esse leitor passa a ter consciência de sua realidade e de seus problemas e procura enfrentá-los, sem, no entanto, tornar-se mero reprodutor de ideias.

A leitura crítica estabelece uma relação entre o leitor e o mundo, gerando situações de questionamentos de si mesmo e das suas relações sociais. Ela favorece o esclarecimento de dúvidas, apura a consciência, desperta os questionamentos e favorece a compreensão de mundo. Sendo assim,

A leitura terá de se tornar algo que possibilite a criação ou a (re) criação de novas janelas por parte do leitor, janelas que darão rumo ao mundo que ele deseja descortinar à sua frente. A leitura deverá ser parte do processo de libertação e de identificação do homem. Qualquer homem deverá saber que com a leitura o seu universo pode sofrer transformações incomensuráveis, sejam elas físicas e/ou psíquicas. É possível descortinar um mundo oculto pelo ato de ler, e isso é imprescindível que todos saibam. (ALMEIDA, 2006, p. 149).

Portanto, a leitura deve ser trabalhada e incentivada pela família, pela escola e pela sociedade, pois ela proporciona aquisição de novos conhecimentos e acesso ao mundo letrado. Devemos buscar sempre a formação de leitores que sejam autônomos, conscientes e preparados para exercer seu papel como cidadãos ativos.

1.3 Formação do leitor

A sociedade passa por transformações o tempo todo e é a educação que proporciona transformações capazes de modificar o sujeito e o mundo em que vive. No entanto, é necessário que o homem abandone tudo aquilo que o impede de ser um sujeito intelectual e socialmente capaz. Nesse aspecto, a leitura faz do ser humano alguém capaz de refletir criticamente sobre o mundo.

É necessário que se criem oportunidades de aproximação entre o leitor e o objeto escrito, o texto, para que haja possibilidade de convivência entre os dois. Segundo Freire, “quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no

mundo, como transformação dele” (FREIRE, 2005, p. 68). Nesse sentido, precisamos resolver os problemas que impedem a população de ler.

A questão da leitura, desde há muito, vem sendo discutida. Brandão, por exemplo, afirma:

A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos. (BRANDÃO, 1994, p. 89).

Nesse processo, a escola precisa propiciar oportunidades de leituras diversificadas, seja de autores da literatura ou não. Precisamos criar situações em que o aluno vá desenvolvendo diversas habilidades de leitura. Primeiro com o que já está habituado e, de forma progressiva, apresentando novas situações de leituras. É a escola, como uma das instituições formadoras de pensamento, que precisa trabalhar com o aluno todas as competências inerentes ao ato de ler, como compreender, estabelecer relações semânticas, construir sentidos para o que leu. O papel do professor também é muito importante nesse sentido, pois é ele quem se relaciona com o aluno no processo da leitura.

Dentro desse contexto, a leitura crítica serve como colaboradora na aquisição dessas competências e na construção do mundo do leitor. Permite que o sujeito viva situações inusitadas e passe por muitas mudanças. Mudanças que serão capazes de confrontar o que o leitor já sabe com os conhecimentos novos, surgindo desse processo novos conhecimentos. Quando o sujeito lê refletindo, sentindo, indagando, ele está realizando o que chamamos de leitura crítica.

O ato de interpretar e compreender o que se leu proporciona ao leitor autonomia e capacidade de transformação e ação.

Segundo Silva:

[...] pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses, enfim combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às idéias referidas pelos textos. (SILVA, 2002, p. 26).

No processo da leitura, o leitor expande seus conhecimentos, tornando-se um sujeito aberto a novas ideias e capaz de agir. É necessário que o sujeito se preocupe em ler o mundo a seu redor. Se assim não o fizer, a leitura do texto não se desenvolve adequadamente.

Demo afirma que:

O desafio social da leitura detém, como nódulo central, a habilidade da contraleitura, porque é com ela que podemos, com base na habilidade de brandir a autoridade do argumento, não só ir além do argumento, mas principalmente cultivar o saber pensar para melhor intervir. Ler significa tanto compreender significados quanto atribuir significados alternativos ao mundo, emergindo o leitor/autor. (DEMO, 2007, p. 23).

Nesse aspecto, o texto tem um papel fundamental. Ele pode dar sentido ao que se está trabalhando de forma mais significativa; Lajolo afirma que: “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer das nossas aulas.” (LAJOLO, 1993, p. 15). Os professores de Língua Portuguesa têm trabalhado com o texto de forma aleatória, sem nexos com a realidade do educando, buscando sempre priorizar aspectos gramaticais.

Quando falamos em texto, leitura, imediatamente somos remetidos à escola, pois acreditamos ser esse um lugar propício para se desenvolver a leitura e o uso que fazemos dela. Na visão de Rojo, “[...] um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2009, p. 11).

No entanto, o ensino da leitura nas escolas tem sido trabalhado de forma fragmentada, sem preocupação com os resultados. O ensino da leitura tem suas próprias teorias e métodos. Preocupamo-nos somente em associar o ato de ler com a escrita, fazendo com que os dois deixem de ser eficientes. A comprovação dessa ineficiência aparece quando os alunos saem da escola e não conseguem mais ler, nem escrever, tornando-se com pouca ou sem nenhuma prática adequada de letramento. Isso acontece porque a aquisição da leitura não foi trabalhada de forma adequada e satisfatória. Não houve, por parte da escola, a preocupação em formar leitores críticos e autônomos. Nesse aspecto, Silva argumenta: “No meu ponto de vista a questão da produção de leitores assíduos e críticos está íntima – e necessariamente - amarrada à questão das oportunidades educacionais e da existência do ensino de qualidade no âmbito das escolas” (SILVA, 1994, p. 40).

Além de um ensino de qualidade, o trabalho com textos deve estar aliado aos estudos com gêneros textuais, pois são esses que possibilitam um trabalho mais profundo e significativo para os alunos.

1.3.1 O leitor crítico

Falar sobre formação de leitor significa levantar questionamentos sobre as diversas formas como a leitura tem sido vista e trabalhada nas escolas nos últimos tempos. O acesso a essa leitura ainda traduz a ideia de que, sabendo ler, o aluno pode ter contato com os registros escritos e, conseqüentemente, com tudo que a cultura pode fornecer. No entanto, entendemos que, apesar de já ter se estudado tanto sobre o processo da leitura, ainda há muito que ser estudado no que tange à formação do leitor.

Hoje nos deparamos com uma nova realidade. Não basta mais só saber ler, é importante também aprender a usar a leitura e a escrita como uma prática social, capaz de facilitar a comunicação, a aquisição de conhecimentos e ampliação de horizontes no mundo em que se está inserido. Nesse aspecto, o ato de ler torna-se uma necessidade que pode facilitar as relações interpessoais e o acesso ao mundo letrado em que vivemos. É necessário que o leitor compreenda o que foi lido, aprenda com essa leitura, estabeleça conexões entre textos já lidos e faça interpretações diversificadas de acordo os conhecimentos adquiridos.

A leitura constitui-se num elemento importantíssimo na formação do cidadão e, conseqüentemente, na formação de um leitor crítico, leitor esse capaz de construir novos conceitos em relação com as informações existentes no seu meio, de forma mais consciente e autônoma.

Assim, construir novos conhecimentos, apropriar-se de novas informações são processos que estão relacionados com o uso social que fazemos da leitura. A leitura tratada aqui é a leitura crítica, a formação de um leitor consciente, que entende que seu papel não é só reter ou memorizar informações sobre os textos lidos, mas sim compreender o que foi lido de forma dinâmica e autônoma.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),

[a] leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1997a, p. 70).

Essa forma de ver a leitura promove um ensino mais preocupado com o senso crítico do aluno em todos os sentidos. Deve haver uma preocupação em despertar no aluno o prazer em ler e aprender de uma forma mais significativa e prazerosa. É necessário que ele desenvolva sua competência leitora e passe a usá-la em todas as situações.

Nesse sentido, o leitor crítico é aquele que toma uma atitude diante do que foi lido, utiliza estratégias de leituras que ajudem na compreensão do ato de ler. Utilizar estratégias de leitura é muito importante num trabalho de leitura, pois elas dão oportunidades aos alunos de se familiarizarem com os textos, promovendo situações diferenciadas de leitura e compreensão. Esse processo é importante no trabalho com textos, mas não é suficiente.

De acordo com Solé,

[...]para ler, é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão. Também se supõe que o leitor seja um processador ativo do texto, e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão – de comprovação de que a compreensão realmente ocorre. (SOLÉ, 1998, p. 24).

Ser um leitor crítico é ir além da decodificação, é construir significados de forma ativa diante de um texto, é passar de ato de simplesmente ler, para um campo mais amplo e satisfatório, o campo da compreensão e do entendimento do que foi lido. Segundo Kleiman, “[...] o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento de compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado.” (KLEIMAN, 2011, p. 23).

Esse trabalho de leitura só será útil se o aluno puder dispor de um universo diversificado, para que possa entrar em contato com vários tipos de textos que são usados frequentemente no seu cotidiano, podendo, assim, fazer escolhas, no que diz respeito ao seu gosto e suas necessidades. A utilização de textos que promovam a criticidade desse aluno pode contribuir na formação de um leitor crítico.

Quando o leitor toma uma posição crítica ante um texto, ele dá sentido a esse texto, estabelecendo relações, preenchendo os espaços que o autor deixou de forma a contribuir na solução de problemas. Nesse processo, o professor tem um papel muito importante, pois cabe a ele a atribuição de ensinar a ler e produzir textos; nesse aspecto, Solé afirma:

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha

de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha a seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos (SOLÉ, 1998c, p. 65).

Assim, percebemos que os trabalhos feitos em sala sobre leitura podem ajudar decisivamente na formação de um leitor crítico. Leitor esse que demonstra competência diante de um texto, posta-se de forma ativa, compreende os gêneros e sua diversidade, analisa não só o texto propriamente lido, mas todos os elementos que compõem o texto.

O ato de ler tem se transformado numa prática que vem ajudando o aluno a aprender a participar ativamente da vida social; nesse sentido, precisamos refletir e buscar sempre mudanças em prol da prática escolar, incentivando o trabalho com leitura, que vise sempre às vivências sociais, culturais e individuais do aluno com o sentido de fazer fluir nesse leitor o senso crítico e sua interação com o mundo.

Dessa forma, entendemos que existem várias possibilidades de formar leitores. A responsabilidade recai sobre a família, a sociedade e, principalmente, a escola, que tem a função de ensinar o aluno a tornar se crítico, autônomo e capaz de “ver” além das palavras.

1.4 Os gêneros textuais

A todo momento nos deparamos com uma diversidade de gêneros textuais. Quando lemos um panfleto, um jornal, uma cartaz, um cartão, um e-mail, estamos convivendo com os gêneros textuais no nosso cotidiano. Assim, a prática social da linguagem estará sempre relacionada a um determinado gênero.

Nesse aspecto, Marcuschi afirma que os gêneros textuais são:

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem aparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

O autor dá destaque aos gêneros textuais, ressaltando que podem ser alterados de acordo com as necessidades sociais, e que pode ocorrer assimilação da forma de um gênero por outro gênero, fenômeno chamado de hibridização pelo autor.

Já Bakhtin (2003) diz que, de acordo com cada época, os grupos sociais possuem um conjunto de gêneros do discurso que mostra a realidade ou o cotidiano em processo de transformação. Assim, percebemos a amplitude, complexidade e heterogeneidade das relações dialógicas refletidas nos enunciados e sempre se relacionando com o uso da língua.

1.4.1 Gêneros textuais e ensino

Os estudos sobre texto têm se ampliado muito nos últimos tempos. Ele passou a ser compreendido de formas diferenciadas e como parte de um processo maior que é a comunicação. Pensando nesse sentido, o gênero textual ganha um destaque especial, pois passou a ser objeto de ensino e aprendizagem. Tornou-se uma necessidade em sala de aula, que deixou de priorizar somente os tipos textuais e passou a trabalhar com outros fenômenos linguístico-textuais e conceitos.

Entender a diferença entre Gênero Textual e Tipologia Textual é muito importante para facilitar o trabalho do professor. Assim, segundo Marcuschi, podemos definir tipo textual como “[...] uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, reações lógicas)” (MARCUSCHI, 2002, p. 22). Já o gênero textual é a forma como a língua se organiza nas inúmeras situações do dia a dia. É a língua em sua atividade social, tanto escrita como oral. É reconhecido pelas características funcionais e organizacionais e pelos contextos onde são utilizados. São formas de interação, reprodução e alterações sociais.

Bakhtin (2003) criticou a classificação tradicional dos gêneros, levou em consideração a heterogeneidade e complexidade dos enunciados e fez uma nova classificação dos gêneros do discurso em: gêneros primários (simples) e secundários (complexos). O que define a classificação em primário e secundário é a complexidade discursiva de cada gênero e não a distinção entre fala e escrita.

Os gêneros primários constituem-se da comunicação verbal cotidiana dos gêneros de discurso (bilhetes, cartas pessoais, diálogos, etc.) e os secundários (romance, teatro, discurso científico, discurso jornalístico, etc.) surgem em circunstâncias de comunicação

culturais mais complexas, principalmente escritas, e absorvem os gêneros primários. A esse fenômeno de absorção do gênero primário pelo gênero secundário Bakhtin denominou de transmutação. Assim, por esse processo, os gêneros primários passam a ser constitutivos dos gêneros secundários.

[...] os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios – por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta [...] só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. (BAKHTIN, 2000, p. 281).

Quando ocorre esse processo de transmutação, um gênero não só absorve e transmuta outro, como também se transmuta.

Para que haja um ensino de qualidade, o professor deve considerar esses aspectos, no sentido de garantir a aprendizagem da língua e da gramática da língua de forma contextualizada⁴ dentro das diversas formas dos gêneros textuais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1997) recomendam que o trabalho com textos deve se basear nos gêneros, pois, assim sendo, a aprendizagem terá mais significado, já que o estudo dos gêneros se constitui, em sala de aula, numa valiosa ferramenta de aquisição dos conhecimentos discursivos.

O trabalho com texto é muito defendido por muitos estudiosos que o priorizam como base para qualquer atividade com a língua materna. Nessa concepção, Marcuschi (2002) e Travaglia (2002) fazem discussões acerca das diferenças entre gênero textual e tipologia textual. Segundo eles, para que ocorra o desenvolvimento da competência comunicativa, é necessário fazer um trabalho com diferentes tipos de textos. Marcuschi (2002) defende que esse trabalho deve ter uma abordagem mais aprofundada nos gêneros textuais, pois acredita que, ao se trabalhar apenas com tipologia textual, o estudo do texto fica limitado e, em alguns casos, poderá trazer sérios problemas para o ensino e a aprendizagem. Travaglia (2002) apoia

⁴ “A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa” (BAGNO, 2000 p. 87). Assim, a gramática deixa de ser a principal fonte de ensino da língua. Os conteúdos devem ser ministrados com atividades contextualizadas, permitindo ao aluno conhecer as variedades da língua e a interiorização das estruturas gramaticais através de vários gêneros primários e secundários. Marcuschi (2002) diz que o trabalho com gêneros textuais cria oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos.

o trabalho com tipologia textual como fator necessário para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, acrescentando que deve haver diversidade de textos, para que o aluno tenha vários recursos de atuação comunicativa.

Mesmo estabelecendo algumas diferenças de ideias, Marcuschi afirma que “não devemos imaginar que a distinção entre Gênero e Tipo Textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária” (MARCUSCHI, 2008, p. 156). Ele diz que tipos e gêneros textuais devem ser vistos como complementares e não devem ser analisados de forma separada, isolada.

Com esse ponto de vista, entendemos que o texto exerce uma função significativa no ensino e na aprendizagem. Assim, ao se escolher o gênero textual que será trabalhado, o professor precisa saber quais as habilidades de leitura e de produção textual que ele pretende desenvolver com aquela atividade para verificar se é aquele material adequado ou não para se alcançar os objetivos propostos.

Para Koch, o texto constitui-se em uma:

[...] manifestação verbal, constituída de elementos lingüísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção de sentidos, como a de fundear a própria interação como prática sociocultural. (KOCH, 2014, p. 31).

Quando o trabalho é baseado em textos, os elementos gramaticais não são deixados de lado, pois são esses que servirão como acesso aos campos enunciativo e pragmático no sentido de compreender as regras da modalidade de língua em funcionamento. Percebemos que o aluno, ao entender o sentido do texto, estará também aprendendo. Nesse sentido, a gramática continua sendo estudada de uma forma diferenciada, abandonando as práticas mecânicas de metalinguagem e abordando mais o domínio do funcionamento da língua em seu uso.

1.4.2 Gêneros textuais e leitura crítica

O trabalho com gêneros textuais em sala de aula é muito importante para desenvolver a capacidade de interação dos alunos. Esse processo faz com que eles comecem a

perceber que todos os gêneros estão presentes em seu cotidiano, e o estudo deles pode ajudar a desenvolver muitas habilidades, entre elas a de ler e escrever.

Dentro dessa perspectiva, podemos ressaltar a obrigatoriedade da escola em formar leitores críticos, capazes de dar significados ao que leem e que vai além da leitura superficial, estabeleçam uma compreensão do lido e consigam dar função à leitura dentro do contexto social. Assim, o trabalho com gêneros torna-se muito importante, pois facilita o desenvolvimento no aluno de suas capacidades de ação linguístico-discursiva, bem como psicolinguística. Assim, o texto pode servir como um mediador entre o leitor e o escritor, cabendo ao leitor o papel de construtor de significados do texto, tendo como base as informações textuais e seu conhecimento de mundo.

Levando em consideração os aspectos mencionados, no que se refere aos gêneros textuais e ao papel da escola, percebemos a importância de desenvolver a leitura de forma crítica, permitindo ao aluno explorar o texto mais profundamente em todos os seus aspectos linguísticos, materiais, fazendo inferências, tendo uma visão crítica do que foi lido e tornando-se capaz de ler nas entrelinhas.

Kleiman afirma que “[...] a leitura desmotivada não conduz à aprendizagem” (2002, p. 35), é necessário que o texto deixe de ser lido mecanicamente, pois, se assim acontecer, ele perderá seu sentido e será esquecido muito facilmente. O texto precisa fazer parte do cotidiano do aluno, pois, assim, ele desenvolverá suas estratégias metacognitivas, ajudará na formulação de hipóteses, facilitando a compreensão e a funcionalidade do texto lido.

O processo de formação do leitor crítico acontece ao longo da vida do aluno. O leitor não se forma rapidamente. É um processo contínuo. Ele vai se construindo aos poucos, em diversas fases e em muitos lugares. Esse processo permite ao leitor ter uma visão do discurso inserido em cada gênero trabalhado. A análise desse discurso permite ao leitor pensar conceitos, rever valores, perceber o mundo em que vive, compreender as relações entre a estrutura social e, principalmente, favorece a intervenção do sujeito com o meio.

Silva diz que

[e]nsinar a ler criticamente significa, antes de mais nada, dinamizar situações em que o aluno perceba, com objetividade, os dois lados de uma mesma moeda ou, se quiser, os múltiplos lugares ideológico-discursivos que orientam as vozes dos escritores nos seus textos (SILVA, 1998, p. 30).

Para se desenvolver leitores críticos, é preciso que os professores tenham como base teorias consistentes de leitura, para que eles possam saber usá-las, pois esse é o caminho mais curto para se chegar a esse objetivo. Eles precisam promover situações de reflexões sobre o texto, ir além de meros questionamentos prontos e acabados. O aluno precisa ser incentivado, e o professor precisa rever suas práticas e ler muito, pois, se o professor é um leitor assíduo, ajudar o aluno a se tornar um é muito mais fácil e gratificante.

Admitindo esse pensar, percebemos o papel determinante da escola e dos professores na formação de leitores críticos. Cabe ao professor obter conhecimentos sólidos no que se refere aos processos sociais, culturais e cognitivos de cada um dos seus alunos, e à escola cabe fornecer meios para que a leitura aconteça. Esse agir acaba por beneficiar a todos: a escola beneficia-se porque cumpre o seu papel de ensinar e propagar a leitura; o professor realiza suas atividades com eficiência e aprende; o aluno, além de aprender, pode mudar sua maneira de ver o mundo e, conseqüentemente, agir sobre ele. No momento de interação, os sujeitos envolvidos poderão melhorar suas leituras, concordando ou discordando de ideias, emitindo opiniões, mudando os conceitos, apreendendo conteúdos de forma significativa.

Segundo Rocco:

A escola, sem dúvida, trabalha com muitas das interfaces da leitura. Há o ler que prioritariamente se detém na busca de informação. Há o ler cuja natureza é puramente funcional. E há o ler do produto ficcional- que deveria ser fonte de grande prazer para os estudantes, mas que, ao contrário, acaba por se constituir em desagradável exercício de coerção, momento em que melhor se evidenciam o autoritarismo e a extemporaneidade que vêm marcando boa parte de nosso sistema escolar. E é nesse mesmo momento que se anulam as possibilidades de fruição da leitura. (ROCCO, 1994, p. 41).

Infelizmente a escola não tem exercido seu papel de formadora de leitores. Ela não tem acompanhado as inovações pelas quais o mundo tem passado. É preciso que os trabalhos de leitura propostos pela escola consigam desempenhar bem a função que lhe cabe, incentivar o aluno a realizar leituras de gêneros textuais variados, interessantes e capazes de despertar prazer de ler nos alunos.

Os PCNs (BRASIL, 1998) sugerem que, nas aulas de Língua Portuguesa, sejam trabalhados diferentes gêneros textuais, para que eles ajudem no domínio de eventos linguísticos presentes no cotidiano do aluno. Assim, a língua deixa de ser estudada só no seu aspecto gramatical, passando-se a privilegiá-la em seu uso diário. Passa a ter uma funcionalidade na vida do indivíduo. Isso significa que, se houver esse trabalho pedagógico, pautado na utilização dos diversos gêneros textuais em sala de aula, acontecerá uma melhoria

na educação no que tange ao desenvolvimento da linguagem e no aspecto crítico dos discentes.

Compete à escola o papel de formar cidadãos, orientar os alunos para a vida. Para tanto, é necessário que haja uma preocupação da escola com seu planejamento. Ela deve oferecer uma prática de leitura eficiente e de qualidade, permitindo que haja uma interação entre os alunos.

Os PCNs dizem que

[e]ssa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (BRASIL, 1997b, p. 41-42).

Nesse sentido, o interesse dos alunos pela leitura deve ser aproveitado, para que seja despertado neles o desejo de ler. É necessário permitir que o aluno faça suas próprias escolhas, assim ele alcançará autonomia e lerá o que lhe despertar o interesse.

Para que exista constantemente um trabalho com gêneros textuais, que favoreça a leitura crítica, precisa haver um trabalho com objetivos concretos, que acompanhem o desenvolvimento dos alunos. Se assim for, a escola poderá formar um leitor que consiga ir além da leitura superficial. Um leitor que compreenda o que lê, o que está implícito por trás da leitura, e aprenda a fazer relações entre esse texto e outros já lidos.

1.5 O Gênero Romance

A escola tem trabalhado com a leitura basicamente como objeto de ensino. É necessário que esse trabalho se torne também objeto de aprendizagem que faça sentido para o aluno. Isso significa que devemos ter uma variedade de objetivos e recursos que caracterizem verdadeiramente a leitura. Os estudos que antes se baseavam em letras, sílabas, palavras e frases soltas deram espaço a uma variedade de gêneros textuais presentes na vida do aluno.

A concepção do ato de ler tem se modificado muito e tem recebido contribuições de estudiosos como Bakhtin (2003), Koch (2003) e Marcuschi (2005). Esses estudos dizem

que a criança, antes mesmo de frequentar a escola, como lembra Freire (1992), já aprende a “ler” o mundo. Mundo esse cheio de informações auditivas, visuais e gráficas.

Nesse sentido, a escola deve dispor de diferentes suportes textuais para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, permitindo uma leitura com sentido e textos com significados. Torna-se preciso trabalhar com a diversidade textual, pois esse trabalho permitirá que o aluno se torne usuário da língua escrita em situações reais de comunicação, sendo necessário que o aluno encontre na sala de aula espaço para expor suas ideias, confrontar seus pontos de vista e construir novas visões de mundo.

Um dos gêneros usados nas escolas e que pode contribuir para ampliar essas visões é o romance, pois ele promove o acesso à leitura, à melhora do letramento, abrindo espaços para se trabalhar outros gêneros na sala de aula.

O romance moderno originou-se no livro intitulado de Dom Quixote, de Cervante e no decorrer dos séculos, sofreu inúmeras transformações. Fortificou-se a partir de 1740, com a publicação de Pamela, de Samuel Richardson e a fundação da primeira biblioteca circulante na cidade de Londres. Passou por um processo de alteração e, no século XIX, já com as características básicas que conhecemos hoje, passou a ser publicado em folhetins. No Brasil, tornou-se popular devido à leitura desses folhetins, caracterizavam-se como histórias ficcionais de enredo, que apareciam nos rodapés dos jornais. Os leitores eram seduzidos pelas emoções, linguagem de fácil entendimento. Segundo Gramsci, “Os folhetins, tanto na intenção do diretor do jornal quanto na intenção do folhetinista, foram produzidos sob a inspiração do gosto do público e não do gosto dos autores.” (GRAMSCI, 1986, p. 124). Todo o desfecho desse tipo de narrativa era determinado pelo gosto do leitor.

De acordo com Tinhorão:

É do romance folhetim que se originaram as principais técnicas do romance no Brasil: a constante intervenção do autor no desenrolar da história, a extrema complicação dos enredos num desdobramento linear de quadros sem preocupação com a verossimilhança; a finalização de cada capítulo em clima de suspense e a surpresa da retomada de personagens e situações anteriores em conexão inesperada com ações atuais. (TINHORÃO, 1994, p. 28).

A separação dos conceitos se efetuou no século XIX, sendo que o folhetim ficou sendo a narrativa com enredo passional e cheia de situações para chamar a atenção do leitor, e o romance ficou sendo o de maior complexidade na forma e no conteúdo e o que permitia a minúcia descritiva, que exporia os problemas sociais.

Dentro da classificação feita por Bakhtin (2000), o romance está dentro dos gêneros secundários – aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como no teatro, romance, conferências, palestras, entrevistas, assembleia, tese científica, entre outros. O romance é uma narrativa que procura transportar para a ficção a experiência humana. Apresenta-se com narrativas longas, divide-se em capítulos, os personagens são variados e vivem situações fictícias, num espaço e tempo diferenciados. O estilo de linguagem é mais livre, no sentido de não necessitar de obediência aos padrões cultos da língua, e a narrativa é em prosa. Histórias secundárias aparecem dentro do romance para ajudar no entendimento da história ou para formar o caráter e a personalidade de certas personagens.

De acordo com Watt, no gênero romance está implícita a ideia de que:

[...] constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias. (WATT, 1990, p. 31).

Além disso, o romance apresenta uma síntese do mundo, um resumo fictício de acontecimentos reais. Quanto a sua estrutura, apresenta personagens vivenciando conflitos diversos. Possui um clímax e um desfecho em que são solucionados ou não os conflitos apresentados. Os diálogos nas falas das personagens servem para criar tensão, despertar emoções, permitem que essas personagens ganhem vida, dando ao leitor oportunidade de manter contato com os acontecimentos de uma cena, daí sua importância dentro do texto. Essas são algumas das características que tornam o romance bem diferente de outros textos narrativos.

1.5.1 Relação autor-texto-leitor de romance

Pensar em romance implica deparar-se com situações que envolvam, sobretudo, autor, texto e leitor. Nessa relação autor-texto-leitor do gênero romance, entendemos que o leitor já estabelece uma recepção do texto antes mesmo do primeiro contato. Ele já possui várias referências, como de mundo, no qual situa o texto que se apresenta a ele. Nesse aspecto, a obra apresentada poderá corresponder ou não com o mundo já conhecido do leitor, fazendo com que ele se aproxime ou se distancie dessas referências. Dentro do processo de

leitura, o leitor não é o ser passivo, que recebe ideias prontas, acabadas. Ele torna-se um ser atuante e ativo, pois sua produtividade entra em jogo e é ele quem vai descobrindo os fios que foram tecidos pelo autor, podendo ou não compactuar com as mesmas ideias.

Para se compreender a obra lida, é necessário que o leitor compreenda as relações internas da estrutura do texto e faça uma recriação da situação externa. Assim, é preciso que haja um equilíbrio entre esses dois polos para que a leitura seja construída dentro do próprio texto.

O leitor possui muitas referências de mundo, aquelas adquiridas ao longo da vida, que poderão expandir-se, tornando-se mais amplas. Aqui, o papel do texto é ajudar ou não nesse processo de expansão de horizontes. Com isso, o leitor estará preparado para adquirir novos conhecimentos por intermédio de novas leituras.

Assim, podemos ressaltar o quanto essa relação, autor-texto-leitor, é interativa. Para existirem, todos estabelecem uma relação íntima e necessária. Um não se pode realizar sem o outro. Existe uma cumplicidade que se estabelece sempre que há o processo de leitura.

Leffa diz que, para haver essa relação, torna-se necessária a presença de, pelo menos, dois desses elementos e que haja um relacionamento entre eles:

No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimentos envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. Em resumo, podemos dizer que, quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo. (LEFFA, 1999, p. 14-15).

Quando falamos em leitura, podemos fazer uma relação entre esses elementos, o leitor com o autor, leitor e o texto e todos os conhecimentos compreendidos na leitura. Dentro desse processo de interação, esses elementos se modificam em vista disso. Assim, percebemos que a leitura de um romance promove mudanças no leitor e, conseqüentemente, em seu mundo.

Assim sendo, entendemos que a leitura, na relação, autor/texto/leitor, requer que o leitor faça uma conexão com conhecimentos já adquiridos e o que está sendo lido. A leitura faz surgir situações e experiências já presenciadas pelo leitor. Nesse momento ocorre uma interação entre o autor, texto e o leitor, sendo que o autor, dentro do seu texto, deve estabelecer pistas necessárias para o leitor dar significado ao que está sendo lido,

transformando essa relação num processo interativo. Quanto mais o leitor participa dessa relação, maior a interatividade entre eles.

1.5.2 O narrador do romance

Contam-se histórias a todo o momento. São narradas situações que foram vividas, testemunhadas, imaginadas, desejadas, sonhadas. Essas narrações estabelecem uma relação entre quem lê e quem conta.

Quando nos dispomos a ler, estabelecemos de imediato um relacionamento com o narrador do texto, pois há uma necessidade de confiança entre leitor e narrador para que seja possível acontecer a leitura.

O narrador se diferencia muito do autor, pois, enquanto o autor é um ser real que realiza ações humanas, o narrador pertence à história, conta a história. Segundo Santos e Oliveira (2001, p. 3), o narrador “não é quem efetivamente escreve o livro [...]. A voz do narrador não é a voz do autor [...]. O narrador é uma criação do autor. A voz do narrador é a ficção de uma voz”⁵.

De acordo com as características e limitações que definem como o autor vai contar a história, podem ser colocadas várias perspectivas, também chamadas focos narrativos: narrador onisciente e onipresente, personagem e observador.

O narrador é uma peça muito importante dentro da narrativa. Entre os elementos essenciais, ele é o único que permanece durante toda a narrativa, pois os outros podem desaparecer conforme seja conduzida a narração. O narrador sempre estará presente, e a escolha dessa figura pode influenciar em toda a trajetória da história. Seu papel é de extrema importância e contribui para o desenvolvimento de variadas narrativas.

Quanto ao papel do narrador, Benjamin diz:

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida. [...] Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar luz tênue de

⁵ Quanto ao gênero autobiografia, Lejeune diz que é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2008, p. 14).

sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Benjamin afirma que, apesar da importância do narrador, ele já não consegue mais ser tão eficaz. A chegada dos tempos modernos gerou certo desinteresse da população para a manutenção da tradição, o narrador perdeu sua capacidade de narrar. Ele denuncia a “crise da modernidade”, que pode ser comparada com a morte do narrador.

O narrador da obra *Capitães da Areia* é onisciente, pois conhece toda a história, toda a movimentação dos personagens e apresenta-se como um espectador. A trama é narrada em terceira pessoa, ele não se envolve, como personagem, com os acontecimentos narrados. Em algumas situações dá mais importância a alguma personagem, pois demonstra uma atenção maior, dependendo de quem está falando. Critica os poderosos e estabelece uma conexão com os humildes.

O estudo desse narrador apresentado por Jorge Amado torna-se importante para a formação de leitores críticos porque ele estabelece uma ligação entre ficção e vida real, permitindo ao leitor comparar o tema lido com o mundo em que vive. Há uma abertura para que o leitor faça inferências e consiga uma aproximação entre personagens e autor.

1.5.3 A Contribuição do romance *Capitães da Areia* para a formação de leitores críticos

Ler pode fazer mudar nosso modo de pensar, agir, ser, viver experiências novas e já vividas. O ato de ler forma leitores, o ato de continuar lendo forma leitores críticos e autônomos.

Nesse aspecto, a obra *Capitães da Areia* pode ser uma boa aliada na construção de uma leitura crítica dentro da sala de aula; apesar de ter sido escrita há muito tempo, ela consegue, de forma atemporal, chegar aos nossos dias. O livro trata dos menores abandonados, que sofrem discriminação, passam por dificuldades, seres humanos capazes de sonhar e desejar dias melhores.

As atitudes dos *Capitães da Areia* são determinadas pelo fato de não terem pai, nem mãe, por sentirem fome e serem influenciadas pelo tratamento que recebem. Pelo povo são considerados delinquentes, bandidos sem recuperação; por parte das autoridades o tratamento é desumano, e isso faz nascer em cada um o ódio contra todos, fazendo com que

eles continuem roubando, assaltando, maltratando, aterrorizando, como resposta pela forma como vivem.

Para ilustrar esse assunto, é possível recorrer a Duarte, que afirma:

Na época, o livro foi um escândalo. Além da questão do erotismo, o ponto de vista das crianças ladras não era aceito. Jorge tem um olhar humano e as transforma em figuras humanas e não em monstros. O autor não defende o roubo, mas ele mostra porque as crianças agem assim. Elas roubam porque têm fome, porque não têm pai e mãe. (DUARTE, 1996, p. 114).

A importância da leitura dessa obra está na sua contribuição, no que diz respeito a como o problema da marginalidade infantil iniciou-se há muito tempo e persiste até os dias atuais. É considerado um dos livros mais lidos da literatura brasileira, principalmente pelo público jovem, que busca nessas leituras compreender o nosso país. É nesse contexto que entendemos a importância dessa obra na formação de leitores.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

2.1 O Centro Educacional de Pindaí: o *lócus* da pesquisa

O local da pesquisa permite ao pesquisador uma vivência que traz interações entre o pesquisador e o sujeito. Assim, o nosso *lócus* de pesquisa será no CEP- Centro Educacional de Pindaí, no município de Pindaí na Bahia.

Em 1900, Pindaí era um simples povoado logo elevado a distrito de Umburanas com o nome de São João da Gameleira. No ano de 1918, passou a distrito de Urandi sendo que, em 1945, recebeu o nome de Pindaí, pois São João da Gameleira coincidia com o nome de outro município baiano. No dia 13 de fevereiro de 1962, criou-se o município desmembrado de Urandi, sob a lei estadual nº 1.617, publicada no diário oficial do dia 20 de fevereiro deste mesmo ano. Foi instalado como independente a 7 de abril de 1963.

O nome Pindaí é de origem indígena - do Tupi Guarani. Este nome foi dado pela professora Eponina Zita, mudança esta que se baseava na Lei Estadual 12.978 de 01 de junho de 1944 que determinava a mudança nos nomes de cidades e distritos que tivessem nomes idênticos. Após levantar algumas características locais da região e sabendo do número de nascentes de água na serra, bem como a principal que era o Rio de Contendas, surgiu então o nome de Pindaí que foi apresentado e aceito. Este nome permaneceu até o ano de 1965 quando foi apresentado, devido a grande produção de algodão que existia no município na época, o nome de Ouro Branco. Porém, este nome não se oficializou devido coincidir com um distrito de Jacobina, no estado da Bahia, voltando então ao seu nome anterior. Está localizado na região da Serra Geral, Sudoeste do Estado da Bahia. Município de pequeno porte com o total de 15.616 habitantes, sendo que, desse total, 3.631 são da zona urbana e 11.863 da zona rural, sendo assim um município com uma zona rural extensa, particularizando sua grande cultura agrícola.



FIGURA 1 - Vista parcial da Cidade de Pindaí
Fonte: arquivo pessoal

O Centro Educacional de Pindaí foi fundado em 1975 para atender à demanda de alunos que concluíam o Ensino Fundamental de 1ª à 4ª série. A admissão na 5ª série era feita através de um teste de verificação de habilidades elaborado e aplicado pelos próprios professores da instituição. Em pouco tempo chegou à categoria de escola de grande porte com, aproximadamente, 1500 alunos. O curso de Magistério de 1º grau marcou o seu apogeu. Durante os primeiros vinte e nove anos, sua linha de crescimento indicou um desenvolvimento significativo para todo o município.

A escola mencionada apresenta muitos problemas, como a deficiência curricular, indisciplina, desmotivação dos alunos, repetência, evasão escolar e baixa qualidade de ensino. No entanto, busca desenvolver um trabalho educativo voltado para a melhoria de vida dos educandos que, em sua grande maioria, enfrentam trabalhos na Zona Rural.

2.2 Sujeitos da pesquisa

A intervenção foi desenvolvida especificamente com discentes do 9º ano A, com uma turma de 32 alunos, oriundos da Zona Urbana e Rural. Alunos de todas as classes sociais.

Muitos provenientes de famílias desestruturadas, outros são abandonados pelos pais que vão para os grandes centros em busca de melhores recursos ou para o corte de cana e colheita de café e deixam para trás os filhos com as mães, chamadas de viúvas de maridos vivos, devido ao longo período que os maridos passam fora de casa, com os avós ou qualquer parente. Essa ação acaba por influenciar diretamente no comportamento e na aprendizagem dos alunos.

Esses alunos apresentam problemas referentes à leitura. Uns têm mais acesso a leituras diversificadas, outros não. Isso acontece devido às dificuldades de acesso à cultura letrada, grau de importância dada à leitura e falta de maturidade. Para esta pesquisa, optamos por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo, que consistirá no levantamento de informações e estudo a respeito do nível de leitura dos alunos desta escola. Dados que nortearão as atividades que serão realizadas, com o gênero romance, no sentido de estimular o hábito de ler.

2.3 Metodologia

Quanto ao processo de desenvolvimento da leitura crítica, propomos uma ação que propicie uma reflexão mais aprofundada e a implementação de soluções para o desenvolvimento dessa leitura nos alunos.

Para esta pesquisa, a metodologia utilizada foi a intervenção pedagógica, que consistiu no levantamento de informações e estudo a respeito do nível de leitura realizada pelos alunos desta escola. Serão observados aspectos referentes aos tipos de leituras feitas, tomando como base o desenvolvimento de cada um na formação de opiniões críticas. As fontes de coletas de dados utilizadas serão: a observação, a entrevista e a pesquisa bibliográfica, pois ao mesmo tempo em que valorizam a presença do investigador, também dão espaço para que o sujeito investigado tenha liberdade de participar e enriquecer a investigação.

Segundo Lakatos e Marconi:

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos, em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam esses métodos são ciências. Dessas afirmações, podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada da ciência, mas não há ciência sem emprego de método científico. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 44).

Para que a pesquisa científica seja aceita, precisa ser elaborada seguindo uma metodologia, para que então tenha relevância no âmbito acadêmico. Assim, para esta pesquisa, optamos por utilizar a pesquisa-ação, que, segundo Thiollent:

[...] é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1985, p. 14).

Esse método identifica o problema e a necessidade de mudança dentro de um contexto, analisa o significado dos dados levantados e intervém no sentido de agrupar a pesquisa e a ação.

2.4 Descrição metodológica das atividades

As atividades de intervenção foram baseadas na observação feita na turma, em conversas em sala de aula e nos primeiros textos produzidos pelos alunos. Começamos a executar a proposta no dia 06 de junho e terminamos no dia 05 de agosto de 2016. Ao final do período de coleta de dados, encontravam-se em nossas mãos textos produzidos por alguns alunos. Esse instrumento serviu para a realização de uma análise dos materiais produzidos, no sentido de compreender o contexto deste estudo. Assim, foram planejadas ações que fossem capazes de motivar os alunos, instigando neles a curiosidade e preparando-os para a experiência envolvendo leitura crítica.

2.5 Material

Para esta pesquisa foi escolhida a obra *Capitães da Areia* do escritor Jorge Amado. O romance foi escolhido por tratar de um tema que vivenciamos hoje em dia e que, apesar de ter sido escrita há muito tempo, continua atual. O livro aborda uma denúncia quanto à situação de abandono, violência e exploração de menores no Brasil.

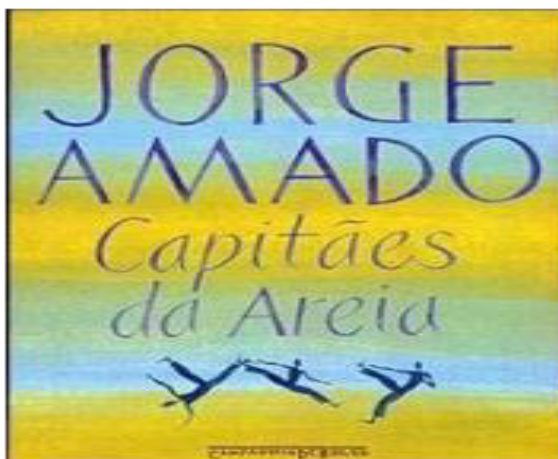


FIGURA 2 - Capa do livro *Capitães da Areia* do autor Jorge Amado

Fonte: Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/literatura/capitães-areia-resumo-obra-jorge-amado-703759.shtml>> Acesso em: 10 ago. 2016.

O gênero aqui mencionado é de cunho social e busca mostrar uma realidade sobre os menores abandonados no Brasil, sua trajetória, seus pensares, suas ações; procurou também denunciar a exploração e o descaso com os meninos de rua.

Estudando esse gênero, percebemos que o problema com os menores abandonados no Brasil não é nada novo. Sempre tivemos meninos abandonados na rua que furtam, vivem envolvendo-se com drogas, são vistos como marginais e não são observados pelas autoridades e pessoas em geral, que costumam “fechar os olhos” para a realidade.

A obra *Capitães da Areia* denota a fragilidade da criança de uma forma dinâmica e eficiente. Nela podemos ver e entender como as crianças que são abandonadas viveram e vivem ao longo dos anos. Permite um estudo comparativo e principalmente faz-nos pensar e refletir sobre a situação real do Brasil e do meio em que vivemos. Trabalhar com esse gênero, que mostra, em seu conteúdo, situações reais do nosso cotidiano, poderá ajudar a despertar o senso crítico em nossos alunos e, ainda, poderá suscitar a necessidade de modificar nossa realidade.

Diante do que foi citado, adotamos a concepção de leitura como um processo pelo qual decodificamos, compreendemos, interpretamos e retemos algo, compreendemos que uma prática leitora adequada pode ajudar o leitor no desenvolvimento das competências discursivas, pragmáticas da linguagem. Torna-se necessário, então, uma maior atenção à concepção de leitura que os professores estão utilizando em sala de aula e de como as práticas leitoras são realizadas.

Nesse sentido, consideramos a necessidade de reconhecer a participação da família e da escola no desenvolvimento do hábito de leitura, e a formação de um leitor capaz

de associar diferentes textos, compreendê-lo e, principalmente, conseguir expressar sua opinião sobre o assunto.

3 RELATO DAS ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO

Como parte obrigatória deste trabalho, a proposta de intervenção foi desenvolvida na turma do 9º ano A, do Centro Educacional de Pindaí, o trabalho foi muito gratificante, pois fizemos um diagnóstico preciso no que diz respeito ao nível de leitura dos alunos desta escola.

Pretendemos com este trabalho desenvolver uma proposta capaz de dar novo direcionamento às aulas de Língua Portuguesa bem como utilizar obras literárias como espaço de aprendizagem. A obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, serviu como recurso textual e discursivo para o desenvolvimento da prática da leitura crítica.

A escolha dessa obra deu-se pelo fato de alguns alunos vivenciarem situações parecidas com as registradas nela. O uso desse romance serviu como motivação para os alunos lerem um livro como forma de aprenderem mais sobre a realidade em que estão inseridos, como também proporcionou situações de aprendizagem bem diversificadas.

Quando nos propomos a elaborar uma atividade de intervenção, que será aplicada na sala de aula, devemos buscar formar em nossos alunos um senso crítico que seja capaz de ajudá-los no seu cotidiano. Assim, entendemos que a elaboração desta proposta conseguiu atingir o objetivo proposto, que era o de trabalhar com o gênero romance no desenvolvimento do processo de domínio da leitura crítica dos alunos, no sentido de estimular o questionamento, a análise e reflexão mais aprofundada dos textos lidos, destacando a importância da leitura para a formação de leitores críticos, autônomos e capazes de interagir de forma ativa no meio em que vivem.

Através das atividades realizadas, proporcionamos aos alunos um estudo do gênero romance, possibilitando que eles conhecessem suas principais características, bem como, ao fazerem a leitura e estudo da obra, pudessem, também, realizar uma leitura crítica, compreendendo e interpretando o que estavam lendo.

Durante a realização da proposta, relacionamos a obra com um documentário atual⁶, que retrata uma situação semelhante à da temática do livro, além de atividades orais de interpretação, dando ao aluno oportunidade de expor seu pensamento. Procuramos apresentar uma obra que retratasse situações próximas das vividas pelos alunos de nossa comunidade escolar, pois entendemos que os textos trabalhados em sala devem estar próximos da

⁶ *Filho da Rua*, de Letícia Duarte.

realidade do aluno, para que o processo de leitura se torne mais significativo e que contribua nas práticas sociais de leitura vivenciadas pelo aluno.

De acordo com Lopes-Rossi:

[...] Cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, à sua produção escrita e circulação social... (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71).

Quando o aluno entende as características do gênero que está sendo estudado, ele poderá criar ideias relacionadas a ele. Assim, o professor poderá realizar atividades de produção textual, e o aluno conseguirá escrever um texto com qualidade.

Infelizmente, no colégio onde a proposta foi realizada, o professor enfrenta muitas dificuldades no que se refere ao trabalho com livros literários. Apesar de ter uma biblioteca, o acervo é insuficiente para atender à demanda de alunos, também não há diversidade, o que torna difícil a realização de determinadas atividades. Entendemos que o espaço destinado à leitura deve ser atraente e convidativo para que os alunos sintam vontade de entrar e usar os livros ali expostos.

Para a realização de nossas atividades, tivemos que fazer algumas cópias da obra em estudo, para que cada aluno pudesse fazer a leitura de forma mais prazerosa. Quanto à participação da turma nas atividades propostas, os alunos, na sua grande maioria, mostraram-se interessados, contribuíram com a pesquisa, lendo a obra e respondendo às atividades. Por fim, fizeram tudo o que foi planejado de forma espontânea.

Iniciamos nossas atividades com uma apresentação de uma peça teatral com ex-alunos da escola, que participaram em 2012, das comemorações do centenário de Jorge Amado. A dramatização parafraseava a situação dos menores abandonados no Brasil. Na oportunidade, os ex-alunos falaram de Jorge Amado e de suas obras:

“Não conhecia as obras de Jorge Amado até chegar ao 9º ano. Em 2012 participamos do projeto de Centenário do escritor, promovido pela professora de Língua Portuguesa Cláudia Fabiana. Naquela época, tivemos que lê uma obra qualquer desse autor. Não gostei, pois leitura não é meu forte. Escolhi O gato Malhado e a Andorinha Sinhá porque era pequeno e colorido. Depois que li, a professora disse que agora, eu deveria ler um livro apropriado para minha idade e sugeriu Capitães da Areia. Li por obrigação, mas adorei a história e

todo o trabalho feito a partir dele. (Y.S. 16 anos).

“Li um livro de Jorge Amado em 2012, podia escolher qualquer um. Acabei escolhendo Tieta, pois sempre gostei de ler. Trabalhamos uma unidade toda com esse escritor. Além da leitura, aprendemos sobre ele, visitamos o site Fundação casa de Jorge Amado e realizamos uma grande culminância. Foi bom.” (V.S. 16 anos)

“Ler Capitães da Areia foi muito bom. Apesar de ter lido por obrigação na época, gostei muito e até hoje consigo me lembrar da história.” (B.C. 16 anos)

“As obras de Jorge Amado são interessantes, gostei de ler sua obra e aprendi muito com a forma que ele fala dos problemas sociais em suas obras.” (S.S. 16 anos)

Comentamos sobre as opiniões dos ex-alunos e sugerimos que, além de *Capitães da Areia*, eles lessem também outros livros do escritor.

Partimos, então, para a realização de uma pesquisa sobre o interesse dos alunos em leitura literária, com o objetivo de saber se os alunos já trabalhavam com esse tipo de leitura e se realmente liam os textos sugeridos pelo professor.

Antes da produção inicial, realizamos uma pesquisa para saber como os alunos lidavam com o processo de leitura literária (APÊNDICE). Vejam o resultado:



GRÁFICO 1 – Sobre leitura
Fonte: Elaboração própria

Mediante as informações expostas no GRÁF. 1, percebemos que nem todos os alunos gostam de ler. Fato já comprovado no ano de 2015, quanto atuamos com Língua Portuguesa nessa turma.

Percebemos que 62% gostam de ler e 38% não gostam, consideramos esse índice alto por se tratar de uma turma de nono ano.

É necessário que o professor incentive o ato de ler, promovendo momentos de leitura, atividades relacionadas à leitura e projetos voltados sempre para esse ato.

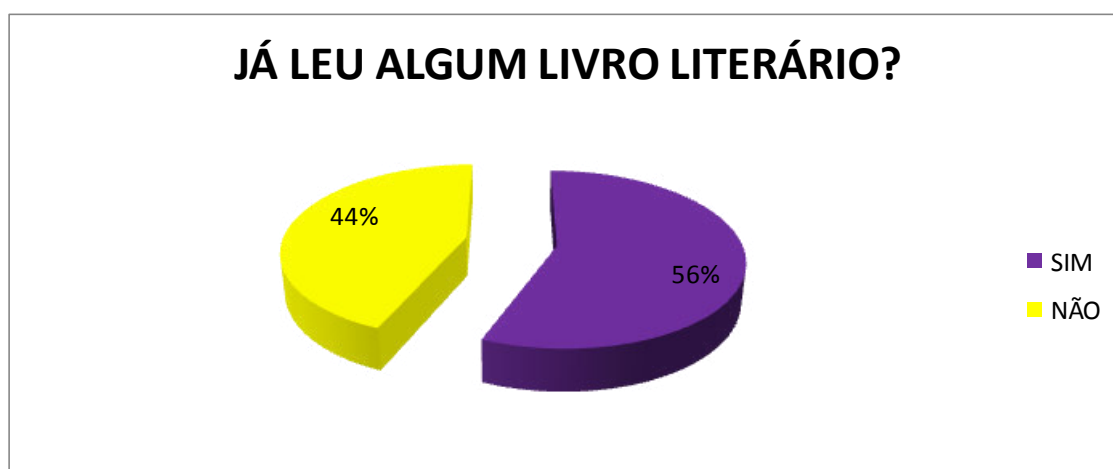


GRÁFICO 2 - Sobre leitura literária
Fonte: Elaboração própria

Com relação à leitura de livros literários, 56% dos alunos já leram algum livro literário, os dados apontam que um número considerável de alunos já teve acesso a algum livro literário. Nesse sentido, entendemos que o professor pode contribuir para que esse índice aumente, motivando seus alunos, indicando leituras, incentivando-os a procurarem a bibliotecas para pegarem livros emprestados, fazendo visitas a esse ambiente para que possam ler com prazer e, conseqüentemente, se tornarem leitores assíduos.

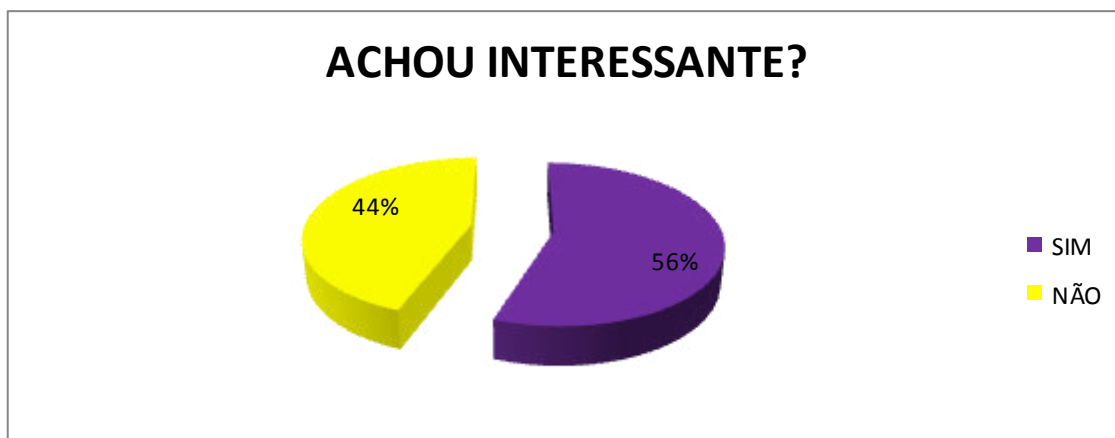


GRÁFICO 3 - Leitura interessante
Fonte: Elaboração própria

De acordo com o resultado do gráfico 3, percebemos que 56% dos alunos consideraram os livros interessantes e 44% não acharam a leitura interessante. Entendemos que o índice de alunos que não consideram a leitura como interessante, acontece devido à automatização da leitura. São obrigados a ler para cumprir as tarefas sugeridas pelo professor. As “fichas de leitura” são exemplos clássicos disso. Fichas técnicas que, muitas vezes, já vêm prontas, sem considerar a realidade dos alunos.



GRÁFICO 4 - Indicação de leitura
Fonte: Elaboração própria

O resultado do gráfico revela que 37% dos livros literários lidos pelos alunos foram indicados pelo professor e 63% leram por conta própria. Esses resultados demonstram que os alunos têm acesso à leitura dentro e fora do seu contexto escolar e que, muitas vezes,

não o fazem porque não são orientados. A escola precisa ter consciência de que ela é formadora de leitura e, assim sendo, deve incentivar os professores a fazerem projetos que visam incentivar os alunos no processo de leitura. Quando desenvolvemos trabalhos voltados para leitura, estamos ajudando nossos alunos a se tornarem pessoas autônomas. Percebemos que os alunos não gostam muito de ler. Muitos só conseguem fazer atividades de leitura quando se sentem obrigados. Alguns demonstraram que, além de gostarem de ler, o fazem por prazer.

O diálogo foi reiniciado com a realização de um jogo de imagens que remete à realidade dos meninos de rua no Brasil (gravuras, desenhos, fotografias extraídas de sites de internet) como parte do momento de sensibilização, buscamos destacar o perfil dos jovens que vivem na rua, bem como saber sobre suas experiências de vida, seus sofrimentos, suas relações sociais, etc.

Conforme afirmam Marcuschi e Dionísio,

Todo professor tem convicção de que imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal. Da ilustração de histórias infantis a um diagrama científico, os textos visuais, na era de avanços tecnológicos como na que vivemos cercam-nos em todos os contextos sociais. (MARCUSCHI; DIONÍSIO 2007, p. 195).

Assim, a escola precisa se empenhar em preparar os alunos para ler imagens, cores, tipos de letras e articular essas informações ao texto verbal, para que o aluno possa construir uma leitura com sentido.

Nessa atividade, buscamos estabelecer um contato dos alunos com imagens que estão, de alguma forma, associadas ao enredo do romance em estudo. Escolhemos essas atividades como forma de motivação pelo fato de os alunos terem um grande acesso a imagens de todos os tipos. Imagens essas que fazem parte do processo comunicativo dos alunos e que aparecem em todos os lugares, sejam eles públicos, privados, virtuais.

Nessa perspectiva, Barbosa diz:

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

O mundo das imagens é muito rico em conhecimentos, cabe ao professor aprender a explorar esse universo, usar estratégias que consigam fazer com que os alunos tomem atitudes críticas e reflexivas diante de uma imagem.

Na realização da atividade com imagens, apresentamos fotos relacionadas com a realidade dos meninos de rua no Brasil, o que se parece muito com a situação retratada na obra em estudo. Para cada imagem apresentada, eram feitos questionamentos referentes ao que se estava apresentando. Os alunos iam respondendo e, assim, participaram ativamente. Buscamos fazer com que todos os alunos participassem, ora deixando para quem quisesse responder, ora citando nomes. A difícil vida dos meninos marginalizados era observada pelos alunos.



FIGURA 3 - Meninos de rua

Fonte: http://www.lookfordiagnosis.com/mesh_info.php?term=Menores+De+Rua&lang=3. Acesso em: 14 abr. 2016.



FIGURA 4 - Crianças abandonadas

Fonte: <http://www.hypeness.com.br/2014/06/eles-tem-personalidade-como-uma-fotografa-canadense-esta-chamando-a-atencao-para-os-meninos-de-rua-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 10 abr. 2016.



FIGURA 5 - Namoro precoce

Fonte: Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/arletesoares/galleries/72157622502085614/>. Acesso em: 10 abr. 2016.



FIGURA 6 - Crianças morando em lixão

Fonte: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/arletesoares/galleries/72157622502085614/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.



FIGURA 7 - Violência Policial

Fonte: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/arletesoares/galleries/72157622502085614/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.



FIGURA 8 - Abandono

Fonte: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/arletesoares/galleries/72157622502085614/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.



FIGURA 9 - Violência na escola

Fonte: Disponível em: <<http://www.iceu.com.br/noticiasDetalhes.asp?id=1780>>. Acesso em: 11 abr. 2016.



FIGURA 10 - Violência doméstica

Fonte: Disponível em: <<http://www.net-bebes.com/familiasocial/diga-nao-a-violencia-psicologica>>. Acesso em: 11 abr. 2016.



FIGURA 11 - Violência psicológica

Fonte: Disponível em: <<https://lptlptf.wordpress.com/author/3wert0n/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.



FIGURA 12 - Violência social

Fonte: Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/crise/noticia/21806/Informe-Otalvora---Cuba-estimula-violencia-politica-no-Brasil/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.



FIGURA 13 - Violência Social

Fonte: Disponível em: <<http://www.noticiasmvs.com/#!/noticias/aumento-de-violencia-politica-causa-alarma-en-argentina-173>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Diante da exibição das imagens, levantamos questões que abriram discussões interessantes como: O que essas imagens mostram? Essas imagens fazem referências a que problemas? O que vocês sentem quando observam essas imagens? Como você acha que é a vida dessas crianças e adolescentes apresentados na imagem? Quais os tipos de violências presentes nelas? Vocês conhecem alguém que vive nessa situação? Alguém aqui convive com crianças ou adolescentes nessa situação?

Na sequência, depois da apresentação de imagens com vários tipos de violência os alunos questionaram sobre a violência na época de eleição. Imediatamente, buscamos na internet uma imagem relacionada à violência política e discutimos o assunto. Devido ao fato de ser ano de eleições municipais, e as questões partidárias fazerem parte da vida dos alunos, o tema foi bastante discutido. A divisão partidária era visível na sala. Alguns alunos só falavam dos candidatos e, em alguns momentos, até argumentavam bem, defendendo os candidatos escolhidos pelos pais ou parentes. Falavam em propostas e aproveitamos para discutir com eles sobre as melhores propostas para nosso município.



FIGURA 14 - Violência política

Fonte: Disponível em: <<http://www.semanaon.com.br/conteudo/4013/o-brasil-dos-extremos>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Depois das atividades de leitura e análise das imagens, os alunos produziram um texto inicial com o tema violência e marginalidade infantis, tendo como base os conhecimentos prévios sobre o assunto e a realidade de cada um. Discutimos brevemente a temática para que os alunos pudessem produzir o texto solicitado. Para produção desses textos, realizamos uma conversa informal sobre o assunto. Pedimos que eles seguissem a estrutura já estudada para produção de textos argumentativos. Reiteramos que a proposta não tinha como foco principal questões relacionadas ao estudo da linguagem literária por meio da observação de fundamentos linguísticos, mas a exposição de ideias empregadas na construção de parágrafos argumentativos.

Para essa atividade, optamos por fazer uma análise voltada para a exposição argumentativa da temática. Observamos também os mecanismos linguísticos que são necessários para a produção de uma boa argumentação, sem, no entanto, fazer desse item o mais importante. Consideramos mais relevante observar se o aluno compreendeu a proposta de escrita e se conseguiu organizar e interpretar e suas opiniões relacionadas ao tema em estudo.

Texto do aluno 1:

A Marginalidade

É

A violência infantil

A marginalidade é quando as pessoas vivem da sociedade. São as pessoas que não tem consciencia do seus atos, eles não tem informação mas também podem ter sido espancado em casa sido chingado pelos seus pais e isso é muito grave, porque eles seriam por medo do que podai acontecer, e lá nas ruas eles acharam. Drogas coisas eradas crimes assassinados, assaltos para eles não voltam para casa, pois isso que ele as todos os dias se torna viciante dizem eles: “porquê eu volta pra casa se lá eu vou ser espancado!”

Pois nas ruas eles tem drogas, dinheiro carros. A marginalidade muitas vezes e causadas por problema familiar pois as família não ajudam não dão a educação devida.

Os maginais são as pessoas mais carentes que eles buscavam o amor que não te em casa, em roubos, drogas, carros, joias em artigo de luxo eles buscam a ostentação. Busca o amor que não teve! em bens materiais.

Percebemos que o aluno apresentou problemas em relação às informações, argumentatividade. Apresentou dificuldades na estruturação do texto. Não apresentou bem o tema, bem como não conseguiu desenvolver seus argumentos e ideias de forma eficaz.

No primeiro parágrafo apresentou uma ideia sobre o tema que foi negada no último parágrafo. As ideias estão confusas e precisando de reformulação.

Percebemos que o aluno não explora os argumentos que ele mesmo mencionou. Não faz uma distribuição adequada dos argumentos, prejudicando o texto e dificultando a compreensão por parte do leitor. É preciso que o aluno conheça a estrutura característica de uma argumentação, permitindo uma melhor organização das informações expostas.

Texto do aluno 2:

Marginalidade é violência?

No mundo esta cheio de pessoas que usam drogas acabando com a sua propria vida usando drogas. um vicio sem cura e que não leva ninguém a lugar nenhum, o que atinge também as pessoas são as bebidas alcoolicas, que as pessoas acabam embriagando e descontando sua embriaguez no seus filhos destruindo sua família.

Existem muito no Brasil e a violencia infantil que as crianças sendo espancado pelos seus pais, crianças de 8 Anos ja estão sendo estrupados por pessoas de maior de Idade fazendo absurdos, isso acontece pelo o uso de drogas e bebidas que afetam e acabam agrendido as crianças inocentes. Os adolescentes de hoje usam drogas por falta de conhecimento e informações. Meninas de 12 anos sendo abusada sexualmente egravidas. Essas coisas são algumas realidade de um mundo destruído por causa disso tudo.

Partindo do pressuposto de que a estrutura de um texto argumentativo apresenta: introdução – abordagem do assunto e apresentação do ponto de vista, desenvolvimento – defesa, baseada em argumentos do ponto de vista escolhido, e a conclusão – que faz uma retomada da tese inicial e reforça os argumentos, percebemos que o aluno não seguiu essa estrutura, deixando o texto confuso, dificultando a compreensão.

Ele começa o texto falando sobre drogas e imediatamente já faz conclusões. Não apresenta o tema, induz a uma conclusão sobre algo que ainda não foi discutido. As justificativas apresentadas sobre violência infantil são argumentos do senso comum, muito usados pelos alunos. E muitos são válidos. Porém percebemos também que faltou uma fundamentação, uma argumentação mais consistente.

Texto do aluno 3:

Marginalidade e
violência infantil

Marginalidade é uma pessoa marginal que vivem com a margem da sociedade a alguns deles não tem mínimo de caráter umas pessoas que ta nem ai para a sociedade que não tem nenhum respeito. E a violência infantil e uma pessoa muito mal que não ta nem ai para o que faz eles só faz o que não é certo a violência infantil é um ato desigual muita das vezes a violência não é só por agressões físicas são também por emocional que são agredidas emocionalmente que é uma violência muito grave também. por exemplo você tendo sempre presente em alguma briga familiar principalmente de seus pais que sempre viveram Juntos para depois estar brigando isso é uma coisa muito triste principalmente para os filhos que amam os seus pais e varia de tudo para velos bens sem nenhum problema familiar ou de pessoas mal de fora que só quer fazer o mal sem emportar pra nada principalmente para as familia da pessoa que foi violenta.

O aluno produziu um texto que se estruturou num único parágrafo. Demonstrou não ter conhecimento sobre o assunto em discussão, pois apresentou informações incoerentes. Percebemos que não houve planejamento nem revisão do texto. Houve uma tentativa de analisar o problema proposto. No entanto, as ideias foram equivocadas e simples demais.

As informações não estão bem relacionadas, o que acabou por deixar alguns trechos inadequados. Ele falou dos tipos de violência: física e emocional e exemplificou com a situação familiar.

Texto 4:

Marginalidade e violência infantil

A marginalidade é um dos fatores que mais tem assolados jovens e adolescentes do mundo todo, principalmente no Brasil. Podemos ver pessoas se infiltrando no mundo das drogas e o mesmo é responsável pela marginalidade, são inumeros jovens no Brasil todo deixando se levar por pequenos momentos e destruindo não só suas vidas mas a vida de outras famílias.

A violência infantil ocorre por conta da marginalidade, pois quando as pessoas se tornam violentas, fazendo com que espangue mulheres e filhas estamos vivenciando um mundo em que a violência física esta fazendo parte da vida de muitas famílias brasileiras.

Com isso tudo estamos presenciando pessoas que estão correndo risco de vida, as pessoas precisam se conscientizar e assim podemos mudar o mundo.

O texto apresenta alguns problemas estruturais, mas apesar disso, o autor conseguiu ser objetivo com suas ideias. Percebemos que estruturalmente, a introdução ficou muito longa, perdendo suas características principais, o segundo parágrafo, destinado ao desenvolvimento e exposição de argumentos, só apresentou fatos sobre violência infantil sem, no entanto, fundamentar-se melhor.

O aluno apresentou vários dados, numa tentativa de discutir o tema, mas não conseguiu fazer uma organização coerente. Alguns comentários são bons, mas faltou uma ligação entre os tópicos apresentados, o que comprometeu a unidade textual.

Texto 5:

Marginalidade e violência infantil

Marginal são pessoas que vivem a margem da sociedade. A violência infantil é um ato desingual, um ato desumano é quando pessoas são agredidas e não é só a violencia física e também tem varias violências. A violência física é aquela que voce é agredida fisicamente tem também a violência emocional que você é agredida emocionalmente quando sua família por exemplo esta em crise, e seus pais estão brigando e você vivencia aquilo todo dia.

Minha opinião sobre a violência infantil é que a violência é um ato desumano e não é só porque você tem uma classe social mais alta não quer dizer que você pode bater ou tratar alguém mal.

A violência infantil acontece quando em casa quando na rua, muitas crianças são agredidas em casa pelos pais e acaba indo para a rua sendo expulsa pelos pais e muitas vezes fugindo para não sendo agredida novamente, tem também o abuso, muitas crianças são abusadas sexualmente nas ruas e também em casa pelos pais, o pai as vezes pode ser pedofalo e a criança não sabe, e acaba sendo estuprada pelo próprio pai

Esse texto não apresenta ideias claras e coesas, dificultando a compreensão. Logo, notamos que as ideias contidas no texto do aluno 5 não formam uma sequência interligada. O primeiro parágrafo é muito longo e mistura muitas ideias. Suas frases nem sempre transmitem sentido. Podemos perceber que o aluno tem boas ideias relacionadas ao tema, mas precisa fazer uma análise e, assim, poderá produzir um bom texto.

Texto 6:

A violência e seus danos

A violência e marginalidade são retratados pelos meios de comunicação de massa, são presenciados vários tipos de violência como a física, psicológica, verbal, negligencia, política, cultural, violência contra a mulher e a violência infantil. Olhos se fecham diante desse problema o tornando cada vez mais comum.

Os jovens estão se perdendo cada dia mais no mundo dos crimes, drogas, álcool e deixando de viverem sua juventude como realmente deveria ser vivida. Crianças lhes tirando o direito de viverem como criança e de aproveitarem sua infância corretamente. E as famílias, todas destruídas por esses maus que as rondam diariamente.

Contudo, esperamos que a sociedade rate esse assunto com sua devida importância e atenção para tentar revertê-lo e tirá-lo do cotidiano da sociedade.

O texto se estruturou em três parágrafos distintos: no primeiro, o autor faz uma boa introdução, apresentando os tipos de violência e salientando que esse problema é visto todos os dias e que pouca coisa está sendo feita, demonstrando que o autor compreendeu a proposta e sugere que a sociedade reveja seus conceitos.

O segundo parágrafo reflete sua visão sobre tema, bem como expõe suas ideias de forma bem clara. Na conclusão, ele pede uma solução para o problema e diz que a sociedade pode e deve resolver as questões presentes no seu cotidiano.

Texto 7:

Marginalidade Infantil???

No mundo em que vivemos hoje Em dia tornou – se critico esse fator: Com o desenvolvimento da sociedade avansos tecqunologicos, infelizmente tornou – si insustetavel

e critico. digamos Que não é Esse o foco mais convenhamos Que teve uma pequena Contribuição para esse fato.

Tabem vem Em frente o fato falhar vemos Que desestruturada Com pais Que não se importam Com o bem Estar e Educação de seu filhos. Como já de vários modos já presenciamos Em nossa sociedade pais dependentes Quimicos Alcoolatras ETC. Ai Que Esta os problemas tornando – si menores delinquentes ou abandonados. porem não tenham culpa de Que fujam, Que não se impressionam Com exemplo de Trabalho Que Encontra naquele estabelecimento de Educação e que por meio da fuga, abandone seu ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados ainda mais perversos como – si o Exemplo Que Houvesse recebido fosse mau. a Cada dia que se passa torna – si mais Critico o Que fazer???

Como agir infelizmente Só deixo iterrogões.

De fato Essa Situação é insustentável.

Texto confuso, misturando as ideias. Parece que há uma preocupação em apresentar fatos sem, no entanto, fazer a estruturação necessária para melhor formar um texto. Falta coesão e coerência. As declarações são soltas, prejudicando a compreensão de alguns pontos.

Texto 8:

Marginalidade (violência infantil)

A realidade doi muito por ver crianças sendo escravizadas. Muitos pais escravizam seus filhos outros abandonam, e lá na rua eles sofrem muitos as vezes de fome, sofre abusos sexuais, envolve com drogas.

Muitas crianças não tem prazer de dizer sou criança. Por causa dos atropelos que tem em sua idas. Isso preocupa muito nossa sociedade.

E a parte que as crianças apanham de seus pais, ficam cicatrizes horríveis dá muita pena, o mundo tem que enfrentar a realidade e quem transforma esse mundo são as pessoas sem noção do que uma vida vale, e os tráfico que crianças participam isso faz com que a criança cresça come essa abito, isso é muito preocupante. O nosso pais tem que acordar e vê que isso depende dele, Aquelas crianças todas espancadas algumas ficam ate com sequelas, tem gente que não tem amor nem aos seus filhos, por que quem bate nos filhos e agem dessa ação não tem sentimento.

O texto consegue apresentar o ponto de vista do autor, fazendo uma análise do tema abordado deixando muitas questões confusas e sem definição. Apesar de ter muitos problemas linguísticos, de coesão, o autor consegue demonstrar um pouco de compreensão do tema e busca apresentar suas razões para defender seu ponto de vista.

Texto 9:

Marginalidade e Violência

Infantil

A realidade do mundo de hoje dói de se ver, crianças morando na rua, usando drogas. Muitos dos pais que não tem consciência, jogaram seus filhos nas ruas. As crianças sofrem muito porque não tem um lar, uma família para sempre estar por perto. Muitas crianças não tem prazer de dizer que é uma criança não só pelos tráficos e sim por não ter uma família. O mundo tem que enfrentar a realidade de violência e marginalidade no mundo inteiro.

São as pessoas que devem ter consciência de quanto uma vida vale, nós só vencemos uma vez, só temos uma vida para viver.

Os tráficos que as crianças participam, faz com que elas cresçam com o abito de usar drogas, isso é muito preocupante para o nosso Brasil.

Temos que denunciar essas pessoas (homens) que acham que mandam que betem em crianças e até mulheres. Esses pais devem ter mais amor por seus filhos e tem que ter consciência que uma criança precisa de apoio, cuidado, amor, carinho, e não o abandono.

Temos que transformar esse mundo em um mundo melhor, temos que começar fazendo a nossa parte fazendo o que agente acha que é certo.

O autor do texto procurou falar sobre os dois assuntos propostos no tema. Explica o tema de forma genérica. Quanto à estrutura, apresenta cinco parágrafos, sendo que o perágrafo introdutório é muito grande e já apresenta todas as ideias sobre o tema. O texto contém muitas declarações que fazem com que o seu entendimento seja prejudicado, pois as ideias estão muito soltas e sem nexos.

Texto 10:

Marginalidade Violencia Infantil

Hoje a realidade, doeu muito por que crianças não brincam mais são forçadas a trabalhar, usar entorpecente, muitos pais, escravizam os próprios filhos como se fosse animais.

Crianças hoje são usadas como objetos sexuais, muitos sofrem abusos a troca de comida e de moradia, outros sofrem dentro da própria casa, pelos próprios genitores, muitas delas não têm prazer de olhar, e dizer sou criança ou adolescente feliz e isso preocupa muito para quem tem consciência que isso é um crime e que cada dia vem aumentando sem que alguém tente frear, é preocupante.

A violência infantil muitos principalmente quando as crianças levam na rua, tem também o abuso muitas crianças e adolescentes são abusadas sexualmente, muitas vezes desses abusos acontece pelos pais, tem muitas crianças amam seus pais e mesmo assim são abusadas por eles, e para não acontecer o abuso pela segunda vez muitos deles vão morar na rua e outros fazem totalmente ao contrário escondem das suas mães.

O texto acima mostra que o autor tem compreensão do tema e procura tomar uma posição sobre ele, apresentando alguns argumentos bem pertinentes ao tema proposto. No entanto, ao fazer uma análise do problema, deixa o texto muito cheio de informações que carecem de análise.

Após a análise dos textos iniciais, percebemos que os alunos, apesar de saberem um pouco sobre o tema, têm dificuldade em fazer uma leitura crítica da realidade. Alguns textos podem ser avaliados como medianos a bons, pois apresentaram ideias até relevantes sobre o tema, outros conseguiram produzir parágrafos com uma aceitável adequação quanto à coesão. No entanto, os problemas relacionados ao desenvolvimento da argumentação prejudicaram a qualidade das produções.

Entendemos que, se o tema for bem trabalhado, repensado e os textos forem reescritos, poderão deixar de ser medianos e se tornarem bons, com opiniões bem mais definidas.

Após as atividades acima relatadas, iniciamos então, uma nova etapa do trabalho de intervenção com a apresentação do escritor Jorge Amado. Falamos sobre sua vida e obras. Relembramos com os alunos as obras que serviram de tema para novelas e filmes. A apresentação foi interessante e os alunos foram falando os enredos das novelas, pois muitos conheciam algumas. Quanto à obra *Capitães da Areia*, perguntamos se já conheciam, se alguém já tinha lido. Diante do posicionamento dos alunos, incentivamos para que falassem de que a obra tratava, de acordo o título, e com o que foi discutido nas imagens.

Diante da riqueza apresentada nas obras de Jorge Amado, sentimos a necessidade de fazer uma retomada de temas presentes em seus livros e que marcaram época. O autor conseguiu, por intermédio de seus livros, fazer uma crítica à sociedade da sua época, denunciando os abusos de poder e a corrupção nas instituições sociais, tão presentes na Bahia e no Brasil.

Para a apresentação do autor Jorge Amado, fizemos alguns questionamentos como: Quem foi Jorge Amado? Quem já ouviu falar desse escritor? Vocês conhecem algum livro escrito por ele?

Após os questionamentos, mostramos o escritor Jorge Amado, através de slides, para a turma.

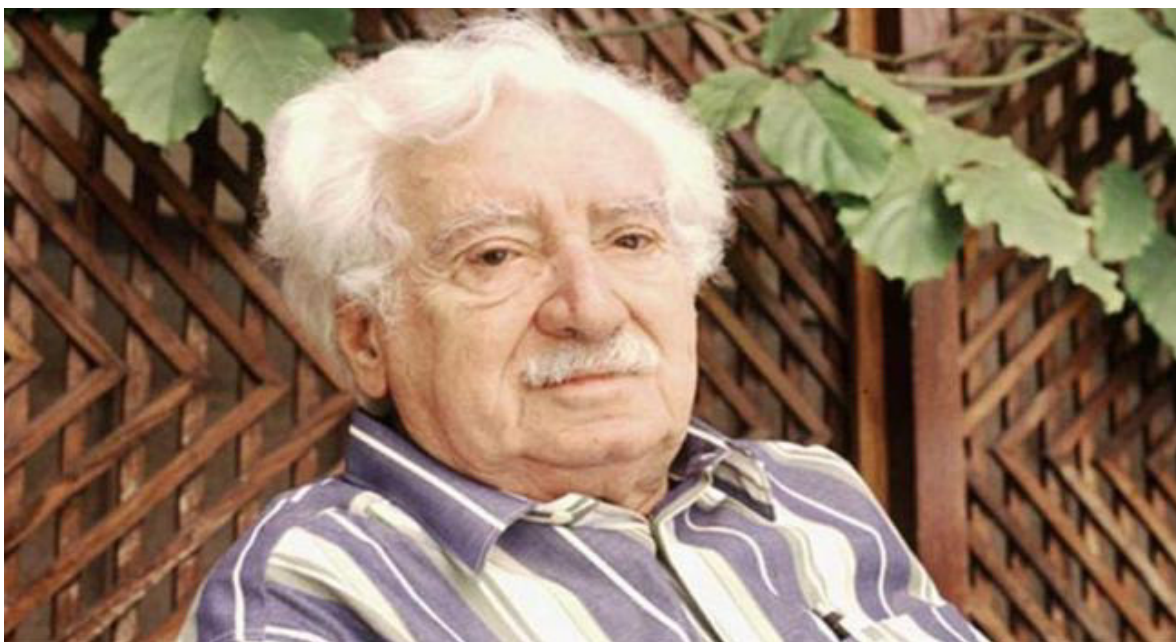


FIGURA 15 - Escritor Jorge Amado

Fonte: Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/cultura/noticias/1702802-jorge-amado-completaria-103-anos-nesta-segunda>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Alguns alunos demonstraram conhecer um pouco do autor, falando, principalmente, sobre as novelas adaptadas de suas obras, como Gabriela e Tieta. Os alunos levantaram um questionamento sobre a atualidade dos temas abordados pelo autor. Disseram que ele era muito “ousado” em suas colocações. Aproveitamos a oportunidade para salientar que precisamos analisar os acontecimentos de nossa sociedade de forma crítica e sem preconceitos e que a literatura pode ser um instrumento de reflexão, pois quando ela aborda temas da vida real ela consegue integrar realidade e ficção.

A obra foi apresentada aos alunos em forma de tópicos, para que os alunos sentissem vontade de ler o livro. Os slides retratavam fatos relacionados à obra, como o ano de publicação, 1937, salientamos que este livro teve a primeira edição apreendida e exemplares queimados em praça pública de Salvador por autoridades da Ditadura. Diante dos questionamentos dos alunos, sentimos a necessidade de falar um pouco mais sobre a Ditadura, principalmente, as consequências desse período para nossa atualidade. Destacamos que o livro apresenta como tema a marginalidade e abandono infantil, bem como os problemas existenciais dos garotos, que acabaram por transformá-los em personagens únicos e corajosos.

Apresentamos o livro e outras versões que já foram publicadas.

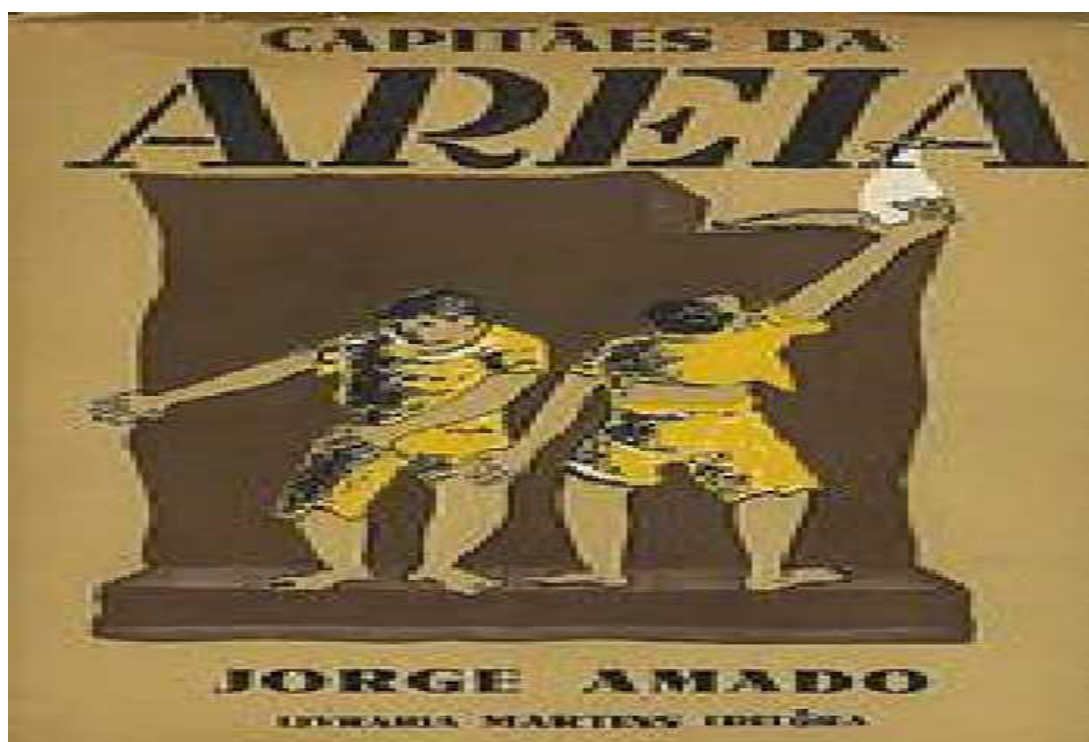


FIGURA 16 - Capa do livro *Capitães da Areia*

Fonte:

Disponível

em:

http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Capit%C3%A3es+da+Areia,+resumo+do+livro,+Jorge+Amado<r=c&id_perso=3443. Acessado em: 10 abr. 2016.

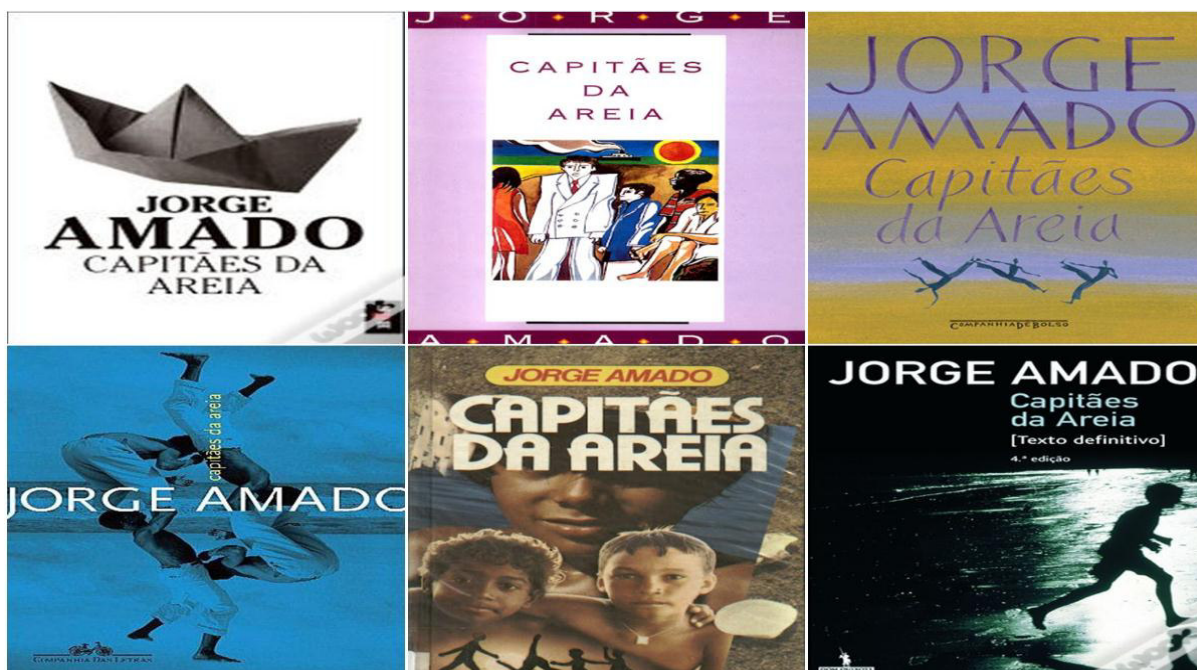


FIGURA 17: Outras capas do livro *Capitães da Areia*

Fonte: Disponível em: <<http://www.cantinadolivro.com.br/2012/07/batalha-da-capas-capitães-da-areia.html>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

Explicamos que, apesar de a obra apresentar várias capas, a história era a mesma. Perguntamos se a temática abordada no enredo da história, crianças abandonadas, é um assunto atual e se continua preocupante no Brasil. Damos um tempo para os alunos discutirem sobre essa questão. Orientamos para a realização da leitura ou releitura do livro.

Essa atividade tornou-se importante, porque percebemos o nível do conhecimento prévio dos alunos sobre a temática em estudo. Por intermédio dos questionamentos, vimos que muitos alunos vivenciam situações próximas das apresentadas na obra. Não temos, necessariamente, crianças abandonadas nas ruas em nossa cidade, mas temos índices muito altos de crianças que foram abandonadas pelos pais e deixadas com avós, tios ou parentes próximos e que nunca mais voltaram. Crianças que, muitas vezes, têm apresentado um quadro de agressividade dentro da escola.

Os alunos mostraram-se bastante motivados, perguntando e falando sobre a obra e questionando sobre a atual situação dos meninos de rua no Brasil. Falaram que “parece que o livro foi escrito agora”, pois os problemas são os mesmos. Para os educandos, as mudanças sofridas por esses meninos estão relacionadas ao uso de drogas, que se tornou mais intenso.

Após a apresentação da obra e das discussões em torno de sua temática, promovemos um debate, dando oportunidade aos alunos de produzirem um quadro comparativo, relacionando fatos atuais com fatos retratados na obra literária. A produção do quadro foi bastante polêmica, pois muitos alunos queriam que seu pensamento fosse

colocado, sem analisar os pensamentos dos outros. Contornamos a situação aumentando o quadro, de forma que cada um que quisesse pudesse colocar suas ideias. A socialização do quadro se deu em forma de debate. Representamos as ideias do autor e os alunos as deles.

Como a quantidade de livros não era suficiente para todos os alunos, resolvemos fazer a reprodução dos livros para que cada um pudesse realizar a leitura de maneira mais calma e atenciosa.

Depois da leitura realizada, fizemos uma abordagem geral sobre a obra, falando que o romance é um gênero textual que faz uma representação interessante sobre a vida de seus personagens e apresenta quatro elementos em sua estrutura: narrador, personagem, enredo e tempo. Sendo que o narrador é aquele que conta os acontecimentos, podendo ser uma das personagens, que as personagens são aqueles que praticam as ações e provocam o desenvolvimento da história. Representam de forma fictícia os seres humano e que podem ser descritos do ponto de vista físico e psicológico. O enredo é sequência dos fatos da narrativa, sugerindo um entrelaçamento de fatos e o tempo demarca as ações das personagens, podendo existir tempo cronológico e o tempo psicológico. Promovemos a exposição do ponto de vista dos alunos, para que pudessem vir a apresentar as causas sociais dos problemas levantados no livro. Continuamos a aula fazendo questionamentos sobre a obra. Elaboramos algumas perguntas:

- a) Com que gênero textual Jorge Amado inicia o livro?
- b) Os textos jornalísticos apresentados pelo autor são um bom modo para introduzir este romance? Eles causam expectativas no leitor?
- c) Qual é a função da notícia de jornal e das cartas na introdução do romance?
- d) Toda a mistura de gêneros textuais (romance, reportagem, carta) apresentados no livro pode ser vista como positiva ou negativa?
- e) Como é retratada a fala dos *Capitães da Areia*?
- f) O que motivava os meninos a cometerem seus crimes?
- g) A falta de apoio e assistência justifica os crimes cometidos pelos meninos?
- h) A obra faz alguma crítica social?
- i) Vocês acham que esse tema apresentado por Jorge Amado é atual? Por que vocês acham que o escritor o escolheu?
- j) Há menores abandonados, hoje, em nossas cidades?
- k) Em qual situação?
- l) Devem ser considerados marginais? Ou seriam vítimas? Justifique sua resposta.

Depois dos questionamentos, pedimos que os alunos fizessem, por escrito, uma apreciação crítica da obra.

Todos os alunos fizeram a apreciação, mas somente 10 (dez) alunos entregaram suas produções e somente 04 (quatro) permitiram que seus textos fossem expostos na escola. Tivemos uma diversidade de respostas. Assim, analisaremos as respostas desses 04 (quatro) alunos. Com a intenção de preservar a identidade dos alunos, vamos chamá-los de alunos 1, 2, 3 e 4.

Resposta do aluno 1:

A obra é interessante, pois retrata a violência e a marginalidade da época e acontece até os dias de hoje. O que mais gostamos foi da possibilidade de poder superar as dificuldades, mesmo não tendo boas condições e viverem uma vida precária. O fato que não gostamos foi a morte da personagem Dora, pois logo disso o grupo se separou e cada um seguiu seu caminho. A linguagem apesar de algumas palavras não serem usadas atualmente, o contexto de fácil atuação.

Percebemos que o aluno 1 gostou da leitura, pois já inicia sua resposta dizendo que a obra é interessante e expõe o que achou mais pertinente na leitura. Faz um comentário sobre o final do livro e mostra o que não gostou. Mesmo estabelecendo que não havia gostado do final triste da personagem Dora, o aluno demonstra ter lido por prazer.

Resposta do aluno 2:

Achei o livro interessante. Parece com as coisas que aparecem na televisão, parece que é igual hoje.

Gostei de quase tudo. Os meninos, o padre e todo mundo que ajuda eles. Não gostei que Dora morreu e Pedro Bala ficou sozinho. Foi triste. Até queria parar de ler. Assim mesmo terminei de ler tudo.

Jorge Amado coloca palavras no livro, mas entendi tudo que ele escreveu. Dá para entender. É difícil, mas dá.

É possível verificar que o aluno faz uma associação entre a temática da obra com o que ele assiste à televisão. Considerou o livro como interessante e, por intermédio das respostas, mostrou ter lido e ter gostado. Faz uma referência à linguagem utilizada pelas

personagens, que falam usando registros populares e, realmente, utilizando termos gíriáticos, alguns considerados pelo senso comum e pelo dicionário como “de baixo calão, imorais” , mas, que sabemos ser uma estilização, na obra, da fala de determinados grupos, ou usadas em determinadas situações de comunicação.

Resposta do aluno 3:

Gostei muito de ler capitães de areia. Em algumas artes que é difícil demais. Acho que Jorge Amado era muito inteligente. O que eu mais gostei foi a coragem deles. Tinham coragem para fazer qualquer coisa.

Não gostei do sofrimento dos meninos e nem de Dora morrer.

A linguagem é fácil só tem alguma palavra que não entendi.

A resposta acima mostra que o aluno gostou de ter lido o livro, mas deixa a entender que a linguagem é um pouco difícil de ser entendida. No terceiro parágrafo, o aluno diz que não entendeu algumas palavras, o que parece ter prejudicado um pouco a compreensão dele.

Resposta do aluno 4:

O livro é muito grande, mas gostei da leitura. Fala de coisas que ainda tem em nossos dias. Crianças abandonadas que sofrem muito. A vida deles é muito ruim.

Gostei de quase tudo. Só não gostei da morte da menina, e deles terem se separados. Achei chato. Entendi “tudo que li. A linguagem é bem diferente da norma”.

No primeiro parágrafo da atividade, o aluno afirma que o livro é grande, mas que apesar disso, gostou da leitura. Faz um comentário interessante sobre crianças abandonadas.

Assim como todos os outros alunos, ele não gostou da morte de Dora, nesse caso percebemos que o aluno consegue se identificar com os personagens, colocar-se na história, pois sente a separação dos meninos no final da obra. Para ele a linguagem foi diferente da que ele usa, mas parece que não prejudicou no entendimento do livro.

Depois dessa atividade, sugerimos que os alunos fizessem uma comparação entre as ideias do escritor e as ideias deles. Para a realização dessa atividade, promovemos um

debate sobre as temáticas levantadas na obra, relacionando fatos atuais (como crianças de rua, violência urbana, etc.) com as situações retratadas na obra literária. O quadro comparativo foi apresentado em forma de debate.

Para estudarmos as personagens, abordamos criticamente a ação e a participação de cada uma no enredo. Fizemos uma apresentação oral das personagens principais, levantando as ações mais significativas de cada uma e promovemos a discussão crítica dessas ações.

Durante esse trabalho, optamos por trabalhar com outro gênero textual para enriquecer o trabalho. Escolhemos um documentário que estivesse próximo da temática da obra já lida. Assistimos e lemos o documentário *Filho da Rua*, de Letícia Duarte, apresentado e publicado pelo jornal *Zero Hora*⁷.

Para trabalharmos com o documentário, iniciamos a aula conversando com os alunos sobre a temática do livro e pedimos que prestassem bastante atenção no que iriam assistir, para que, posteriormente, pudessem manifestar sua opinião a respeito do documentário, o que apresentou de parecido com a obra, as diferenças notadas e fazer uma relação das respostas com o cotidiano de cada um.

Ao fazerem suas colocações sobre o tema, demonstraram ter, em sua maioria, um conhecimento sobre o tema. Muitos disseram que falar sobre o assunto é bem mais fácil do que escrever. Alguns disseram que, apesar de ouvirem falar sobre crianças que vivem nas ruas, nunca haviam visto, na televisão ou internet, nada que tratasse especificadamente desse tema. Após verem o documentário, as discussões se intensificaram. Todos queriam falar. Uns culpavam os pais pela situação da personagem do documentário, outros culpavam o menino, alguns ao governo e uma minoria disse que a culpa era de todos. Partindo dessas discussões, falamos que, na verdade, todos possuem sua parcela de responsabilidade e que, família, escola, igreja, sociedade e instituições políticas devem buscar soluções para esse grave problema social, tão presente em nosso país e que tem destruído a vida de muita gente.

Destacamos a necessidade de ter uma visão crítica sobre a pobreza e a opressão, tão presentes nos textos estudados. A obra *Capitães da Areia* e o documentário *Filho da Rua* trouxeram à discussão a temática das crianças abandonadas, buscando mostrar que nem todas as crianças que se encontram nessa situação são bandidos ou delinquentes.

Após a apresentação do documentário, fizemos uma análise rápida e comparamos os fatos apresentados no documentário com fatos da realidade das crianças e adolescentes que

⁷ Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/pagina/filho-da-rua.html>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

nos rodeiam; levantamos hipóteses sobre as causas dos problemas observados, apresentamos possíveis soluções. Depois de assistir ao documentário fizemos uma comparação com a obra, observando semelhanças e diferenças entre os gêneros.

Para melhor apreensão do tema, além de assistirem ao documentário, promovemos a leitura desse documentário, para que pudéssemos perceber como acontecia a leitura coletiva. Os alunos, de posse do material de leitura, iniciaram a atividade em sala. Buscamos enfatizar a maneira como é tecido o relato, destacando as expressões que marcam o tempo e sua passagem. Durante a leitura, procuramos observar a desenvoltura de cada um e se apresentavam dificuldades com a pontuação e a entonação.

Entendemos que a leitura em voz alta deve ser praticada e conduzida pelo professor. Segundo Cosson,

[L]er para o outro nunca é apenas oralizar um texto. Ledor e ouvinte dividem mais que a reprodução sonora do escrito, eles compartilham um interesse pelo mesmo texto, uma interpretação construída e conduzida pela voz, além de outras influências recíprocas que, mesmo não percorrendo os caminhos sugeridos pela ficção, são relações importantes de interação social. (COSSON, 2014, p. 104).

Durante o tempo em que assistiram ao documentário, percebemos que alguns alunos não se interessaram muito, demonstraram desmotivação e pouca curiosidade, essa atividade foi idealizada no sentido de envolver os alunos, possibilitando novas aprendizagens. Assim, é interessante que os alunos percebam que o documentário é um gênero que circula em várias esferas sociais e em diversos suportes e assim possam fazer uma relação com sua realidade, de forma a facilitar a aprendizagem durante a realização das atividades.

Todas as atividades desenvolvidas buscaram fazer uma leitura, uma discussão, um levantamento de hipóteses e uma análise dos textos estudados, trabalhando de forma crítica e criativa para que o educando pudesse compreender o que estava escrito, numa tentativa de aproximação com o texto literário.

Durante a leitura as discussões sobre a obra, um aluno pediu para ler um trecho do livro:

O Gato deitou. Boa-Vida se estendeu ao seu lado. Quando pensou que o outro estava dormindo o abraçou com uma mão e com a outra começou a puxar-lhe as calças devagarinho. Num minuto o Gato estava de pé: — Tu te enganou, mulato. Eu sou é homem. Mas Boa-Vida já não via nada, só via seu desejo, a vontade que tinha do corpo alvo do Gato, de enrolar o rosto nos cabelos morenos do Gato, de apalpar as carnes duras das coxas do Gato. (AMADO, 2004, p. 33-34).

Depois da leitura, o aluno perguntou se naquela época já havia homossexual e que isso é falta de vergonha, comentário que foi repetido por muitos outros alunos. Assim, percebemos que havia muito preconceito na turma e que seria necessária uma ação mais significativa para mudar a forma de pensar sobre esse assunto. Vale ressaltar, então, que algumas atividades precisaram ser adaptadas, modificadas e ampliadas.

Foram feitos muitos questionamentos relacionados à homossexualidade, já que o livro aborda a questão. Nesse sentido, sentimos a necessidade de propor uma atividade que pudesse atender à curiosidade dos alunos. Assim, promovemos a realização de uma mesa redonda com a presença de representantes de vários setores sociais: um pastor, um vereador, um pai de aluno, um enfermeiro, um acadêmico do curso de direito e um padre. Sabemos da necessidade de termos convidado outros profissionais, como psicólogos, médicos, mas nossa cidade carece de tipos de profissionais como esse.

Para iniciar, apresentamos os convidados e a função de cada um. Depois, apresentamos uma sequência de imagens atuais que mostravam casais homossexuais no dia a dia. Houve manifestações por parte de alguns alunos, repetindo que isso era vergonhoso. Falamos da necessidade que temos de respeitar as opiniões do outro e a forma de viver de cada um.



FIGURA 18 - Casamento homossexual entre mulheres

Fonte: Disponível em: <http://www.emresumo.com.br/2015/06/22/opiniaio-diferenca-entre-homossexualismo-homossexualidade-_100219.html>. Acesso em: 01 mai. 2016.



FIGURA 19 - União homossexual entre homens

Fonte: Disponível em: <http://www.emresumo.com.br/2015/06/22/opinioao-diferenca-entre-homossexualismo-homossexualidade-_100219.html>. Acesso em: 01 mai. 2016.



FIGURA 20 - Adoção de crianças por casal homossexual

Fonte: Disponível em: <http://imguol.com/c/entretenimento/2014/01/20/casal-familia-gays-filhos-1390241084564_615x300.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2016.

Perguntamos aos alunos o que eles pensavam sobre as imagens apresentadas e percebemos que muitos não quiseram expor opiniões sobre homoafetividade. Comentamos a necessidade de respeitar o outro diante de qualquer situação. Alguns alunos disseram que não gostam de “gays”. Depois de muitas discussões sobre a necessidade que temos de compreender as escolhas dos outros, as discussões começaram com perguntas feitas pelos alunos, direcionadas aos participantes da mesa:

- a) O que você entende por homossexualidade?
- b) Você conhece algum caso de homossexualidade em sua comunidade?
- c) Você acredita que uma pessoa escolha ser homossexual?
- d) Se uma pessoa é homossexual, ele pode vir a não ser mais homossexual?
- e) Você aceita a homossexualidade?
- f) O que você pensa e faz quando encontra um homossexual?
- g) E quanto à adoção, você considera aceitável que casais homossexuais possam adotar crianças?
- j) Todos os homens homossexuais são “afeminados”?
- k) Todas as mulheres homossexuais são “masculinizadas”?
- l) Em casais homossexuais, um dos parceiros sempre assume o papel masculino e o outro o feminino?
- m) A homossexualidade é uma doença?

As respostas dadas possibilitaram reflexões, foi muito importante para se discutir o tema homossexualidade e iniciar uma proposta de se trabalhar tal assunto, pois a metodologia participativa é essencial para bons resultados.

Após as discussões, abrimos espaço para os questionamentos. Os alunos escolhiam quem iria responder à pergunta. Os convidados iam respondendo às perguntas e muitos acrescentavam outras ideias. O pastor valeu-se da Bíblia para explicar o porquê de não aceitar a homoafetividade, mas deixou bem claro que respeita todas as pessoas. Disse que tem a Bíblia como regra de fé e de conduta e que é a Bíblia que diz que a homoafetividade é pecado. Disse que a Bíblia está cheia de passagens condenando tal prática. Leu a seguinte passagem para melhor explicar o que estava dizendo: “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles”. (Levítico 20:13). Salientou que segue a Bíblia e que o que ela condena ele também condena.

Durante a mesa redonda, as discussões foram acirradas, a maioria dos convidados colocou-se contra a homoafetividade, expondo suas ideias de forma clara. A estudante de

direito mostrou que o preconceito é crime e que deve ser evitado. O vereador esclareceu que não devemos ter preconceito só porque é crime e, sim, por uma questão de humanidade mesmo. O único que não quis expor abertamente suas ideias foi o padre, que mesmo sendo questionado pelo representante de pais, perguntando-lhe qual é o posicionamento da igreja Católica sobre o assunto, disse que não podia julgar ninguém.

Nesse contexto, percebemos que os educandos passaram de receptores passivos da informação para uma atitude ativa. Participaram das discussões, ora de forma mais calma, ora de forma mais dinâmica, estabelecendo suas próprias ideias. Por fim, percebemos que a atividade foi bem proveitosa.

De modo geral, classificamos positivamente o desenvolvimento dessa atividade. Os alunos se sentiram atraídos e demonstraram interesse em participar. Fizeram questionamentos, expuseram suas opiniões, demonstrando, que, de fato, estavam aprendendo um pouco sobre o tema em estudo.

Com essa atividade, percebemos que os discursos dos alunos carregavam preconceitos, valores, medos e tabus relacionados com a homossexualidade. Nesse sentido, o que dizer ou fazer quando, em nossa sala de aula, nos deparamos com este assunto? Torna-se então necessária uma ação educativa sobre o assunto, abordando o respeito à diferença, à vida digna e ao direito de cidadania. Segundo Maistro:

[...] o trabalho de Educação Sexual na escola, implica em planejamento e ações pedagógicas sistemáticas. Não se trata de palestras, semanas especiais, de cartazes pregados nos murais, mas sim de um canal permanentemente aberto para que as questões sobre a sexualidade possam ser discutidas com crianças e adolescentes, de maneira séria, clara e ampla. (MAISTRO, 2006, p. 6).

Sabemos que os homossexuais são discriminados em todas as dimensões: familiar, psicológica, moral, religiosa, profissional, cultural e que a escola acaba por prolongar a homofobia existente na sociedade, se não estiver preparada para lidar com a questão.

Após a realização da mesa redonda, propusemos uma atividade que permitiu um contato com vários gêneros textuais. Levamos os alunos para uma visita à biblioteca e, na oportunidade, solicitamos que procurassem textos, imagens que retratassem a vida dos meninos de rua. Pedimos que cada um recortasse uma figura para ser colocada no mural que seria montado em sala. Quando todos os alunos conseguiram a figura, retornamos para a sala.

Por conseguinte, eles produziram comentários sobre a imagem selecionada. Cada um ia à frente, mostrava sua imagem e falava do que ela representava, bem como fazia uma

crítica no final. Conseguimos perceber que alguns alunos sentem dificuldades em expor opiniões, enquanto outros falam com uma boa desenvoltura.

Pedimos que cada aluno colasse sua imagem no papel metro e formamos, assim, um painel ilustrado com o título de “A marginalidade infantil” sob a ótica dos alunos do 9º ano A. O objetivo foi confirmar como as atividades com leitura literária podem contribuir com o processo de construção do conhecimento, bem como com a formação de um leitor crítico.

Assim, levando em consideração que a escola é um lugar de socialização, sugerimos que o painel fosse apresentado nas outras salas de 9º ano. Conversamos com os alunos, sugerindo formas de apresentação e selecionamos os alunos que fariam as apresentações. Durante as apresentações, os alunos mostraram o painel, explicaram a situação dos meninos de rua no Brasil, falaram, também, que muitos escritores já escreveram sobre essa tema e citaram a obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, como exemplo. Explanaram que a obra fala sobre a marginalidade e abandono infantil de forma muito interessante e convidaram os alunos para fazerem também a leitura da obra.

Para finalizar esse momento, expusemos o painel no pátio da escola e a imagem do livro, sugerindo a leitura em forma de convite:

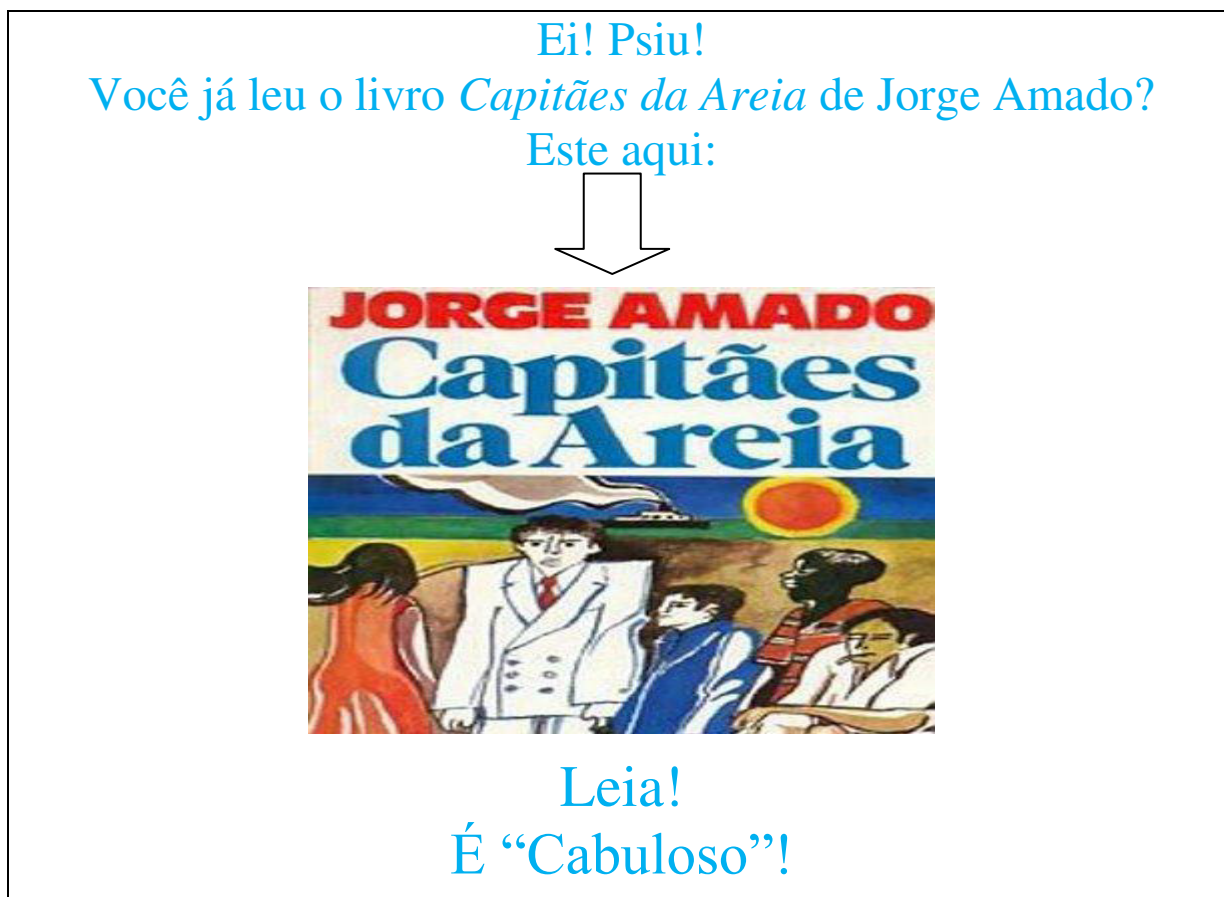


FIGURA 21 - Convite para leitura

Fonte: Disponível em: <<http://capitães-da-areia.blogspot.com.br/2010/11/sinopse-do-livro.html>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Ao retornarmos para a sala, fizemos uma análise de toda a atividade, para que os alunos pudessem apreender adequadamente os objetivos das atividades realizadas até esse momento. O trabalho produzido pelos alunos foi socializado para uma aprendizagem mais eficiente e por ser uma ótima oportunidade para o aluno expor o que aprendeu de forma mais espontânea.

Fizemos, neste momento, uma retomada com os alunos sobre a escrita de um parágrafo argumentativo anteriormente feito e propusemos que articulassem aquelas ideias às ideias adquiridas com a leitura do livro e com o documentário, apontando as principais reflexões que pudessem fazer sobre a temática. Conversamos, novamente, sobre a temática exposta na obra e no documentário. Orientamos, então, que seu texto fosse do tipo dissertativo-argumentativo.

Após a escrita dos textos, leitura oral e apreciação das ideias, em um segundo momento, realizamos a correção e reescrita dos parágrafos. Essa correção constitui-se em uma atividade de interação com o aluno. Sabemos que a correção e a reescrita constituem-se como uma atividade de reflexão crítica, segundo afirmam os PCNs de Língua Portuguesa do 1º e 2º

ciclos quando diz que “[...] o objetivo é que os alunos tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos [...]” (BRASIL, 1997, p. 47-48), uma oportunidade de identificar o que pode ser melhorado no que se refere ao conteúdo, à parte estrutural ou, ainda, à parte argumentativa.

Na produção de qualquer texto, o ato de escrever passa por diferentes etapas como: planejar, escrever, revisar e reescrever. Esses processos são fundamentais na produção escrita. Quando falamos em revisão e reescrita, não estamos nos referindo só à correção dos possíveis erros ortográficos e gramaticais, mas observar se o texto está cumprindo sua finalidade comunicativa.

De acordo com Fiad e Mayrink-Sabinson,

A escrita é uma construção que se processa na interação e a revisão é um momento que demonstra a vitalidade desse processo constitutivo, pensamos a escrita como um trabalho e propomos o seu ensino como uma aprendizagem do trabalho de reescritas. Consideramos um texto como um momento no percurso desse trabalho, sempre possível de ser continuado. O texto original e os textos dele decorrentes podem nos dar uma dimensão do que é a linguagem e suas possibilidades. (FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 55).

Qualquer produção de texto precisa passar por um processo de reformulação no sentido de adequar o que foi escrito aos objetivos referentes à situação enunciativa. Assim, o ato de revisar e reescrever torna-se necessário dentro da prática social de produção de textos.

Após a leitura dos textos e as anotações feitas, propusemos um momento de correção dos elementos linguísticos e refacção dos textos por meio de discussões sobre os parágrafos produzidos, avaliando a adequação do texto quanto à situação comunicativa, ao gênero, ao tipo escolhido e se cumpriu com os objetivos propostos. Todo esse processo ajuda na orientação da reescrita.

Vejamos os textos que foram entregues:

Texto do aluno 1:

A obra capitães de areia mostra o contato das crianças com a marginalidade, e os vícios e a violência continuam sendo uma realidade no Brasil, torando necessários, medidas que resolvam definitivamente essa questão.

Nos meios de comunicação é comum ver várias cenas de violência, às crianças tendo contato com isso acabam sendo influenciadas a praticas videntes, por isso os pais devem tomar cuidado com os jogos que permitem seus filhos e jogar ou até mesmos filmes, a

maioria dele o que mais se vê são conflitos. Violência que podem afetar sua convivência na sociedade.

É perceptível nas grandes e pequena cidades as jovens drogadas nas ruas, principalmente aquelas que são abandonadas por seus pais por motivos como: Falta de recursos para a criação dos filhos, entre outros...

Pode – se observar também que muitos dos adultos que vivem na rua são drogados. Obrigam as crianças á ajuda – los. Isso pode ajudar muitos criminosos como os do comando vermelho que é um grupo de bandidos muito perigoso e as crianças não são suspeitas pelos policiais dentre esse grupo existe vários outros tipos de criminosos podemos citar: os terroristas, por tanto medidas são nessarias para a revolução do inpasse; o Misterio da educação em parceria com o CRAS disponibiliza o maior numero de assistente sociais para que fiquem atentos, se a criança esta sofendo violência, ou ate mesmo a criação de locais espezificos, para que as crianças que sofreram tal agressões se recuperem e tem uma vida normal e o mec com palestras na escolas, para que as crianças conheçam seus crianças conheçam seus direitos e possam.

O aluno faz uma referência à obra lida, salientando a forma como o autor expôs a marginalidade infantil. A temática é abordada com uma mistura de ideias e em alguns casos bem confusas. Apesar disso, se fizéssemos uma comparação com o texto inicial, perceberíamos que o aluno evoluiu em sua capacidade de argumentação.

Apresenta, também, situações em que a violência infantil acontece e as causas de sua existência. Para o autor, as drogas podem contribuir, de forma significativa, para que a marginalidade cresça. Faz uma junção do que foi estudado e dos conhecimentos adquiridos por intermédio dos meios de comunicação. Percebemos que o aluno compreendeu o tema e procurou produzir parágrafos argumentativos capazes de informar sobre a situação da marginalidade em nossa sociedade.

Texto do aluno 2:

A marginalidade e a violência infantil estão sendo constante em nosso país, os marginais pessoas que não respeitam as leis da sociedade estão aumentando a cada dia e a violência infantil está se tornando constante na vida das crianças.

Nos tempos de hoje, já está se tornando normal vermos crianças sendo violenta a cada dia e nós não fazemos nada, simplesmente ficamos de braços cruzados.

Temos em nossa sociedade diversos tipos ou violência física, psicológica, sexual e verbal, geralmente feita pelo próprios pais que colocam seus filhos para morar na rua ou dão oportunidades para que vão trabalhar nas ruas.

Mas como podemos ajudar essas crianças que são constantemente violentadas? Denunciando, colaborando para que os marginais e violentos sejam unidos por tudo que estão fazendo

Podemos perceber que o vandalismo, a marginalidade e a violência infantil estão acabando com os princípios da sociedade mostra também até que ponto o ser humano pode chegar, para violentar seu filho

Mas isso pode mudar o agir, colaborarmos para o fim da marginalidade e a violência infantil.

Percebemos que o aluno tentou expor em seu texto o que foi estudado em sala durante a intervenção. Houve uma tentativa de mostrar que entendeu o que foi falado. Apresenta uma visão conceitual e simples do problema, deixando muitas questões em aberto nos dois parágrafos em que ele pretendeu que fosse uma conclusão.

O aluno levanta a questão dos tipos de violência, afirmando que o maior culpado da violência infantil são os pais. No geral, o texto mostra a preocupação do autor com as questões relacionadas à situação familiar dos meninos que vivem na rua.

Apesar de apresentar problemas no fecho do texto, ele apresenta relativa articulação entre as ideias. É necessário que ele busque organizá-las melhor e organizar também argumentos relacionados ao tema.

Texto do aluno 3:

No Brasil milhares de crianças e adolescentes sofrem pelo abandono e violência. Viver assim não é escolha, é o único meio de sobrevivência que a vida os proporcionam.

Quando uma criança é agredida, fisicamente ou psicologicamente muitas dessas preferem se defender com o silêncio, já outras acham que sair de casa é o melhor opção, pois desta maneira acabaria com o problema.

A violência infantil é um assunto meio serio para se tratar, cada vez que é deixado de lado, esse problema só irá se agravar mais. A sociedade prefere muitas vezes fugir da realidade, do que lutar. Na marginalidade pode encontrar pessoas de diversas classes econômicas e idades, apesar de muitos não terem escolha, outros a procuram por achar que ela é a liberdade, é este é o motivo pelo qual muita gente não encontra segurança nem mesmo dentro de casa.

Contudo, podemos dizer que a marginalidade está associado a violência, consequência da falta de estrutura, das famílias e da sociedade, que não tem planejamento adequado para formar essas crianças e jovens, como por exemplo uma educação de qualidade, e muitos entram nessa vida.

Porque é mais fácil vender e comprar droga, do que ter acesso a escola.

O texto faz uma apresentação da situação dos menores abandonados no Brasil. Os problemas apresentados pelo texto são, em sua maioria, de grande importância. Ao fazer uma análise da violência infantil, expõe alguns argumentos que sustentam o ponto de vista apresentado.

Percebemos que houve uma evolução de ideias. O aluno parece ter entendido o problema da marginalidade e faz uma associação desta com a violência no geral. Demonstrou, de forma crítica, saber que a falta de estrutura familiar e social e o não planejamento adequado na formação de nossas crianças e adolescentes são os causadores da marginalidade infantil no Brasil.

Texto do aluno 4:

A marginalidade é algo frequente na sociedade em que vivemos. Todos os dias as mídias noticiam inúmeros atos de marginalidade e na maioria da vezes, responsáveis das práticas delinquentes são jovens, adolescentes e até mesmo crianças que se misturam para praticarem.

Dentre os fatores que contribuem para a marginalidade, podemos citar o uso de

drogas. Geralmente, ao ingerirem substâncias dessa natureza, os usuários tendem a praticar ações marginais, a exemplo do vandalismo, que se tornou um modinha entre jovens e adolescentes e cada dia mas destroem ou estragam o espaço em que vive. Além disso, podemos citar o fato que é, infelizmente, algo frequente em nossa sociedade. Assim, devido a marginalização, a violência tem crescido muito, seja ela física, psicológica, verbal, política, cultural, moral, etc.

As vítimas mais comuns de atos violentos são principalmente as crianças, elas sofrem cada vez mais agressões físicas, psicológicas e até mesmo verbais. Ao presenciar uma briga entre os pais, por exemplo, a criança acaba sofrendo uma violência psicológica. Quando ouvem palavras ofensivas, que as humilham, discriminam, desvalorizam, às crianças são agredidas verbalmente, isso deixa marcas profundas. Porém a violência mas comum é a física, ao sofrerem espancamentos, elas ficam com graves lesões. Ao ser violentada a criança fica com vários transtornos que são levados por toda vida.

Infelizmente, não podemos mudar tudo isso, mas podemos fazer a nossa patê. Quando denunciarmos alguns desses ato, estamos contribuindo para uma sociedade com menos marginalidade para um mundo melhor, por isso faça sua parte!

O texto é interessante. O autor demonstrou ter compreendido a proposta, apresentando-a de forma clara. Segue a estrutura comum de um texto argumentativo. Apresentou um ponto de vista e soube defendê-lo com argumentos importantes. Na introdução deixa claro que a marginalidade é frequente em nossa sociedade, usando-os como alegação para concluir seu texto. Na introdução apresenta fatores que contribuem para esse processo de marginalização como as drogas, o vandalismo, o roubo e a violência em geral.

A coerência está presente na apresentação das ideias e o senso crítico aparece quando o autor afirma que não podemos mudar essa realidade, mas podemos contribuir para que ela seja, pelo menos, modificada.

Texto do aluno 5:

Falar sobre violência é muito triste, mas precisando pensar no assunto para poder resolver. Nosso pais apresenta muitos casos de crianças que sofrem algum tipo de violência.

Todas as vezes que os ligamos a televisão aparece vários casos de tipos de violências e também muitos casos de violência que a criança e o adolescente comete. Os tipos mais comuns de violência infantil, assexual e a psicológica. Infelizmente, muitos desses

crimes são cometidos por pessoas que cuidam dessas crianças.

No Brasil, quando uma criança comete um crime ele não pode ser preso, o que faz alimentar esses crimes. E também, muitos os crimes contra as crianças são escondidos pelas família e faz com que o culpados não seja punido.

Nossa realidade é muito cruel, ate bebes têm sofrido algum tipo de violência, muitas vezes os culpados não sentem remorso nenhum por ter cometido tal crime.

Assim, precisamos buscar uma forma de ajudar nossas crianças e adolescentes pedindo ajuda aos governantes para que torne providencias e mude a forma de punir os culpados. A população também pode ajudar denunciando os criminosos.

Na introdução, o autor apresenta o tema e já apresenta explicações e argumentos para suas ideias. Possui argumentos bons e a organização do texto é boa.

Houve uma preocupação em estruturar bem o texto, seguindo os passos já estudados. É composto de cinco parágrafos que apresentam uma articulação aceitável e há uma progressão de ideias. A conclusão é composta de uma possível solução para o problema da violência infantil.

Texto do aluno 6:

As crianças e a violência

Atualmente, a violência tem aumentado muito e a violência infantil não tem sido diferente. As crianças têm passado muito tempo longe dos pais e muitos próximos da televisão e da internet e acaba assistindo tragédia com detalhes.

As dificuldades do dia a dia têm feito com que os pais trabalhem mais e fiquem mais tempo fora de casa e em alguns casos não tem ninguém para cuidar das crianças, deixando – as sozinhas. O que facilita a aprendizagem de certas violências e também, sofrem violências.

As crianças têm sofridos vários tipos de violências e, em muitos casos, é praticada pelos pais ou parentes bem próximos, o que acabam por prejudicar as punições. No Brasil infelizmente, são registrados muitos casos desses.

Muitos estudos falam que a criança que sofre algum tipo de violência na infância, pode se tornar um adulto violento e repetir os mesmos atos. Porém, existem casos em que o agredido não repete o mesmo comportamento dos seus pais.

Diante disso, entendemos que independente de situações violentas que passamos, podemos fazer nossas escolhas e sermos melhores. Podemos também ajudar aqueles que estão passando pelos mesmo problemas.

O aluno desenvolveu o tema por meio de uma boa argumentação e progressão das ideias apresentadas. As opiniões relacionadas ao tema proposto são consistentes e organizadas, até chegar, naturalmente, ao fecho, à conclusão de seu texto.

Apresenta a estrutura de texto dissertativo, bom desempenho linguístico de acordo com o nível de conhecimento exigido para o nono ano, texto claro, contínuo, com ideias intercaladas.

Na conclusão, o autor demonstrou maturidade ao sugerir que a população pode ajudar a resolver o problema da violência, basta que cada um faça sua parte.

Texto do aluno 7:

A violência contra as crianças e adolescentes tem aumentado muito nos últimos tempos. De acordo com informações dos meios de comunicação, as crianças tem sofrido muitos tipos de violência e nas maiorias dos casos cometidos por parentes.

O órgão responsável pela segurança das crianças não consegue fazer seu trabalho. Muita coisa para fazer e também muitos não querem trabalhar. Tem também casos em que as mães sabem da violência, mas com medo do marido e não contam nada e muitos criminosos não vão para cadeia.

Temos o Conselho tutelar que trabalha para proteger as crianças e adolescentes desse tipo de coisas, mas aqui em nossa cidade eles não trabalham direito. Os pais não respeitam os conselheiros e os adolescentes não obedecem e parece que tudo está errado.

Podemos perceber que muita coisa pode ser feita para melhorar as situações das crianças que sofrem violência. Ajudar as mães a tomarem coragem e passarem a denunciar seus maridos violentos e que o Conselho Tutelar trabalhe com membros capacitados para realizar o que deve ser feito.

O texto apresenta uma boa adequação dos parágrafos à estruturação dissertativo-argumentativa. As ideias são claras com ordenamento lógico e progressão semântica. Ao falar sobre os órgãos responsáveis pela segurança das crianças e dos adolescentes e do papel que eles deveriam desempenhar social e politicamente, demonstra conhecimento a respeito da

existência dessas instituições e, pela realidade que vivencia em sua cidade, conclui que “eles não trabalham direito.” Ao concluir sua redação, sugere que todos devem participar para solucionar o problema.

Texto do aluno 8:

Em nossa sociedade a violência é bem presente. Na escola, na igreja ouvimos falar muito desse tema, mas percebemos que muito tem se falado, mas pouca coisa tem resolvido. São crianças que são espancadas pelos pais diariamente que sofrem agressões psicológicas, agressões verbais, são abandonadas e sofrem abusos sexuais.

A violência infantil vem aumentando a cada dia. Muitos casos são denunciados, mas a maioria não são, o que dificulta bastante a resolução do problema acaba sendo conivente, pois por falta de coragem, medo ou mesmo aceitação não denunciam os casos.

Existem casos em que a violência vem exatamente da família, que deveria proteger a criança e não faz. Para muitos pais o filho é um problema e a família desestruturados pelo desempregos, pelas drogas acabam descontando nos filhos seu fracasso.

Assim, precisamos ter consciência o que é violência infantil para que possamos ajudar aqueles que passam por esses problemas. Sabemos que muitas pessoas que convivem conosco passam por isso e temos que ajudar. Não podemos nos omitir, não podemos fingir. Temos que reagir.

Nesse texto, a situação é bem caracterizada desde as primeiras linhas. Faz uma abordagem significativa da realidade de muitas famílias, que sofrem com a violência e o abuso de menores e não se pronunciam, aumentando assim o número de casos.

É um texto claro, com um encadeamento lógico e com sentido, os fatos descritos aparecem bem articulados, até chegarem a sua conclusão.

Texto do aluno 9:

Violência Sexual Contra Criança

Na televisão, na escola e na internet temos ouvido falar muito de crianças que sofrem com o abuso sexual. Temos muitos casos de pornografia e pedofilia aqui em nossa cidade.

Percebemos que os casos mais frequentes desse tipo de violência acontecem num bairro específico de nossa cidade. Um bairro onde há muita desigualdade e muita pobreza.

As crianças já crescem vendo esse tipo de coisa e acabam achando tudo natural. São crianças que têm os pais alcoólicos, drogados que brigam com as companheiras e batem nos filhos.

Aqui em nossa escola, já vimos casos que adolescentes falam que mantem relacionamento sexuais com pessoas mais velhas para ganhar dinheiro e que foi sua mãe que arrumou tudo. Muitas meninas acabaram engravidando e abandonando a escola.

Assim, entendemos que muita coisa precisa ser feita para acabar com essa situação. Acreditamos que se a secretária responsável por isso trabalhar direitinho muita coisa pode melhorar. O problema pode ser resolvido, basta que todos trabalhem para isso.

O texto faz uma leitura da realidade vivida por muitas famílias de nossa cidade. O aluno preferiu escrever aquilo que viveu em relação à violência infantil. Percebemos que houve uma preocupação em estabelecer uma ligação entre o que foi estudado com a temática trabalhada na intervenção. As ideias são claras e, de uma forma bem simples, faz uma crítica a algumas famílias, sua forma de educar os filhos e, também, da omissão das autoridades.

Texto do aluno 10:

Temos ouvido muito falar sobre a violência que é cometida contra as crianças e os adolescentes, mas temos também um número grande de adolescente que cometem violência.

O índice alto de pobreza tem influenciado para crescer esse número. Muitos adolescentes tem buscado nas drogas e nas bebidas um sentido para a vida e isso ajuda a aumentar a criminalidade.

Falamos muito aqui na sala sobre os problemas que o Brasil tem de resolver essas questões. É uma discussão sobre a diminuição da maioridade penal.

A diminuição da maioridade penal pode ajudar a punir muitos adolescente que tem cometidos crimes graves e que muitas vezes acabam não sendo punidos ou a punição é pouca.

Precisamos acabar com a violência contra as crianças e os adolescentes, mas precisamos também tentar resolver a violência que eles cometem. Para isso, precisa melhorar muitas coisas como um lugar para abrigar esses adolescentes com atividades que poderão ajudar a recuperá-lo.

Diante disso, percebemos que muitos desses problemas poderiam ser resolvidos com uma boa escola. Escola que tivessem coisas que os adolescentes gostam para que eles aprendam o que é certo e errado.

O desempenho discursivo é bom, pois demonstrou ter conhecimento sobre o tema e conseguiu articular bem suas ideias. Os parágrafos estão adequados quanto à estruturação, com ideias bem objetivas e concisas. A continuidade do tema se faz a partir da construção de novas ideias. O desenvolvimento é bem relevante, com unidade textual.

Enfim, todos os textos demonstraram que a leitura do livro, foi bastante significativa e relevante para a turma. As atividades foram todas focadas na leitura da obra e buscando o objetivo geral da proposta, que era desenvolver, juntamente com os alunos, o interesse pela leitura, por intermédio da obra *Capitães da Areia* do escritor brasileiro Jorge Amado, no sentido de promover uma reflexão a respeito da situação dos menores abandonados por meio de experiências leitoras e escritas criativas, com consequente desenvolvimento do hábito pela leitura.

Na construção do aprendizado, a socialização torna-se um meio fundamental. Sabemos que alunos de uma mesma faixa etária apresentam diferentes níveis de aprendizagem e propor vivências com atividades que proporcionem ao educando troca de conhecimentos com seu par é de suma importância.

A etapa a seguir constituiu-se uma fase importante dentro da intervenção. Os alunos desta turma sempre gostaram de fazer apresentações fora da sala de aula, o que facilitou a realização do intento. Os alunos ensaiaram algumas danças e uma peça teatral relacionadas ao tema estudado durante toda intervenção. Pedimos que eles mostrassem o que foi ensaiado para que pudéssemos analisar se estava bom ou se era necessário fazer algumas modificações. Realizamos assim um ensaio geral. Algumas apresentações precisaram de reajustes. Tentamos fazer correções ou adaptações, sem descaracterizar o que foi criado pelos alunos. Confeccionamos um cartaz convidando as outras turmas para participarem da socialização.

CONVITE



*Nós, do 9º ano A, convidamos vocês para participarem da socialização do projeto: **A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO ROMANCE PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA.***

Dia 05 de agosto. Local: Auditório do CEP. Turno matutino.

FIGURA 22 - Convite para participação do projeto de leitura

Fonte: Disponível em: <<http://www.mimosoinfoco.com.br/esportes/projeto-leitura-viva-inicia-sexta-feira-em-homenagem-a-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Antes da apresentação para outras turmas, levamos os alunos para o auditório para fazer a exposição do material produzido e também montarmos o cenário, já que nossa ideia era reproduzir o trapiche tão importante na obra estudada. Cada aluno foi expondo seu material e o cenário ficou interessante.

Montamos o cenário representando o trapiche dos *Capitães da Areia*, no auditório. Colocamos a imagem de Jorge Amado e as várias capas do livro *Capitães da Areia*. Cada aluno fez uma frase relacionada à obra lida e estudada.

No dia da apresentação, dois alunos vestidos como meninos de rua, davam as boas-vindas ao público que chegava ao auditório. Iniciamos a socialização apresentando o escritor Jorge Amado e a obra *Capitães da Areia*. Pedimos que alguns alunos falassem sobre o prazer de ler esse livro e o que, verdadeiramente, aprenderam durante a realização da proposta. Depois, dois alunos apresentaram o quadro comparativo e o painel, expondo como foi produzido, fazendo uma análise final.

Depois, iniciamos as apresentações. A peça tratava da situação dos meninos de rua na atualidade, demonstrando o papel da família e ressaltando a ação da polícia. Como forma de apresentar a obra, eles fizeram um desfile de personagens. Cada um ia falando as características da personagem que estava representando, dando uma ideia do papel de cada um na obra.

Após o desfile, distribuímos um lanche e fizemos um pequeno intervalo, pois o auditório, apesar de ter climatizador, é muito quente e quando as atividades são demoradas os alunos vão se dispersando.

Depois do intervalo, iniciamos as apresentações das danças. Essas foram deixadas por último, já que os alunos da nossa escola gostam muito de apresentações de danças.

Primeiro, apresentaram danças da década de 30, representando o ano em que o livro foi escrito. Foram passando por todas as décadas até chegar aos dias atuais. Os espectadores incentivavam nossos artistas com gritos e, em alguns casos, vaias. No final, foi feito um convite para que as outras turmas também fizessem a leitura da obra.

Para encerrar, a diretora agradeceu aos alunos pelo empenho nas apresentações e sugeriu que a proposta fosse aplicada também em outras turmas. Agradei aos alunos que assistiram e, em especial, agradei à turma do nono ano A pela participação ativa em todas as atividades propostas.

Durante todo o processo, tentamos fazer um trabalho com a leitura de texto literário, no sentido de proporcionar atividades prazerosas e, principalmente, reflexivas. Entendemos que um livro pode ser trabalhado de forma dinâmica e que pode contribuir para que os educandos desenvolvam uma leitura crítica e autônoma.

Assim, investir numa educação pautada em leituras críticas poderá contribuir na transformação do sujeito e da sociedade em geral. Segundo Cavalleiro,

Somente uma educação calcada na informação e no questionamento crítico a respeito das desigualdades sociais, [...] pode concorrer para a transformação dessa sociedade que tem, sistematicamente, alijado muitos indivíduos do direito à cidadania. (CAVALLEIRO, 2001, p. 151).

Acreditamos que esse estudo proporcionou uma análise e reflexão sobre a importância do trabalho com o gênero romance. Esperamos que a proposta tenha contribuído para melhorar os estudos sobre a leitura literária e sua utilidade e importância na sala de aula, possa, também, contribuir para que os alunos tenham uma visão mais crítica de todas as leituras realizadas futuramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de intervenção permitiu que os alunos adquirissem algumas habilidades leitoras que, demonstramos, foram significativas. O trabalho com parágrafos argumentativos e com os textos apreciativos da obra ajudou no desenvolvimento intelectual e na escrita de textos mais críticos.

Toda a aplicação da proposta foi um grande desafio. A falta de interesse de alguns alunos em ler um livro completo, tornou-se um problema. Diante de algumas atividades executadas, alguns alunos exigiam um acompanhamento mais individualizado. Trabalhar com texto literário em sala de aula foi desafiador, pois a turma em questão, não estava acostumada a executar atividades diferentes do preenchimento de fichas de leitura.

Infelizmente, a maioria dos professores de Língua Portuguesa do nosso município é instruída a usar sempre o livro didático e o material sugerido pela coordenação nas reuniões de AC (Atividade Complementar). Esses materiais, assim como o livro didático, não são produzidos pensando nas diversidades de cada turma que, apesar de ter uma qualidade boa, deixa muito a desejar no que se refere à seleção de textos.

A direção da escola recebe e incentiva toda e qualquer atividade diferente das realizadas no cotidiano dos alunos. No entanto, muitos professores não gostam de promover nada que interfira, de alguma forma, em sua aula. Não gostam de inovações e consideram a realização de projetos, socialização de atividades em conjunto como “patacoadas”⁸ e ainda diz que quem gosta de inovações são professores que não sabem o conteúdo e buscam, nesses projetos, uma fuga da sala de aula.

Apesar disso, temos outros professores que buscam novas estratégias para melhorar a leitura em sala de aula. A biblioteca que deveria ter um acervo significativo, não tem diversidades e, em muitos casos, nem quantidade suficiente para atender uma turma inteira. As dificuldades são imensas, mas existem alternativas viáveis e simples que podem ajudar no desenvolvimento de um trabalho dinâmico de leitura. Experiências novas podem ser usadas, basta, para isso, ter um embasamento teórico capaz de respaldar as atividades. Precisamos formar leitores ativos, capazes de construir novas ideias, que poderão contribuir para melhorar a vida comunitária.

Infelizmente, a leitura não costuma ser de interesse dos alunos, a não ser que

⁸ Termo muito usado em nossa região para definir atividades vagas e sem conteúdo.

promovamos na escola atividades do tipo que realizamos. Temos, como educadores, que proporcionar situações de leitura que estejam próximas da realidade do aluno. É na escola que muitos alunos conhecem e se aproximam da literatura. Quando o interesse do aluno é despertado para a leitura, a aprendizagem acontece de forma significativa. A relação teoria e prática tão presente nesta proposta serviu para motivar e incentivar os alunos a se envolverem mais com o ensino e a aprendizagem.

A observação em sala de aula e os estudos realizados serviram de embasamento para elaboração desta proposta de intervenção, com atividades diversificadas que buscaram ajudar o aluno a formar-se como leitor, desenvolver escrita argumentativa, com sentido e criticidade. Percebemos que a realização da proposta resultou em alunos mais participativos e criativos. Destacamos, aqui, a importância do professor, em todos os processos que envolvem a leitura e a compreensão de textos. Precisamos, como educadores, assumir a responsabilidade de elaborar estratégias capazes de ajudar no desenvolvimento de habilidades que ajudarão na ampliação dos conhecimentos prévios tão necessários no processo de leitura. É a partir dos conhecimentos e envolvimento dos professores com a leitura que as atividades serão ou não bem aceitas pelos alunos. Cosson aponta:

[...] O professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final. Os livros que ele lê ou leu são os que terminam invariavelmente nas mãos dos alunos. Isso explica, por exemplo, a permanência de certos livros no repertório escolar por décadas. É que tendo lido naquela série ou naquela idade aquele livro, o professor tende a indicá-lo para seus alunos e assim, sucessivamente, do professor para o aluno que se fez professor [...] (COSSON, 2014, p. 32).

Assim, o professor pode transformar a leitura dos alunos em um ato prazeroso ou não. Precisa trabalhar sempre visando diminuir a distância entre leitor e texto. Trabalhar com gêneros pode ajudar nessa aproximação. O romance pode ser um bom aliado dentro da sala de aula, desde que o professor saiba diversificar as atividades.

Dentro desse processo, salientamos o papel do PROFLETRAS, que tem uma proposta pertinente quanto à prática do professor. As aulas serviram para ampliar nossos conhecimentos relacionados ao trabalho com gêneros discursivos e o uso da leitura como forma de apreensão de muitos conhecimentos.

Nossa proposta procurou levar para a sala a leitura e estudo da obra *Capitães da Areia*, por considerarmos que a temática dela estava bem próxima da realidade de alguns alunos da turma, fazendo com que as aulas ficassem mais interessantes.

Todas as atividades visaram obter um posicionamento dos alunos frente às leituras

realizadas, contribuindo para a formação de um leitor crítico capaz de argumentar, refletir e emitir sua opinião. Tudo isso pautado no trabalho com os gêneros, como instrumentos de transformação da prática pedagógica.

Apesar das atividades terem sido executadas e de todos os alunos terem participado, percebemos que uns se sentiram mais à vontade em argumentar e expor suas opiniões do que outros. Percebemos, também, que foram aprendendo aos poucos a usar a argumentação em seus textos. Entendemos que é necessário que haja uma continuação de propostas que trabalhem com a leitura, literária ou não, e com textos argumentativos.

Trabalhar com o gênero romance apresentou-se como uma oportunidade de levar aos alunos atividades diferentes e inovadoras, capazes de ajudar no crescimento intelectual e social. De acordo com Bazerman, “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando” (BAZERMAN, 2005, p. 106). Assim, o aluno pode se tornar ativo, participando, analisando e compreendendo o texto em sua quase totalidade, fazendo o que costumamos designar como “leitura crítica”.

Constatamos, também, que eles possuem muito mais facilidade em argumentar oralmente do que por escrito, o que é natural, mas compreendemos que a intervenção contribuiu também para aperfeiçoar o desempenho escrito. Os sujeitos envolvidos na pesquisa passaram a ter um interesse maior em entender os problemas sociais e, principalmente, buscar, por intermédio do discurso, soluções para esses problemas.

Verificamos que as atividades propostas nesta pesquisa serviram para despertar nos alunos um olhar mais significativo para a leitura literária. Essas atividades mostraram que podemos utilizar várias estratégias de prática de leitura para estimular, no aluno, seu senso crítico e mostrar aos educadores a importância que tem o aperfeiçoamento e a formação continuada para um bom desempenho em sala de aula.

Por fim, ressaltamos a importância de usar a teoria dos gêneros textuais para uma melhor orientação de propostas de trabalho em ambientes de ensino escolar e que sirvam de agentes motivadores para professores, de forma que possam melhorar sua prática docente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B. C.; MORAIS, A. G.; FERREIRA, A. T. B. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 252-264, 2008.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **A Produção de Textos nas séries iniciais**: Desenvolvendo as competências de escrita. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**: posfácio de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 114. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Loyola, 2000.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

BARBOSA, JOSÉ JUVÊNCIO. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN**: Língua Portuguesa. Brasília, 1997.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 1994. (Obras Escolhidas).

BRANDÃO, Helena N. O leitor: co-enunciador do texto. **Polifonia**. Cuiabá: Editora da UFMT, 1994, p. 85-90.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na Educação**: repensando a nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-160.

COSSON, Rildo. As práticas de leitura literária. In: COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

DEMO, Pedro. **O porvir**: desafios da linguagem do século XXI. Curitiba: Ibplex, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as idéias do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar edições, 2003.

FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (org.). **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991, p. 54-63.

Filho da Rua. Reportagem: Letícia Duarte. Imagem: Jefferson Botega. Produção: Jornal Zero Hora. Documentário. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/pagina/filho-da-rua.html>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

GRAMSCI, Antonio. **Derivações culturais do romance folhetim.** In: _____. *Literatura e vida nacional.* 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 14. ed. São Paulo: Pontes, 2011.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** Campinas: Pontes, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática.** 6. ed. Campinas: Pontes, 1998.

KOCH, I. V. **O Texto e a Construção dos Sentidos.** São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, G. V. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. G. V. **Linguística Textual: retrospecto e perspectivas.** Alfa, São Paulo, 1997.

KUENZER, Acácia (Org.). **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho.** 3. ed. Cortez, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática. 1993.

LAJOLO, M. *et al.* **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy, E. (Org.). **O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

MAISTRO, V. I. A. **Projetos de Orientação Sexual nas escolas: seus limites e suas possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto**. São Paulo: Série Idéias, 1994.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. Franciscanos na Educação Brasileira. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Vol. I – Séculos XVI-XVIII**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 93-107.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis**: introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAUTCHUK, I. **Perca o medo de escrever**: da frase ao texto. São Paulo: Saraiva, 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e Leitura**: ensaios. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e Leitura**: ensaios. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Elementos da Pedagogia da Leitura**. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

SILVA, Ezequiel Theodoro. A formação do professor e aluno leitores para a construção da cidadania. In: BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Formação de professores e alunos leitores**. Brasília: Cadernos Educação Básica, Série Institucional, 1994.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998abc.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TRAVAGLIA, L. C. Tipologias textuais literárias e lingüísticas. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 146-158, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. **Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos**. Mimeo, 2002.



WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990ab.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena. **Dicionário de Termos Linguísticos**. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.

ANEXOS

ANEXO A – Comentários sobre a obra

Resposta aluno 1:



	UNIMONTES UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS PROFLETRAS	
Escola- Centro Educacional de Pindaí		
Aluno(a)- <u>1</u>		
Série- 9ª ano	Turma – A	Matutino
Disciplina- Língua Portuguesa		
Professora- Cláudia Fabiana		

Comentário sobre a obra

O que você achou da obra? De que mais gostou? De que não gostou? A linguagem é de fácil compreensão?

A obra é interessante, pois retrata a violência e a marginalidade da época, e acontece até os dias de hoje. O que mais gostamos, foi da possibilidade de poder superar as dificuldades, mesmo não tendo boas condições e viverem em uma vida precária. Um fato que não gostamos foi a morte da personagem Dorca, pois logo depois disso o grupo se separou e cada um seguiu seu caminho. A linguagem apesar de algumas palavras não serem usadas atualmente, o contexto de fácil compreensão.

Resposta 2:

 Unimontes	UNIMONTES UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS PROFLETRAS	 Profletras mestrado profissional
Escola- Centro Educacional de Pindaí		
Aluno(a)- <u>2</u>		
Série- 9ª ano	Turma - A	Matutino
Disciplina- Língua Portuguesa		
Professora- Cláudia Fabiana		

Comentário sobre a obra

O que você achou da obra? De que mais gostou? De que não gostou? A linguagem é de fácil compreensão?

Achei o livro interessante. Parece com as coisas que aparecem na televisão, parece que é igual hoje.


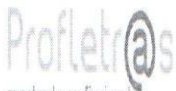
Gostei de quase tudo. Os meninos, o padre e todo mundo que ajuda eles.

Não gostei que Dora morreu e Pedro Bala ficou sozinho. Foi triste. Até que-

ria parar de ler. Assim mesmo terminei de ler tudo.

Jorge Amado coloca palavras no livro, mas entendi tudo que ele escreveu. Dá para entender. É difícil, mas dá.

Resposta 3:

 Unimontes	UNIMONTES UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS PROFLETRAS	 Profletras mestrado profissional
Escola- Centro Educacional de Pindaí		
Aluno(a)- <u>3</u>		
Série- 9ª ano	Turma - A	Matutino
Disciplina- Língua Portuguesa		
Professora- Cláudia Fabiana		

Comentário sobre a obra

O que você achou da obra? De que mais gostou? De que não gostou? A linguagem é de fácil compreensão?



Gostei muito de ler Capitais da Ania. Tem algumas partes que é difícil demais. Acho que Jorge Amado era muito inteligente.

O que eu mais gostei foi a coragem deles. Tinha coragem para fazer qualquer coisa.

Não gostei do sepulcro dos meninos e nem de Boca moer.

A linguagem é fácil só tem algumas palavras que não entendi.

Resposta 4:

 Unimontes	UNIMONTES UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS PROFLETRAS	 Profletras mestrado profissional
Escola- Centro Educacional de Pindai		
Aluno(a)- <u>4</u>		
Série- 9ª ano	Turma - A	Matutino
Disciplina- Língua Portuguesa		
Professora- Cláudia Fabiana		

Comentário sobre a obra

O que você achou da obra? De que mais gostou? De que não gostou? A linguagem é de fácil compreensão?

O livro é muito bom, mas gostei da leitura. Falta de coisas que ainda tem em nossos dias. Crianças abandonadas que sofrem muito. A vida deles é ruim.

Gostei de quase tudo. Só não gostei da morte da menina, e deles serem se separados. Achei chato. Entendi tudo que li. A linguagem é bem diferente da minha.

ANEXO B – Textos iniciais

Texto do aluno 1:

1)

A Marginalidade

&
A Violência Infantil

A marginalidade é quando as pessoas vivem no margem da sociedade. São as pessoas que não tem consciência de seus atos, eles não tem inteligência mas também podem ter sido espancado em casa sido chingado pelos seus pais e isso é muito grave, porque eles sabem por medo do que podia acontecer, e lá nas ruas eles acham. Drogas coisas erradas brincar assomados, muitas para eles não valem para casa, pois isso que ele faz todos os dias se torna viciante dizem eles: "por que eu volto pra casa se lá eu vou ser espancado!"

Por nas ruas eles tem drogas, dinheiro carros. A marginalidade muitas vezes é causada por problema familiar pois as famílias não ajudam não dão a educação devida.

Os marginais são as pessoas mais carentes que eles buscam o amor que não tem em casa, em roupas, drogas, carros. Já em artigo de luxo eles buscam a ostentação. Busca o amor que não tem em bens materiais.

Texto do aluno 2:



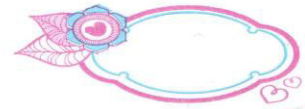
g

marginalidade é violência?

No mundo está cheio de pessoas que usam drogas ocasionais com a sua própria vida usando drogas, um vício sem cura e que não levam ninguém a lugar nenhum, o que atinge também os pessoas são as bebidas alcoólicas, que as pessoas acabam embriagando e desconhecendo sua embriaguez nos seus filhos destruindo a sua família.

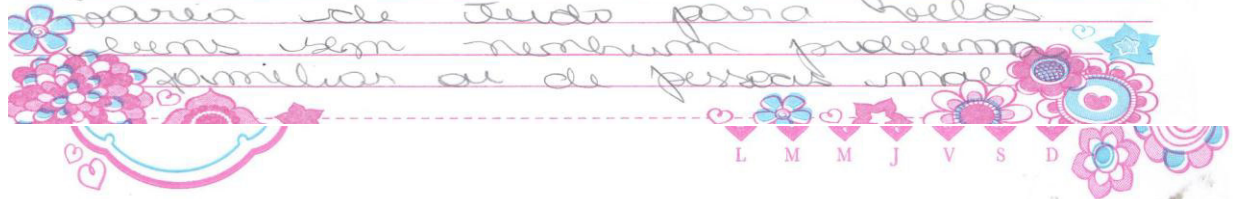
Bastam muito no Brasil é a violência infantil que as crianças sendo espancadas pelos seus pais, crianças de 8 anos já estão sendo estupradas por pessoas de maior de idade fazendo absurdos, isso acontece pelo o uso de drogas e bebidas que optam e acabam agredindo as crianças inocentes. Os adolescentes de hoje usam drogas por falta de conhecimento e informações. meninas de 10 anos sendo abusadas sexualmente e forçadas. Essas coisas são algumas realidade de um mundo destruído por causa disso tudo

Texto do aluno 3:



3 Marginalidade e violência infantil

Marginalidade é uma pessoa marginal que vivem em a margem da sociedade e alguns deles não tem mínimo de caráter umas pessoas que não tá nem vai para a sociedade que não tem nenhum respeito. É a violência infantil é uma pessoa muito mal que não tá nem vai para o que faz eles só faz o que não é certo a violência infantil é um ato de um qual muitas das vezes a violência não é só por aqueles físicos são também por emocional que são agredidas emocionalmente que é uma violência muito grande também, por exemplo vez tendo sempre presente em alguma briga familiar principalmente dos seus pais que sempre viveram juntos para depois estão brigando isso é uma coisa muito triste principalmente para os filhos que amam os seus pais e queria de tudo para eles eles tem nenhum problema familiar ai de pessoa mal



vale pra que só quer fazer o mal sem empregar pra nada principalmente para a familia da pessoa que foi violentada.

Texto do aluno 4:

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

//

4 Marginalidade e Violência infantil

A marginalidade é um dos fatores que mais tem assolado jovens e adolescentes do mundo todo, principalmente no Brasil. Podemos ver pessoas se infiltrando no mundo das drogas, e o mesmo é responsável pela marginalidade, são inúmeras jovens no Brasil todo deixando-se levar por pequenos momentos e destruindo não só suas vidas, mas a vida de muitas famílias.

A violência infantil ocorre por conta da marginalidade, pois quando as pessoas se envolvem com determinados drogas elas se tornam violentas, fazendo com que o sangue mulheres e filhos, estamos presenciando um mundo em que a violência física está fazendo parte da vida de muitas famílias brasileiras. Não podemos deixar tudo isso acontecendo com pessoas que estão correndo riscos de vida, as pessoas precisam se conscientizar e assim podemos mudar o mundo.

Texto do aluno 5:

6 Marginalidade e
violência infantil

Marginal são pessoas que vivem a margem da sociedade. A violência infantil é um ato desumano, um ato de desumanidade. É quando pessoas são agredidas, não é só a violência física, também tem vários tipos. A violência física, é aquela que você é agredido fisicamente tem também a violência emocional que você é agredido emocionalmente quando sua família por exemplo está em crise, e seus pais estão brigando e você vive aquela situação toda.

Minha opinião sobre a violência infantil é que a violência é um ato desumano e não é só porque você tem uma classe social mais alta não quer dizer que você pode bratar ou tratar alguém mal.

A violência infantil acontece quando em casa quando na rua, muitas crianças são agredidas em casa pelos pais e acaba sendo expulso para rua sendo expulso pelos pais e muitas vezes fugindo para mãe ou agredida novamente, além também o abuso, muitas crianças são abusadas sexualmente nas ruas e também em casa pelo pai, o pai às vezes pode se pedofilo e a criança não sabe, e acaba sendo abusada pelo próprio pai.

Texto do aluno 6:

(6) A violência e seus danos

A violência e marginalidade são retratados diariamente pelos meios de comunicação de massa. São presenciados vários tipos de violência como a física, psicológica, verbal, negligência, política, cultural, violência contra a mulher e a violência infantil. Olhos se fecham diante desses problemas o tornando cada vez mais comum.

Os jovens estão se perdendo cada dia mais no mundo das drogas, álcool e deixando de viverem sua juventude como realmente deveria ser vivida. Crianças lhes tirado o direito de viverem como crianças e de aproveitarem sua infância corretamente. E as famílias, todas destruídas por esses males que os rondam diariamente.

Contudo, esperamos que a sociedade trate esse assunto com sua devida importância e atenção para tentar revertê-lo e tira-lo do cotidiano da sociedade.

Texto do aluno 7:

(X) Impulsividade Impulsividade!!!

do mundo em que vivemos hoje em dia tornou-se muito mais difícil com o desenvolvimento da sociedade através das tecnologias, impulsionando a necessidade de um mundo mais sustentável e eficiente. Alguns que nascem e se desenvolvem com facilidade para esse mundo.

Hoje em dia em frente a porta há uma grande diversidade de pais que não se importam com a educação de seus filhos. Como se de bom modo se apresentassem em nossa sociedade pais de produtores químicos, agricultores, etc. Aqueles que produzem e não se importam com a culpa de que fazem, que não se impressionam com o exemplo de trabalho que fazem. Com aqueles estabelecimentos de educação que permitem a fuga, além de um ambiente onde se respira com paz e trabalho, onde são feitas ainda mais pesquisas. Como se o exemplo que houverem realidade fosse mesmo a cada dia que se passa. Tornou-se mais difícil o que fazer ???

Como aqui impulsionando os dois itens.

o fato é situação insustentável.

Texto do aluno 8:

8) marginalidade (violência infantil)

A realidade dói muito, por ver crianças sendo escravizadas. Muitos pais escravizam seus filhos, outros abandonam, e lá na rua eles sofrem muito, as vezes de fome, sofrem abusos sexuais, envolvem com drogas.

Muitas crianças não têm prazer de dizer sou criança, por causa dos atropelos que têm em duas vidas. Isso preocupa muito nessa sociedade, é a parte que as crianças apanham de seus pais, ficam com cicatrizes físicas do muito pena, o mundo tem que enfrentar a realidade e quem transforma esse mundo são as pessoas bem né? do que uma vida vale, e os traumas que crianças participam, isso faz com que a criança cresça em esse âmbito, isso é muito preocupante. O nosso país tem que acordar e ver que isso depende dele, aquelas crianças todas espancadas, algumas ficam até com sequelas, tem gente que não tem amor nem aos seus filhos, por que quem bate nos filhos e agem dessa ação não têm sentimentos.

Texto do aluno 9:

Marginalidade e Violência injustiça

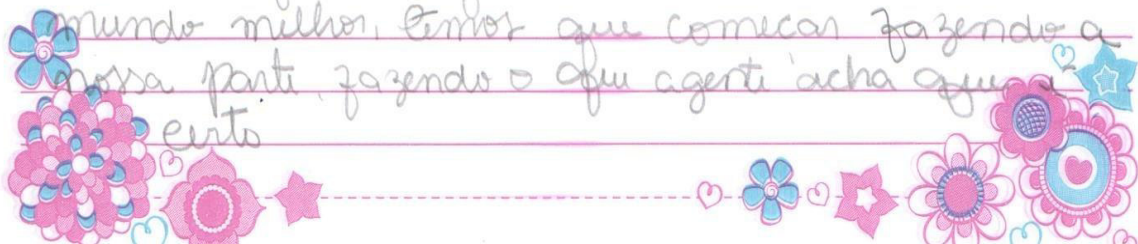
A realidade do mundo de hoje, dá de se ver, crianças morando nas ruas, usando drogas. Muitos dos pais que não tem consciência, jogaram seus filhos nas ruas. As crianças sofrem muito por que não tem um lar, uma família para sempre lá por perto. Muitas crianças não tem prazer de dizer que é uma criança, não só pelos traumas e sim por não ter uma família. O mundo tem que enfrentar a realidade da violência e marginalidade no mundo inteiro.

São as pessoas que devem ter consciência de quanto uma vida vale, nós só vivemos uma vez. Não temer uma vida para viver.

Os traumas que as crianças participam, faz com que elas cresçam com o hábito de usar drogas, isso é muito preocupante para o nosso Brasil.

Devemos que denunciar essas pessoas (homens) que acham que mandam, que batem em crianças e até mulheres. Esses pais devem ter mais amor por seus filhos e tem que ter consciência que uma criança precisa de apoio, cuidado, amor, carinho, e não o abandono.

Devemos que transformar esse mundo em um mundo melhor, temos que começar fazendo a nossa parte, fazendo o que a gente acha que é certo.



Texto do aluno 10:

10 Marginalidade e Violência Infantil

Hoje a realidade, dói muito por que crianças não brincam mais são forçadas a trabalhar, usar interpenetes, muitos pais, escravizam os próprios filhos como se fosse animais.

Crianças hoje são usadas como objetos sexuais, muitos sofrem abusos a troca de comidas e de moradia, outros sofrem dentro da própria casa, pelos próprios genitores, muitas delas não têm prazer de olhar, e dizer sou criança ou adolescente felizes e isso preocupa muito para quem tem consciência que isso é um crime e que cada dia vem aumentando sem que alguém tente frear, é preocupante.

A violência infantil acontece muito principalmente quando as crianças moram na rua, tem também o abuso, muitas crianças e adolescentes são abusados sexualmente, muitas vezes desses abusos acontecem pelos pais. Tem muitas crianças amam seus pais e mesmo assim são abusadas por eles, e para não acontecer o abuso pela segunda vez muitos deles vão morar nas ruas e outros fazem totalmente o contrário escondem das suas mães.



Obrigada às crianças a ajudá-los. Isso pode
ajudar muitas crianças, como as do
Lemonde Vermelho que é um grupo de
crianças muito perigosas e as crianças não
são suspensas pelos policiais dentro esse grupo
existe vários outros tipos de crianças pedófilas
Litor: Os terroristas, portanto, medusas são necessários

para trabalhos do unparce; o Ministério da Educação
em parceria com o CRAS disponibiliza o maior
Número de assistente social para que possam
atender, se a criança está dependendo de assistência, ou até
mesmo a criação de locais específicos, para que as crianças que
sofrem de agressão se recuperem. Tem uma sala normal e o mec
com palestras nas escolas, para que as crianças comecem seus estudos e possam

Um abraço,

Cláudia Fabiana

Texto do aluno 2:

	UNIMONTES UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS PROFLETRAS		
	Escola- Centro Educacional de Pindaí Aluno(a)- <u>2</u>		
Série- 9º ano		Turma – A	Matutino
Disciplina- Língua Portuguesa Professora- Cláudia Fabiana			

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referencia a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amada, produza um texto dissertativo.

A marginalidade e a violência infantil estão sendo constantes em nosso país, os marginais pessoas que não respeitam as leis da sociedade, estão aumentando a cada dia e a violência infantil está se tornando constante na vida das crianças.

Nos tempos de hoje, já está se tornando normal vermos crianças sendo violentadas a cada dia e nós não

quaismos nada, simplesmente ficamos de braços cruzados.

Temos em nossa sociedade diversos tipos de violência física, psicológica, sexual e verbal, geralmente feita pelos próprios pais que colocam seus filhos para morar na rua ou são abandonados para que vão trabalhar na rua.

Mas como podemos ajudar essas crianças que são constantemente violentadas? Denunciando, colaborando para que os marginais e violentos sejam punidos por tudo que estão fazendo.



Podemos perceber que o vandalismo, a marginalidade e a violência infantil estão aumentando com os princípios da sociedade, mostra também ali que

Um abraço

penso e ser humano pode chegar, para violentar seu filho.

Mas isso pode mudar de alguma, colaborando para o fim da marginalidade e a violência infantil.

Texto do aluno 3:

	UNIMONTES		
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS		
	PROFLETRAS		
Escola- Centro Educacional de Pindaí			
Aluno(a)- <u>3</u>			
Série- 9ª ano		Turma – A	Matutino
Disciplina- Língua Portuguesa			
Professora- Cláudia Fabiana			

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referencia a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amada, produza um texto dissertativo.

No Brasil milhares de crianças e adolescentes vivem pelo abandono e violência. Ser assim não é exalta, é o único meio de sobrevivência que a vida os proporcionam.

Quando uma criança é agredida, fisicamente ou psicologicamente muitas dessas preferem se depender com o silêncio, já

outras acham que sair de casa é o melhor opção, pois desta maneira acabam com o problema.

A violência infantil é um assunto meio sério para se tratar, cada vez que é deixado de lado, este problema só irá se agravar mais. A sociedade prefere muitas

vezes fugir da realidade, do que lutar.

Na marginalidade pode encontrar pessoas de diversas classes econômicas e idades, apesar de muitos não terem exalta, outras a preferem por achar que ela é a liberdade, é este o motivo pelo qual muita gente não encontra segurança nem mesmo dentro de casa.



MOSQUETO.

Contudo, podemos dizer que a marginalidade está associada a violência, consequência da falta de estrutura, das famílias e da sociedade, que não tem planejamento adequado para formar estas crianças e jovens, como por exemplo uma educação de qualidade, e muitos entram nesta vida, porque é mais fácil vender e comprar droga, do que ter acesso a escola.

Um abraço,

Cláudia Fabiana

Texto do aluno 4:

	UNIMONTES		
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS		
	PROFLETRAS		
Escola- Centro Educacional de Pindaí			
Aluno(a)- <u>4</u>			
Série- 9ª ano	Turma – A	Matutino	
Disciplina- Língua Portuguesa			
Professora- Cláudia Fabiana			

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referencia a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amada, produza um texto dissertativo.

A marginalidade é algo frequente na sociedade em que vivemos. Todos os dias nas mídias noticiam inúmeras atos de marginalidade e na maioria das vezes, responsáveis das praticas deliquentes são jovens, adolescentes e até mesmo crianças que se misturam para praticar esse

Dentre os fatores que contribuem para a marginalidade, podemos citar o uso de drogas. Geralmente, ao ingerirem substâncias dessa natureza, os usuários tendem a praticar ações marginais, a exemplo de vandalismo, que se tornou um modinha entre jovens e adolescentes e cada dia

mais destrigem ou estragam o espaço em que vivem. Além disso, podemos citar o fato que é, infelizmente, algo frequente em nossa sociedade. Assim, devido a marginalização, a violência tem crescido muito, seja ela física, psicológica, verbal, política, cultural, moral, etc.

As vitimas mais comuns de atos violentos são principalmente as crianças, elas sofrem cada vez mais agressões físicas, psicológicas e até mesmo verbais. Ao presenciarem uma briga entre os pais, por exemplo, a criança acaba sofrendo uma violência psicológica. Quando ouvem palavras ofensivas, que os humilham, discriminam, desvalorizam, as crianças são agredidas verbalmente, isso deixa marcas profundas. Porém a violência mais comum é a física, as sofrem espancamentos, elas ficam com graves lesões. Ao ser violentada a criança fica com vários transtornos que são levados por toda vida.



Infelizmente, não podemos mudar tudo isso, mas podemos fazer a nossa parte. Quando denunciarmos alguns desses atos, estamos contribuindo para uma sociedade com menos marginalidade, para um mundo melhor, por isso, faça sua parte!

Um abraço,

Cláudia Fabiana

Assim, precisamos buscar uma forma de ajudar nossos crianças e adolescentes pedindo ajuda aos governantes para que tenham providências e mude a form de punir os culpados. A população também pode ajudar, denunciando os crimes.

Texto do aluno 5:

	UNIMONTES		
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS		
PROFLETRAS			
Escola- Centro Educacional de Pindaí			
Aluno(a)- <u>5</u>			
Série- 9º ano		Turma - A	Matutino
Disciplina - Língua Portuguesa			
Professora- Cláudia Fabiana			

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referência a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado, produza um texto dissertativo.



Falar sobre violência é muito triste, mas precisa-
mos pensar nos assuntos para poder mudar. Nosso
país apresenta muitos casos de crianças que sofrem
algum tipo de violência.

Todos os vezes que nós ligamos a televisão apare-
ce vários casos desse tipo de violência e também
muitos casos de violência que a criança e o ado-
lescente cometem. Os tipos mais comuns de violência
infantil são física, o sexual e a psicológica.
Infelizmente, muitos desses crimes são cometidos por
pessoas que cuidam dessas crianças.

No Brasil, quando uma criança comete um crime
ele não pode ser preso, o que faz aumentar esses cri-
mes. É também, muitos os crimes contra as crian-
ças são escondidos pela família e faz com que
o culpado não seja punido.

Essa realidade é muito ruim, até hoje tem
surgido algum tipo de violência. Muitas vezes os culpá-
dos não tentam nem mesmo se desculpar
tal crime.

Texto do aluno 6:

	UNIMONTES		
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS		
PROFLETRAS			
Escola- Centro Educacional de Pindai			
Aluno(a)- 6	Turma - A		Matutino
Série- 9º ano			
Disciplina - Língua Portuguesa			
Professora- Cláudia Fabiana			

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referência a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado, produza um texto dissertativo.

As crianças e a violência

Atualmente a violência tem aumentado muito e a violência infantil não tem sido diferente. As crianças tem passado muito tempo longe dos pais e muito próximas da televisão e da internet e acabam assistindo tragédias com detalhes.



As dificuldades do dia a dia tem feito com que os pais trabalhem mais e fiquem mais tempo fora de casa e em alguns casos não tem ninguém para cuidar da criança, deixando as vizinhas, o que facilita a aprendizagem de certos vícios e também seguem vícios.

As crianças tem seguido vários tipos de violência e, em muitos casos, é praticada pelos pais ou parentes bem próximos, o que acaba por prejudicar as punições. No Brasil infelizmente não são registrados muitos casos disso.

Muitos estudos falam que a criança que sofre algum tipo de violência na infância, pode se tornar um adulto violento e repetir os mesmos atos. Porém, existem casos em que o agredido não repete o mesmo comportamento de seus pais.

Diante disso, entendemos que independente de situações violentas que passamos, podemos fazer nossas escolhas e sermos melhores. Podemos também ajudar aqueles que estão passando pelo mesmo problema.

Texto do aluno 7:



	UNIMONTES		
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS		
PROFLETRAS			
Escola- Centro Educacional de Pindai			
Aluno(a)- <u>7</u>			
Série- 9º ano		Turma - A	
Disciplina - Língua Portuguesa		Matutino	
Professora- Cláudia Fabiana			

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referência a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado, produza um texto dissertativo.

A violência contra as crianças e adolescentes tem aumentado muito nos últimos tempos. De acordo com pesquisas dos meios de comunicação, as crianças tem sofrido muitos tipos de violência e na maioria dos casos cometidos por parentes. O sogro responsável pela segurança das crianças não consegue fazer seu trabalho. Muita coisa para fazer e também muitas não querem trabalhar. Tem também casos em que as mães sabem da violência mas não tem medo do marido e não contam nada e muitas crianças não vão para a escola. Tem o conselho tutelar que trabalha para proteger as crianças e adolescentes desse tipo de coisa mas que em uma cidade ele não trabalha bem direito. Os pais não respeitam os conselheiros e as adolescentes não obedecem e parece que tudo está errado. Podemos perceber que muita coisa pode ser feita para melhorar as situações das crianças que sofrem violência. ajudar as mães a tomarem coragem e passarem a denunciar seus maridos violentos e que o conselho tutelar trabalhe com membros capacitados para realizar o que deve ser feito.

Texto do aluno 8:

	UNIMONTES		
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS		
PROFLETRAS			
Escola- Centro Educacional de Pindai			
Aluno(a)- 8			
Série- 9º ano		Turma - A	Matutino
Disciplina - Língua Portuguesa			
Professora- Cláudia Fabiana			

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referência a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado, produza um texto dissertativo.



Em nossa sociedade a violência infantil é bem presente. Na escola, na igreja, ouvimos falar muito desse tema, mas percebemos que muito tem se falado, mas pouca coisa tem mudado. São crianças que são espancadas pelos pais acaramentalmente, que sofrem agressões psicológicas, agressões verbais, são abandonadas e sofrem abusos sexuais.

A violência infantil vem aumentando a cada dia. Muitos casos são denunciados, mas a maioria não são, e que dificulta bastante a resolução do problema. A família acaba sendo leniente, pois por falta de coragem, medo ou mesmo aceitação não denunciam os casos.

Existem casos em que a violência vem diretamente da família, que deveria proteger a criança e não faz. Para muitos pais o filho é um problema e a família destruída pelo desemprego, pelas drogas acabam aumentando nos filhos seu problema.

Assim, precisamos ter consciência de que é violência infantil para que possamos ajudar aqueles que passam por esses problemas. Sabemos que muitas pessoas que convivem conosco passam por isso e temos que ajudar. Não podemos não emitir, não podemos fingir. Temos que reagir.

Texto do aluno 9:

	UNIMONTES UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS PROFLETRAS	
Escola- Centro Educacional de Pindaí		
Aluno(a)- 9		
Série- 9º ano		Turma - A
Disciplina - Língua Portuguesa		Matutino
Professora- Cláudia Fabiana		

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referência a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado, produza um texto dissertativo.



Violência Sexual Contra Crianças

Na televisão, na escola e na internet temos ouvido falar muito de crianças que sofrem com abuso sexual. Temos muitos casos de pornografia e pedofilia aqui em nossa cidade. Percebemos que os casos mais frequentes desse tipo de violência acontecem num bairro específico de nossa cidade. São bairros onde há muita desigualdade e muita pobreza. As crianças já existem vendo esse tipo de coisa e acabam achando tudo natural. São crianças que têm os pais alcoólicos, drogados que brigam com as companheiras e bate nos filhos. Já aqui em nossa escola já tivemos casos em que adolescentes falam que mantêm relacionamentos sexuais com pessoas mais velhas para ganhar dinheiro e que foi sua mãe que arrumou tudo. Muitas meninas acabaram en-

gravidando e abandonando a escola.

Aísim, entendemos que muita coisa precisa ser feita para acabar com essa situação. Acreditamos que se a secretária responsável por isso trabalhar diariamente muita coisa pode melhorar. O problema pode ser resolvido, basta que todos trabalhem para isso.

Texto do aluno 10:

	UNIMONTES		
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS		
PROFLETRAS			
Escola- Centro Educacional de Pindaí			
Aluno(a)- <u>10</u>			
Série- 9º ano		Turma - A	Matutino
Disciplina - Língua Portuguesa			
Professora- Cláudia Fabiana			

Produção de texto final

Depois de tudo que foi falado e estudado sobre violência e abandono infantil, tendo como referência a leitura da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado, produza um texto dissertativo.

temos muitos muito falar sobre a violência que é feita contra as crianças e os adolescentes, mas temos também um número grande de adolescentes que temem violência. Diante esse alto de pobreza tem influência para crescer esse número. Muitos adolescentes tem acesso nas drogas e nas bebidas um bocado para a vida e isso ajuda a aumentar a criminalidade. Falamos muito aqui na tab sobre os problemas que o Brasil tem de resolver essas questões. É uma discussão é a diminuição da maioridade penal. A diminuição da maioridade penal pode ajudar a punir muitos adolescentes que tem cometido crimes graves e que muitos até acaba nos sendo punido ou a punição é pouca. Precisamos acabar com a tolerância con-

tra as crianças e os adolescentes, mas precisamos também tentar resolver a violência que eles cometem. Para isso, precisa melhorar muitas coisas como o lugar para abrigar esses adolescentes com atividades que poderão ajudar a recuperá-lo.

Diante disso, percebemos que muitos desses problemas poderiam ser resolvidos com uma boa escola. Escola que tivesse coisas que os adolescentes gostem para que eles aprendam o que é certo e errado.

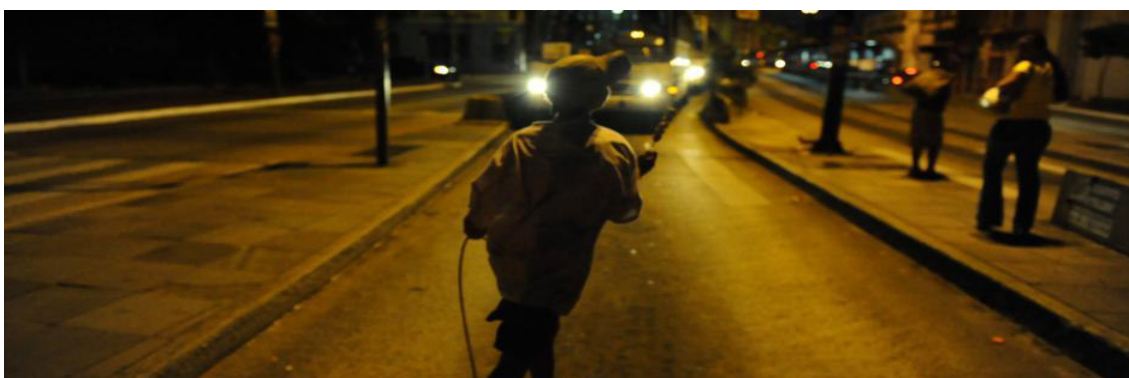
ANEXO D – Documentário *Filho da Rua*



Fonte: Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/pagina/filho-da-rua.html>>. Acesso em 10 ago. 2016.

Reportagem Letícia Duarte e imagens Jefferson Botega

Felipe é infantil, mas agressivo; pede ajuda, mas não larga o crack; procura a família, mas vive nas esquinas. A sociedade sustenta seu vício com esmolas. A mãe cansou da luta para resgatá-lo. Projetos sociais dos governos fracassaram na missão de ajudá-lo. Por três anos, ZH seguiu seus passos e mostra como a mistura de omissão, pobreza, desestrutura familiar e falta de horizontes é berçário para o nascimento de um menino de rua. A seguir, leia a íntegra da reportagem, dividida em três capítulos, e assista ao webdocumentário.



Fonte: Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/pagina/filho-da-rua.html>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CAPÍTULO 1 - Sozinho: a cidade dá à luz mais um menino de rua

Em 2009, aos 11 anos, Felipe já era um veterano das ruas: perambulava pelas esquinas de Porto Alegre desde os cinco anos

Nesta reportagem especial, você vai conhecer os passos de um menino que peregrina há nove anos pelas esquinas sem que ninguém consiga detê-lo. Com autorização do Juizado da Infância e da Juventude, ZH acompanha a jornada de Felipe (nome fictício) desde março de 2009. Identificado entre 383 crianças e adolescentes em situação de rua em censo realizado na Capital em 2008, o guri hoje com 14 anos tem uma história que revela um pouco de todos eles.

Para contá-la, ZH reconstituiu sua trajetória.

Desde a casa onde Felipe cresceu até as calçadas em que dormia. Das 320 páginas que registram sua passagem por diferentes instituições às memórias da mãe e de educadores que conviveram com ele. Das escolas de onde fugiu aos abrigos que o acolheram.

Como ele, outros chegam às calçadas empurrados por um misto de pobreza, negligência familiar, defeitos na rede de proteção, indiferença da sociedade, esmola, drogas.

Nesta reportagem, você vai entender por que não conseguem sair.

Os nomes do menino e da família foram trocados para preservar as identidades, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente. Para consultar os documentos que registram esta história, Zero Hora obteve autorização da 1ª Vara da Infância e da Juventude da Capital.

A mãe aprendeu a ler as sombras entre as esquinas. Caminha olhando para os lados, arqueando as sobrancelhas desenhadas com uma pinça. Em cada vulto, procura o filho caçula, de 11 anos, a quem não vê há um ano e 18 dias. Segue em direção à Vila dos Papeleiros, na principal entrada da Capital, forçando a perna esquerda que a paralisia infantil encolheu. Soube por uma vizinha que o menino está nas redondezas, onde há um ponto de venda de crack. Na tarde quente deste 27 de março de 2009, carrega a tensão de uma jornada decisiva.

Sua última busca por Felipe.

Cansada da luta para resgatá-lo, Maria tomou uma decisão. Vai viver ao lado da mãe e das irmãs em Torres. Antes, quer encontrar o filho. O suor escorre pelo peito enquanto ela espreme as mãos, deixando à mostra as unhas pintadas com esmalte rosa cintilante. Não é porque é pobre que não tem que se cuidar, diz.

Felipe começou a fugir de casa aos cinco anos. A mãe admite que nunca conseguiu cuidar direito dele e dos cinco filhos mais velhos. Passava os dias limpando casas, cuidando das crianças dos outros. Mas acredita que o menino teria retornado para o lar erguido com tábuas de lixo reciclado, no bairro Bom Jesus, se não ganhasse tanta esmola de gente que imagina estar fazendo uma boa ação.

Maria não quer conversar agora – está ocupada distinguindo rastros. Ao entrar na vila, fixa o olhar em um menino moreno, com uma camiseta verde grande demais. Parece com Felipe, embora tão mais magrinho desde o último abraço. Apressa o passo e o menino corre.

– Ele nunca fugiu de mim antes, não deve ser ele – raciocina.

Era. O menino corre em direção à Avenida Castelo Branco. Maria não o alcança, e pergunta a uma moradora de rua se o conhece. A resposta pesa como sentença:

– Sim, ele me chama de mãe.

Quando apareceu em busca de uma pedra de crack, Felipe havia dito à mulher que seus pais haviam morrido. Maria nem sabe o que dói mais: a fuga ou a morte inventada, a mentira ou a realidade.

– Ele sempre vem correndo e me abraça. E aí diz: desculpa, mãe, não vou mais fugir. Hoje, ele nem olhou pra trás – lamenta a mãe verdadeira.

Maria acredita que o filho vai voltar. Comprime os lábios, entrelaça os dedos numa prece sem reza. Espera na casa oferecida por uma vizinha do ponto de tráfico, onde observa desde crianças até idosos sucumbirem ao mesmo vício. Fazem fila diante da porta do traficante. Quando um jovem de boné e abrigo azul-marinho aparece para distribuir a droga, 12 deles se amontoam ao seu redor. Convertidos em zumbis, não percebem que são observados. Olhos vidrados, disputam as pedras como se fossem diamantes, correm em direções opostas para consumi-las. O vaivém é permanente. No meio da tarde, a polícia faz uma batida na vila. Vinte consumidores de crack são encostados num paredão. Outros dois fogem. A mãe espreita para ver se reconhece o seu filho entre eles. Felipe não está ali.

Às 19h30min desta sexta-feira, ela desiste de esperar. Deixa recados entre os moradores, que digam ao filho que ela vai embora na quarta-feira, que ele apareça em casa antes para acompanhá-la a Torres. Enxuga as lágrimas pelo caminho. Diz que precisa voltar para cuidar do neto que cria. Morar no Litoral é também uma tentativa de evitar que o pequeno de seis anos tenha o mesmo destino de Felipe e seus irmãos. Um morreu assassinado, outro está preso por roubo, um terceiro passou pela Fase. As duas irmãs também caíram nas drogas e perambularam pelas ruas.

– Outro dia com a casa vazia – suspira.

A MÃE ESPERA, EM VÃO

Nos dias seguintes, reza para que o caçula apareça enquanto acomoda as roupas em caixas de papelão para a mudança. Levará consigo o filho de 17 anos, o neto e a gatinha de estimação, que recebeu o nome de Anjinha pela pelagem toda branca. As filhas são maiores de idade, vão seguir seu próprio destino.

No dia da partida, deixa separada uma muda de roupa limpa, para o caso de encontrar Felipe pelo caminho. No trajeto da Vila Bom Jesus até a Estação Rodoviária, mantém a cabeça colada no vidro da Kombi que contratou para o frete com o dinheiro da venda da geladeira e dos poucos móveis. Maria se apega à remota esperança de que o menino apareça de repente. Sentada em um banco da Rodoviária, segura com a mão direita a cabeça, que pensa no filho ausente, enquanto vigia Anjinha, quieta em uma caixa própria para o transporte no ônibus.

– Preciso ir com ou sem ele, já parei muito tempo a minha vida – desiste.

Foge da realidade no dia da mentira, 1º de abril de 2009. Desde então, a criança não tem mais uma casa para voltar. A cidade dá à luz oficialmente mais um menino de rua.

Herdeiro de um lar em crise

O flash de uma infância feliz ficou imortalizado na fotografia: aos três anos, um Felipe de cabelos loiros encaracolados faz pose em cima de um pônei emprestado por um vizinho, na Vila Mário Quintana, na zona norte de Porto Alegre.

O sorriso eternizado no único retrato de sua infância conta pouco de sua história. A foto foi tirada logo após a separação dos pais, em 2001, uma perda nunca completamente superada pelo menino.

As fugas se tornaram rotina em seguida. Longe da vigilância da mãe, que passava o dia fazendo faxinas, dizia que saía para procurar o pai, a quem sempre idealizou como um herói.

Maria explicava ao filho que precisou mandar embora o companheiro de duas décadas porque estava cansada de apanhar. Nos bons tempos, o pai dos seis filhos trabalhava como vigilante no estádio Beira-Rio. Perdeu o emprego de 14 anos por causa do alcoolismo. A esposa não conseguia perdoá-lo. As marcas da violência lhe gritavam cada vez que olhava no espelho. De tanto levar socos do marido na boca, perdeu três dentes da frente.

– O doutor disse que vão cair todos, porque ficaram moles, matou a raiz. Dois caíram de uma tacada só, enquanto eu escovava os dentes – entristece-se Maria.

Sua sexta gravidez não foi planejada, mas nem por isso era indesejada. Com cinco filhos em idades entre seis e 19 anos, a doméstica de 37 anos sentia falta daquelas atenções que só as gestantes recebem, da emoção que o filho começa a dar para a mãe antes mesmo de ser parido. Acreditava que a chegada de um bebê poderia trazer dias melhores. Nunca tomou anticoncepcionais, confia que Deus sabe das coisas.

Os pés que anos depois iriam se perder entre as esquinas da Capital já denunciavam sua inquietude no Hospital Conceição, onde Felipe nasceu, às 18h47min de 15 de fevereiro de 1998.

A agitação do bebê que se apresentou ao mundo com 3,59 quilos e 51 centímetros fez com que seis dedos ficassem gravados na ficha do teste do pezinho. As bochechas vermelhas contrastavam com o cabelo castanho do recém-nascido, que irrompeu de parto normal após as 41 semanas e um dia em que sacolejou na barriga de Maria, enquanto a mãe limpava casas de família.

Sem poder parar de trabalhar, deixava Felipe sob os cuidados de uma sobrinha e das filhas, de 11 e 14 anos. Combinava com elas para que levassem o bebê até o seu serviço, para que pudesse amamentar. Agradecia a Deus por nunca ter lhe faltado leite – e o filho mamaria até os quatro anos de idade.

Afastado do pai, Felipe cresceu sem poder contar com o exemplo dos irmãos. Longe da vigilância da mãe, que passava os dias batalhando o almoço do dia seguinte, os filhos mais velhos traçavam a própria geografia. Em 2000, quando o caçula tinha dois anos, a irmã de 15 anos e o irmão de 16 foram apreendidos por furto de lâmpadas. O filho de 12 tinha reclamações na escola por roubar merenda dos colegas. O mais velho cumpria pena por roubo. O consumo de loló virou rotina entre os mais velhos. Apesar das dificuldades para criar a prole, a mãe decidiu não fazer laqueadura após o sexto parto. Pensava: e se depois quisesse mais um bebê?

Na primeira tentativa de reconstrução de sua vida, em 2001 a doméstica assumiu um novo relacionamento, com um servente de pedreiro que havia estudado até o segundo ano do Ensino Médio e a conquistou com seu jeito trabalhador.

– Ele sai de casa pra trabalhar mesmo com chuva. Se precisa, cata latinha, qualquer coisa – entusiasmou-se.

Apaixonada, Maria começou a dedicar mais tempo para o novo companheiro, e em agosto do mesmo ano, engravidou pela sétima vez. Felipe reagiu mal à mudança. Sentindo falta do pai e ciúme da mãe, rejeitava aquele estranho que tentava impor sua autoridade na casa, dando ordens sobre a hora de comer, de dormir. Não queria saber de outro homem ao lado de Maria.

– Eu não quero que tu viva com a minha mãe, quero que ela fique sozinha ou com meu pai – dizia para o padrasto.

– Por que tu não volta com meu pai? – repetia para a mãe, que acabou sofrendo aborto espontâneo meses depois.

Embora Maria negasse, os filhos relataram às autoridades que o padrasto também ficava agressivo quando bebia e batia neles. Em 2 de julho, uma das filhas queixou-se de maus-tratos a técnicos da Justiça Instantânea, que acompanhavam a adolescente desde 1998, quando foi acusada de roubar roupas em uma loja.

“Disse que o padrasto, no dia anterior, colocou seu irmão D. embaixo da água fria do chuveiro e bateu-lhe com cinta, deixando-lhe com vários vergões. Depois seu irmão foi para a escola e, por medo, não retornou mais para casa, não sabendo onde ele se encontra. V., que havia se queixado, anteriormente, do padrasto que gritava muito com ele e quis lhe bater com um espeto, também saiu de casa e não sabem onde ele está. Apesar de Felipe ter apenas três anos, puxa-lhe as orelhas e coloca-o de joelhos. Costuma chamar B. de vagabunda, dizendo que ela não presta para nada. Em outra ocasião, a adolescente queixou-se que a mãe havia lhe agredido com cabo de vassoura”, registra o documento.

Passe livre para sair de casa

Diante do acirramento do conflito familiar, Felipe começou a sair de casa com mais frequência. Com a cumplicidade dos cobradores de ônibus, que permitiam que passasse por baixo da catraca, ganhou o passaporte para sair da vila rumo ao Centro. Em suas viagens, descobriu uma nova cidade. Ruas calçadas com prédios grandes e bonitos como nunca tinha visto, o pôr do sol do Guaíba, praças cobertas de árvores e brinquedos que não havia nas vilas onde morou.

A busca pelo pai passou a ser pretexto para caminhar guiado pelos próprios prazeres. Descobriu o Parque da Redenção, encontrou meninos e meninas como ele, vagando sem destino. Um mundo divertido, onde não precisava seguir regras, e onde as pessoas lhe davam comida e dinheiro assim que estendia a mão.

De tanto procurar pelo pai, um dia Felipe acabou encontrando. Aos oito anos, em uma de suas andanças pelo centro da Capital, descobriu que seu herói também perambulava sem destino, catando latinhas. Animado pelo reencontro, voltou para casa e disse à mãe que iria viver com ele nos arredores da Vila dos Papeleiros.

A doméstica ficou triste, sabia que o marido não tinha condições de cuidar do menino, mas se achava incapaz de impor limites. Sem sequer saber o endereço, Maria informou a mudança do menino para o Conselho Tutelar, que avisou o Ministério Público, em 7 de abril de 2006.

Apesar do entusiasmo de Felipe, a reaproximação com o pai se revelou uma ilusão. O Conselho Tutelar nunca chegou a encontrar o papeleiro, e Felipe voltou a se dividir entre a rua e a casa na Bom Jesus, com a mãe e os irmãos.

Meses depois, o pai apareceu para procurá-lo por lá.

– Mãe, o pai tá aí – avisou Felipe.

– Vai lá falar com ele – respondeu a mãe.

O filho foi até a porta e voltou:

– Mas ele tá bêbado – desiludiu-se.

– Pois é, meu filho, era isso que eu te falava – consolou Maria.

Desde então, o pai nunca mais foi visto.

Esmola, o sustento na rua

Antes mesmo de chegar à idade de entrar na escola, o menino já palmilhava a cidade. Tinha cinco anos na primeira vez em que foi recolhido no centro de Porto Alegre pela Brigada Militar, por volta das 20h do dia 24 de junho de 2003. Levado ao Plantão Centralizado do Conselho Tutelar, disse que morava em Alvorada. Como na época não havia integração informatizada entre os sistemas de atendimento na Região Metropolitana, a mentira foi descoberta apenas no dia seguinte. Desde então, a distância de casa só aumentou.

Nas ruas, Felipe descobre ser capaz de conquistar sozinho o que a mãe não pode lhe dar. Nem precisa dizer nada: basta estender os braços finos e o dinheiro aparece na sua mão. Numa de suas primeiras noites na rua, aos seis anos, o menino de lábios carnudos e cabelo castanho raspado arrecada R\$ 100 pedindo esmola na rodoviária. Volta para casa de táxi, com duas sacolas de rancho. Compra bolachas recheadas, refrigerante, chocolate – sonhos de consumo que os R\$ 80 mensais que a mãe ganhava com faxinas nunca puderam realizar.

– O que foi, meu filho? Tu tá passando necessidade? Tu não tem comida em casa? – repreende-lhe Maria.

Felipe desconversa, promete que não vai mais fugir, parece tão feliz que a mãe não consegue castigá-lo. Nos dias seguintes, fala que vai jogar bola com os amigos e desaparece novamente. Preocupada, Maria começa a segui-lo, recolhê-lo das calçadas do Mercado Público, trancar a porta de casa e esconder a chave embaixo do travesseiro. Felipe sempre descobre os

esconderijos, inventa novas desculpas para sair. Reaparece com sorriso aberto e dinheiro no bolso.

– Só tem uma razão para as crianças estarem nas sinaleiras: é porque ali ganham dinheiro. A esmola é o que fixa as crianças na rua – adverte o desembargador Breno Beutler Júnior, que atuou durante 18 anos na 1ª Vara da Infância e da Juventude da Capital, inclusive no caso de Felipe.

Sem que a família consiga deter a trajetória itinerante, a matrícula do menino na pré-escola fica só no papel. A sequência de faltas está registrada no caderno de chamada de capa verde do Jardim B, da professora Neli. Das 50 aulas do primeiro bimestre de 2004, o menino de seis anos esteve em apenas quatro. Como até então nessa faixa etária o ensino não era obrigatório, nenhuma providência foi tomada.

No ano seguinte, a mãe volta ao Conselho Tutelar e pede ajuda para matricular Felipe na primeira série. Sob o número 3061, a vaga é assegurada em uma escola estadual perto de casa, em ficha escolar preenchida com caneta preta, assinada por Maria. A esperança dura pouco. Nos primeiros dias vai à aula, mas, na hora do recreio, pula o muro de 1m50cm, pega o ônibus e volta para o Centro.

Felipe tem 179 faltas consecutivas ao longo do ano, mas só em 20 de outubro de 2005 – no final do ano letivo – a mãe recebe uma advertência do Conselho Tutelar. Maria argumenta que não consegue controlar o filho de sete anos porque trabalha fora, não tem como vigiá-lo. Ainda assim, a cobrança tardia obtém algum resultado. O menino começa a frequentar as aulas em 11 de novembro, totalizando 23 presenças ao longo do ano. Insuficiente para aprender mais do que as letras do seu nome.

Em relatório enviado ao Conselho Tutelar em 27 de dezembro, a então diretora da escola, Lucia Araujo, manifesta preocupação com a trajetória de Felipe.

“No pouco comparecimento, foi evidenciado [comportamento] agressivo com colegas, brigas, mentiras, fantasias de situações vividas, convivência da mãe com atitudes inadequadas do filho, pouco acompanhamento escolar da família, fuga da escola, inquieto para a realização de atividades na aula, além de história familiar de drogadito e de morte do irmão mais velho. Sugerimos apoio à família, na área assistencial e de saúde, para que haja progresso escolar.”

Com o dinheiro doado por anônimos, Felipe começa a ir cada vez mais longe. Três semanas antes de completar oito anos, é encontrado pelo Conselho Tutelar de Novo Hamburgo em situação de mendicância, no centro. Quando lhe perguntam quem é, responde que sua casa

havia queimado num incêndio e toda sua família havia morrido. Mas durante a conversa confessa onde realmente mora. O conselheiro Valderi Luiz Barbosa leva então o menino de volta a Porto Alegre. Antes que sua mentira seja descoberta, Felipe foge da sala de espera do conselho da Bom Jesus, aproveitando que os conselheiros estão atarefados com outros casos. Volta sozinho para casa. Dois dias depois, a rotina se repete: a mãe é notificada, obrigada a acompanhar a frequência escolar do filho. Desta vez, o menino é encaminhado para atendimento em serviço socioeducativo conveniado com a prefeitura na Vila Bom Jesus. Chega a comparecer algumas vezes, mas é identificado pela educadora Marta Helena Cardoso como um aluno turista entre as 160 crianças que frequentam a instituição: visita de vez em quando, joga futebol, mas não tem concentração na escrita nem se mostra interessado na hora do conto.

Em vez de ouvir historinhas de contos de fadas no serviço socioeducativo, elege como professores outros moradores de rua que catam papelão nas imediações da praça Garibaldi, na Cidade Baixa, e no Centro. Em 7 de março de 2006, é recolhido pelo plantão do Conselho no Centro, vagando às 2h30min. Ao ser questionado sobre sua família, diz que a mãe é falecida. Sem conferir a informação nem a identidade de Felipe, o plantão conduz o menino ao Acolhimento Noturno, destinado a moradores de rua adultos. Assim que o sol nasce, Felipe volta a mendigar. Quase um mês depois, em 4 de abril, é localizado e levado por educadores do serviço de abordagens da prefeitura para o Lar Dom Bosco, um abrigo diurno que oferece atividades recreativas a crianças e adolescentes.

Neste momento, o menino de oito anos já vaga pelas ruas há três.

Bolsa para ajudar a família

Para auxiliar na reestruturação, a família é incluída no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti) e no Bolsa-Família em abril de 2006, recebendo um total de R\$ 200 mensais. Embora um dos pré-requisitos da bolsa seja a permanência da criança na escola, Felipe nunca voltou para a sala de aula. Sem integração com programas de geração de renda e preparação para o mercado de trabalho, a bolsa não altera em nada a estrutura familiar.

Três meses depois de ser incluído no Peti, que atende 10.313 crianças e adolescentes gaúchos atualmente, o menino de oito anos é encontrado sozinho em Guaíba. Recolhido pela Brigada Militar, é levado ao Conselho Tutelar. Como diz não ter família, permanece três dias abrigado no município até descobrirem sua verdadeira identidade. Ao ser avisada, a conselheira Lucia

Kümmel, do conselho da Bom Jesus, pega a Kombi do órgão e vai, junto com a mãe, resgatá-lo.

O caçula abraça e beija Maria ao reencontrá-la, promete novamente que nunca mais vai fugir. Para manter o filho por mais tempo na vila, a doméstica junta economias e compra de um vizinho uma bicicleta usada, que ele tanto sonhava em ter. Sobre as duas rodas, o menino vai embora outra vez.

Sem notícias do filho há mais de um mês, Maria volta a recorrer ao Conselho Tutelar. Localizado no Lar Dom Bosco, Felipe diz que prefere ficar ali, “pois o professor de capoeira é bem legal”, mas que gostaria de visitar a mãe de vez em quando, “porque gosta dela”. Ao fim das suas declarações, anotadas a caneta por uma educadora do lar, está uma constatação: o menino “não sabe assinar”.

Até hoje, aos 14 anos, Felipe não foi alfabetizado.

Entre a casa e as calçadas

Quanto mais o tempo passa, mais a rua dissolve os vínculos familiares de Felipe. Aos 11 anos, está há um ano morando pelas calçadas quando reaparece sozinho na rua de chão batido onde foi criado, na Vila Bom Jesus. Ao chegar, em 15 de abril de 2009, encontra aberto o portão de tábuas irregulares da casa onde morava. Por instantes, Felipe pensa que a mãe ainda o espera. Ao espiar entre as frestas, vê que outra família ocupa o cenário de sua infância. A mãe havia se mudado para Torres 15 dias antes.

Já tinham lhe contado da partida. Ao ver por si próprio, reage com indiferença.

– Acho melhor ficar na rua porque meu padrasto bate em mim – diz o menino, com o olhar sombreado pelo boné verde militar e o corpo infantil encoberto pela camiseta cinza tamanho adulto, com mangas batendo no cotovelo.

Confessa ter saudade da mãe, mas não desfaz o sorriso.

– Diz pra ela que eu amo ela muito, pra ela não sentir minha falta.

Embora apresente o olhar um tanto perdido, a fala enrolada, aos olhos dos vizinhos ainda parece o mesmo guri que gostava de jogar futebol quando pequeno. As vizinhas espiam pelos portões para confirmar se é ele mesmo. Em minutos, uma dezena de crianças forma um círculo ao seu redor. A todos os que se aproximam, Felipe saúda com um abraço, um sorriso.

– Oi, eu voltei – repete, como quem regressa de uma viagem.

Entre os amigos que o cercam, está um vizinho da mesma idade, que durante dois anos foi engraxate no centro da cidade e, com ajuda do Conselho Tutelar, regressou ao lar. No caso dele, o vínculo com a escola foi decisivo. Mesmo quando ia para o Centro, nunca parou de frequentar a sala de aula, e àquela altura, está na terceira série. Ali também estão dois meninos, de nove e 10 anos, que já venderam amendoim e bergamota nas sinaleiras da Ipiranga, perto do entroncamento da PUCRS.

– A gente só parou de ir vender na sinaleira porque o cara deixou de nos dar serviço – contou um deles.

A volta do ex-vizinho é transitória. Pouco antes das 17h, Felipe decide partir. Atravessa a rua principal da Bom Jesus rumo à parada de ônibus, deixando pelo asfalto o rastro dos papéis das balas que ganhou dos amigos. Entra na linha 671 da Unibus, passando por baixo da roleta. O destino é a Vila dos Papeleiros, onde há um ponto de crack.

– O certo seria não deixar esses guris passarem, mas sabe como é, a gente tem medo. Uma vez, um cobrador não deixou e depois o pai do guri, que era traficante, deu três tiros na cabeça dele – justifica o cobrador, contando que em linhas como a Educandário chegam a passar 80 crianças por baixo da catraca a cada dia.

Sentado no fundo do ônibus, Felipe canta versos de glória, aleluia. Músicas que lembram a religiosidade de sua infância, no tempo em que ia com a mãe à igreja e sonhava em ser pastor. Diz que não sabe rezar, mas acredita em Deus.

– Acho que ele pode me tirar dessas drogas – crê.

Não gosta de falar sobre o crack, nem sobre onde dorme. Corta a conversa dizendo que quer parar com tudo. Arrisca planos para o futuro.

– Se alguém me oferecer um serviço, vou trabalhar e vou parar de usar. Vou comprar uma casa e uma televisão e vou comprar minhas roupas, meu guarda-roupa e um carro ou uma moto – enumera, num sorriso tímido.

À medida que o Centro se aproxima, assume outra personalidade. Não quer mais conversar. Desce do ônibus correndo, na Avenida Cristóvão Colombo. Desvia dos pedestres com seu tênis Mizuno branco encardido, que garante ter comprado por R\$ 1. Apanha um pedaço de arame da calçada, começa a apontá-lo a quem cruza seu caminho.

– Passa a bolsa, passa a bolsa – grita para uma mulher, sem deixar de correr, num movimento que faz balançar os pingentes em formato de estrelinha da corrente prateada que carrega no pescoço.

No caminho rumo ao ponto de crack, atravessa a rua cortando a frente de um ônibus. Passa por uma banca de churrasquinho montado sob as paradas dos coletivos e ganha um espetinho.

– Eu sempre dou força pra esse menino – acredita José Bento, o dono da banca, um dos que ajudam a mantê-lo na rua.

Sai mastigando. Pensa em parar para pedir esmola diante de um supermercado, mas segue adiante. Recolhe uma pedra no chão, faz de conta que vai atirar contra um outro morador de rua que passa pela calçada.

– Que que é, rapaz? – provoca, agressivo.

Ao chegar à Vila dos Papeleiros, cumprimenta conhecidos, senta no pátio de uma casa onde costuma vender latinhas que arrecada na rua para comprar crack. Puxa um cigarro amassado, um isqueiro do bolso e começa a fumar. Ri de cenas do desenho animado Pica-Pau que passam na televisão da vizinha. Está ansioso, quer dinheiro. Nesta tarde, não pediu esmola, ainda não pode comprar a pedra. Minutos depois, se despede com um abraço. Diz que está com sono e vai dormir. Não quer ser acompanhado. Ao avistar um isqueiro da grife Zippo nas mãos do fotógrafo, Felipe pede para ver e sai correndo levando o objeto. Desaparece outra vez pelas esquinas, na escuridão das 20h. Já tem uma moeda de troca para as drogas.

A rotina é fugir de abrigos

Será mais uma noite vagando pelas ruas, entorpecido. Uma rotina que nem a Justiça conseguiu interromper. Um ano antes, Felipe havia sido abrigado por determinação judicial na Casa de Acolhimento da prefeitura. Como a mãe não conseguia cuidar do filho, a Promotoria da Infância entrou com uma ação de destituição do poder familiar, em 2 de abril de 2008. A guarda foi concedida provisoriamente ao abrigo municipal. Mas a instituição se revelou incapaz de segurá-lo. De 10 de novembro até 15 de março de 2009, Felipe fugiu três vezes. Na primeira, aproveitou um passeio na pracinha e escapou, enquanto o educador dava atenção às outras crianças.

– Que abrigo é esse que criança foge? – indignou-se a mãe.

A coordenação do abrigo admite que as fugas são rotina. Diz que ali é um espaço de moradia, não de detenção, por isso as crianças não são trancadas. Mas reconhece falta de estrutura. Na

época, em um espaço para 30 crianças, havia 64 – e apenas seis educadores sociais em cada turno.

– Quando se olha para o lado, um já pulou o muro – explicou o educador social Gilberto Lopes Leal, em 2009.

Apesar das falhas da rede, o psicólogo Lucas Neiva-Silva, pesquisador do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua da UFRGS, discorda da ideia de fracasso do sistema.

– Na história de várias outras crianças o sistema tem sido efetivo, ajudando-as a sair das ruas. Talvez, sem essas intervenções, o menino estivesse hoje em situação ainda mais vulnerável – pondera.

Em uma das vezes em que voltou ao abrigo, em 5 de março de 2009, depois de quase um mês na rua, Felipe não queria falar com ninguém. Dormiu por dois dias seguidos. Quando despertou, começou a desenhar os automóveis que aprendeu a apreciar nas ruas. Em formas coloridas, reproduzia com fidelidade os detalhes de cada peça, do motor aos equipamentos de som. Diante dos progressos, os educadores conseguiram animá-lo a voltar à escola. Felipe ficou entusiasmado ao contemplar a mochila. Pediu pra ver os cadernos, o lápis, o estojo. As aulas começariam no dia 16, segunda-feira, na Escola Aberta da Vila Cruzeiro. No domingo da véspera, fugiu outra vez. Lá fora, algo mais poderoso o atraía: o crack.

As 320 páginas de documentos compilados desde 1998 sobre Felipe contam sua peregrinação pelas ruas e comprovam que passou imune pelos serviços de proteção em que foi incluído:

- Foram 105 encaminhamentos do Conselho Tutelar
- A família foi inserida em 5 programas sociais: Bolsa-Escola, Bolsa-Família, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, Núcleo de Apoio Sociofamiliar da prefeitura de Porto Alegre e Ação Rua
- Foram 9 encaminhamentos da Promotoria da Infância e da Juventude e 3 do Juizado da Infância e da Juventude
- Felipe foi internado 7 vezes para tratar sua dependência química
- O menino passou por 3 abrigos e foi matriculado em 4 escolas. Continua analfabeto.

CAPÍTULO 2 - No meio do caminho tinha uma pedra

Felipe descobriu as drogas nas ruas e, com oito anos, já pedia ajuda para se livrar da dependência. Encontrou uma rede insuficiente para atendê-lo.

Aos oito anos, Felipe confessa à mãe por que não consegue mais voltar para casa, mesmo quando quer. Os olhos vermelhos, a língua enrolada e o jeito agressivo mostram o início de um novo drama que, desde então, só se agravou. Com medo da sensação que não compreende, o menino aceita ir com a mãe até o Conselho Tutelar em dezembro de 2006. Lá, pede socorro. – Me ajuda, tia. Quero parar, mas não sei o que fazer. Me leva para algum lugar, tia – suplica à conselheira Lúcia Kümmel.

Conheceu a droga na rua, onde cada R\$ 5 ganhos com esmola compravam uma pedra. E logo descobriu que o prazer instantâneo, que vicia desde os primeiros usos, provocava uma angústia sem fim. Mãe de dois filhos, a conselheira Lúcia Kümmel ouviu consternada, mas não surpresa, o relato do menino. Sabia que há tempo o loló deixara de ser a droga mais consumida pelas crianças que perambulam pelas esquinas. O desafio de tirá-las das ruas, com o crack, foi elevado a um novo patamar.

Depois de uma mobilização do conselho para disputar uma das 32 vagas disponíveis no município na época, Lúcia conseguiu encaminhar Felipe para um período de 21 dias de desintoxicação na Clínica São José, em Porto Alegre. No dia da alta, em 7 de janeiro de 2007, a mãe foi apanhá-lo. Ao chegar em casa, o menino disse que ia brincar com os amigos e não voltou mais.

Trocou os lençóis, que a mãe fazia questão de esfregar no tanque para que ficassem cheirosos, pela companhia de ratos e baratas dos esgotos. Em 25 de janeiro de 2007, o Conselho Tutelar recebeu a informação de que o menino estava vivendo na ponte da Ipiranga com a Barão do Amazonas, com suspeitas de exploração sexual. Durante a abordagem, repararam que Felipe estava com uma faca, num dos primeiros indícios de agravamento da violência. Quatro dias depois, o conselho relatou os fatos à Promotoria da Infância e sugeriu a internação em fazenda terapêutica para protegê-lo.

Às vésperas do aniversário de nove anos de Felipe, a conselheira Lúcia tentou uma estratégia diferente para estreitar vínculos.

– Por que tu mora embaixo da ponte? – questionou.

– Ah, eu vou lá pra comer melhor – respondeu Felipe.

– Mas o que tu não tem em casa?

– Ah, xis... pastel...

– Então, se eu te der pastel, tu volta para casa?

– Ah, eu sou louco por pastel. Vai ser o melhor do mundo! – empolgou-se.

No dia da festa, em 15 de fevereiro de 2007, a conselheira levou todos os ingredientes para a casa do menino. A mãe preparou tudo com esmero. Enquanto contemplava o sorriso do filho comendo os pastéis que substituíam o bolo de aniversário, torcia para que a data marcasse o início de um novo ciclo.

Mas nada mudou. Como a rede municipal ainda não tinha vagas para internar crianças dependentes de crack por mais de 21 dias, o Conselho Tutelar levou quatro meses para conseguir um lugar para Felipe na Chácara Nova Vida, fazenda terapêutica mantida por uma organização religiosa no município de Sertão Santana. Na primeira semana, a educadora responsável registrou o progresso do menino em suas anotações.

“Segunda: chegou hoje. Está em adaptação. Demonstra ser bem espontâneo. É um pouco alterado e sem controle.

Terça: é bem agitado, mas tem condições, é bem esperto.

Sexta: é muito espertinho. Disse para o Samuel para incomodar bastante, que assim ele consegue o que quer.”

O plano era que ficasse nove meses internado para se tratar. Ficou dois. Nesse período, tentou fugir quatro vezes, até conseguir, em 13 de setembro. Dizia ter saudade da mãe, que alegava dificuldades de transporte para visitá-lo. Acabou devolvido pela direção, que argumentava não poder abrigar alguém contra a vontade.

– A fazenda tem 50 hectares e fica no meio do mato, não temos estrutura para vigiar todos os meninos. É perigoso, os meninos podem sair e ser picados por uma cobra no meio do caminho. Por isso, nem trabalhamos mais com meninos. Muitas mães largam aqui e nem buscam mais. Parece que querem se livrar – justificou em 2009 a presidente da Chácara Nova Vida, Noemi Alves da Silva.

Enquanto o vício corrompia as chances de reabilitação, os laços de Felipe com a família se enfraqueciam. A mãe cansou de procurar o filho sem encontrá-lo, seguindo pistas esporádicas recebidas de vizinhos que o avistavam em algum lugar. Em fevereiro de 2008, o Conselho Tutelar recebeu a informação de que ele estava pedindo esmola diante de um posto de gasolina, na Avenida Farrapos. A conselheira Tânia Frydrych foi até lá, acompanhada de Maria. As duas procuraram em todos os cantos. Só enxergaram um saco de lixo próximo ao cordão da calçada. De repente, tiveram uma visão estranha. O saco apresentava contornos humanos. Era o menino. Maltrapilho, sujo e drogado, em nada parecia uma criança. A mãe

sentiu um arrepio. Pensou que Felipe estava morto. Mexeu no seu corpo e ele não acordou. Maria insistiu até ver seus olhos abrirem.

– Parecia que tinham colocado piche nele, de tão sujo. Os olhos, parecia que jorravam sangue, de tão vermelhos – contou.

No mesmo dia, Felipe foi internado no hospital São Pedro para nova rodada de desintoxicação. Às vésperas de sua liberação, em 28 de fevereiro de 2008, a rede enfrentava um novo dilema. Não havia para onde encaminhá-lo. O município só tinha vagas para adolescentes a partir dos 15 anos. Se voltasse para casa, recairia novamente. O Conselho Tutelar tentou um lugar novamente em Sertão Santana, mas a ONG que administra havia desistido de internar crianças, pelo alto índice de fugas.

Após três semanas de espera, a mãe foi ao Conselho Tutelar buscar informações. Estava esperançosa porque o filho continuava em casa e, graças aos medicamentos, recuperara peso e estava “bem gordinho”. Mas a vaga tão esperada para encaminhamento não veio. Mais uma vez, a tentativa de recuperação fracassou. O menino voltou para casa. E para as ruas.

– A prefeitura disse que só tinha convênio em clínica de tratamento para adolescentes com mais de 15 anos. Mas, nesse ritmo, ele pode não chegar aos 15 anos – preocupou-se Lúcia, que acompanhou Felipe até 2009, quando ele tinha 11 anos.

Com o aumento de vagas para tratamento na rede municipal, outras crianças podem ser poupadas do drama enfrentado por Felipe. Atualmente, Porto Alegre dispõe de 128 leitos para desintoxicação de crianças e adolescentes, com tempo médio de 21 dias de internação, e de 20 vagas em comunidades terapêuticas, que recebem dependentes a partir dos 12 anos, para nove meses de internação.

Apesar do aumento da rede, os profissionais que assistem às frequentes recaídas dos meninos lastimam o desperdício de esforços: sem o acompanhamento necessário após a internação, o período de 21 dias de desintoxicação se revela inócuo.

– É dinheiro jogado fora. As crianças ficam dopadas na clínica e, quando saem, começa tudo de novo – lamenta a psicóloga Claudiana de Oliveira Freitas, que trabalhou no programa Ação Rua Eixo Baltazar/Nordeste e também tentou resgatar Felipe.

No caso dele, nada funcionou. Aos 14 anos, o adolescente soma sete internações. Sem sucesso. A única diferença é que, como cresceu e não ganha mais esmolas tão facilmente como antes, começou a roubar para sustentar o vício. No rosto, carrega um sinal da degradação impulsionada pela pedra: seu sorriso já perdeu um dente na arcada inferior.

Violência à espreita

Com queimaduras de segundo grau no tórax e na face, Felipe chega ao Hospital de Pronto Socorro (HPS), em Porto Alegre, conduzido pela Brigada Militar, às 20h4min de 19 de maio de 2009. Coberto de bolhas, que se destacam sobre a pele vermelha e suja, o menino de 11 anos é encaminhado para a Unidade de Queimados. Está consciente e conta uma história que sensibiliza toda a equipe médica.

Diz que dois homens atearam fogo sobre seu corpo na Estação Farrapos da Trensurb, enquanto descansava. E que passa os dias vendendo bala de goma por ali. Sem mais nem menos, os dois agressores teriam chegado, atirado álcool e, em seguida, arremessado um palito de fósforo aceso. Em chamas, o menino saiu correndo e se atirou em uma poça d'água. Conseguiu evitar que o fogo causasse maior dano. As enfermeiras se emocionam, redobram os carinhos ao menino de olhos amendoados e cílios longos, que não tem casa para voltar. Quando perguntam por que os homens o queimaram, Felipe é lacônico:

– Não sei. Foi por maldade – diz.

Como não aparecem testemunhas, ninguém sabe se a história se passou exatamente do jeito como ele contou. Mas tampouco alguém ali está preocupado em questioná-lo, só querem cuidar dos ferimentos. Em três dias, Felipe estaria em condições de alta. Permanece apático, sonolento. A pele se recupera, mas as queimaduras exigem cuidado especial para não haver infecção e cicatrizes.

Acionada, a então assistente social do HPS Maria Nailê Morales começa a procurar pela família do paciente. Entra em contato com o serviço de Acolhimento Noturno, com o Conselho Tutelar. Descobre que o menino fugira do abrigo e que a mãe se mudara para Torres. Não desiste. Com ajuda da conselheira Lúcia, que acompanhava o caso na Bom Jesus, descobre o novo endereço da mãe. Juntas, acionam o Conselho Tutelar de Torres para avisá-la. Em uma demonstração rara de articulação eficiente na rede de assistência, o que parecia improvável se realiza: o reencontro entre mãe e filho.

No reencontro, a esperança

O Conselho Tutelar de Torres bate à porta da mãe de Felipe numa quinta-feira à noite, anunciando a internação do filho em Porto Alegre. A orientação é que Maria aguarde até que consigam um carro para levá-la à Capital, mas ela não consegue esperar. Como até sexta-feira de manhã o carro não aparece, pede R\$ 39 emprestados à irmã para pagar a passagem e embarca. Quando chega ao Hospital de Pronto Socorro, Felipe se transforma. O guri apático e sonolento salta da cama, começa a chorar e rir ao mesmo tempo, abre os braços para receber o abraço do qual fugia há mais de um ano.

– Mãe! Mãe! Tu tá aqui comigo! – festeja Felipe.

– Sim, meu filho, vou ficar contigo.

O menino de 11 anos volta a repetir que não conhece quem fez aquilo com ele, desconversa quando Maria diz que gostaria de ir atrás dos responsáveis.

– Ah, mãe, mesmo que eu conhecesse eles, eu não queria que a senhora fosse atrás. O importante é eu estar aqui agora com a senhora.

Medicado e afastado das drogas durante a internação, Felipe anima-se com a ideia de ir morar em Torres. Também pergunta por Pedro, o companheiro da mãe, a quem agora chama de pai.

– Ué, mas tu não falava que não gostava dele? – surpreende-se a mãe.

– Não, traz ele aqui. Eu quero que o pai vá morar com nós lá em Torres – diz.

A mãe vai à Vila Bom Jesus procurar Pedro, de quem estava afastada há alguns meses, por brigas conjugais. Os dois se reconciliam e o padrasto vai até o hospital ver o menino, prometendo que se mudará para viver com eles em Torres assim que acabe o serviço em uma obra, na semana seguinte.

A assistente social do HPS se emociona com as mudanças, sentindo-se recompensada pelo esforço para reatar os vínculos familiares.

– Parece que ele nasceu de novo quando viu a mãe. Fizemos uma tentativa e deu certo, isso nos deixa muito emocionados – comemora.

Com carona de um microônibus da prefeitura de Torres, mãe e filho partem juntos de Porto Alegre, no fim da tarde de 24 de maio. Antes da alta, as enfermeiras dão brinquedos e uma camiseta do Grêmio de presente para o menino, que usa os lápis de cor emprestados por elas para deixar uma mensagem de agradecimento. Auxiliado pelos adultos, desenha as letras com traços imprecisos para escrever a primeira carta de sua vida.

– Obrigado pelas folhas. Obrigado pelos brinquedos. Obrigado pelas ropas – escreve, rumo ao novo endereço, a chance de traçar um novo caminho.

Quando perguntam o que ele quer ser quando crescer, hesita. Depois de instantes em silêncio, pensativo, responde:

– Acho que vou ser padre ou pastor evangélico. Eu vou vir visitar e vou benzer vocês tudo – sonha.

Na nova vida, o menino acostumado a dormir debaixo da ponte passa a ter como playground o tradicional cartão-postal da mais bela praia gaúcha. Nas areias do Estado que mais atraem turistas durante o verão, corre com o vento de outono soprando no rosto, fazendo estrelinhas que aprendeu nas aulas de capoeira no abrigo por onde passou em Porto Alegre. Abre os braços como se tudo aquilo ali lhe pertencesse. Sorri com uma inocência que até duas semanas atrás parecia ter sido consumida pelo crack. Com as unhas limpas, um moletom

amarelo novo e um boné azul para proteger o rosto do sol, obedecendo às recomendações médicas, Felipe desfila com orgulho a nova versão de si mesmo.

Assustado pelas queimaduras que sofreu, pelas lembranças do corpo em chamas, abandona o figurino maltrapilho. Satisfeito ao reencontrar a proteção materna, faz uma promessa à mãe.

– Eu juro que nunca mais vou fugir. Eu nunca mais vou ficar longe de ti, porque se eu não tivesse na rua isso não teria acontecido. Se eu tivesse ouvido tu e o Pedro, eu não teria me machucado. A rua só me leva mal – admite.

Sela o compromisso com um beijo no rosto, um abraço apertado. Demonstrações de afeto que passa a exhibir várias vezes ao dia, como se quisesse recuperar o tempo perdido.

– Te amo, mãe. Eu tava com saudade – repete o menino.

Faz questão de dormir de mãos dadas com Maria na nova casa, localizada em uma vila atrás da Praia da Guarita. É uma construção de alvenaria que estava desabitada e foi emprestada à família por uma vizinha.

– Acho que ele tem medo que eu vá fugir – brinca a mãe.

A casa onde moram não tem sequer energia elétrica: a antiga locatária sumiu deixando dívidas de R\$ 200 em contas de luz e água. Mas tem dois quartos e piso colocado – luxos para a família que chegou a Torres só com caixas de roupa. Com uma prancha de isopor que encontrou jogada na praia, Felipe agora tem como principal diversão o sandboarding. Sobe com a prancha nas dunas de areia, que ele chama de “barranco de terra”, e desliza de peito, em estilo peixinho.

– Olha, tia – exhibe-se.

Felipe é matriculado em uma escola municipal no bairro São Francisco. Depois do almoço de 27 de maio de 2009, vai até lá para conhecer. Sai sozinho, levando o sobrinho de seis anos, o filho da irmã criado pela mãe. Volta animado, dizendo que a escola é “tri”. A mãe o adverte de que será matriculado na primeira série.

– Tu sabe que tu vai ter que estudar com os pequeninhos, né? Não vai reparar, não vai ficar brabo.

– Não vou ficar brabo, eu quero é estudar – garante Felipe.

O clima de otimismo prevalece, mas é rondado por uma ameaça. O crack está tão incrustado na vila, que até nos fundos da casa da tia materna, que mora a uma quadra de distância do novo lar da família, há um ponto de tráfico. Os três primos sucumbiram à pedra: um foi assassinado com dois tiros aos 14 anos, por desavenças envolvendo a droga. Outro, pescador, virou dependente. E o terceiro foi preso por tráfico de crack.

Além de ver seus três filhos derrubados pelo crack, a tia convivia com outro drama no pátio de casa. Um ano antes, sua neta de criação, de 15 anos, passou a viver com um traficante em uma casa alugada por ela no mesmo terreno onde morava. A tia começou a desconfiar quando viu a movimentação de carros diante do portão, especialmente à noite. Ao pressionar a adolescente, ouviu dela a confissão. Atordoada, a tia planejava vender a propriedade para forçar o casal a deixar sua casa.

– Não quero me incomodar, sou analfabeta e não entendo muito as coisas, mas não gosto disso. Já avisei o Conselho Tutelar – explicou.

Enquanto conta seu drama, um Golf branco com assentos de couro estaciona diante da casa e a adolescente aparece para lhe entregar uma sacola. Cinco minutos se passam e um motoqueiro para em frente ao portão, também procurando pela casa dos fundos.

Em meio ao vaivém do ponto de tráfico, Felipe circula de bicicleta, aparentemente indiferente ao movimento.

– Ele nem sabe que aqui vende essas coisas. Acho que não tem perigo – minimiza a mãe.

Mas tinha.

A volta para as ruas

Nos dois primeiros dias em que comparece às aulas na escola em Torres, em 18 e 20 de junho de 2009, o menino de 11 anos se irrita com as risadas dos colegas de sete anos da primeira série, que o chamavam de grandão. Briga com a professora, que pede que tire o boné dentro da sala de aula. Contorna com dificuldade as letras do alfabeto, copia sem entender cinco frases passadas pela professora, como “Vovó plantou o rabanete” e “Totó é amigo do gato”.

Perdido naquele lugar, acanhado pela disciplina que nunca aprendeu a obedecer, Felipe começa a rejeitar a escola. Volta a procurar as ruas e o crack. Embora continue regressando para casa, chega cada vez mais tarde. Meia-noite, uma hora, duas horas, três horas, quatro horas da madrugada. A mãe reconhece a incompetência para dar limites. Tem medo de xingá-lo, magoá-lo a ponto de ele nunca mais voltar. Tolerava suas escapadas. Só quer que ele volte para casa todas as noites, que nunca mais desapareça. E então o ciclo recomeça.

Em agosto, o menino passa sua primeira noite fora. E a segunda. A mãe procura pela vila e não o encontra. No terceiro dia de ausência, o padrasto, que cumpriu a promessa e se mudou para Torres para morar com a família, sai a procurá-lo pelo centro. Vai a pé, porque Felipe havia sumido com a bicicleta que Pedro usa para catar latinhas. De repente, ao se aproximar do ginásio municipal Alberto Teixeira Rosa, em frente à Lagoa do Violão, vê o contorno do enteado. Apesar do anoitecer das 18h, consegue reconhecer as feições do menino, iluminadas pela chama vinda de um cachimbo improvisado com lata de alumínio para fumar crack. Está

em companhia de um adulto, que aparenta ter 30 anos. Ao ver o padrasto se aproximando, Felipe larga a lata e sai correndo, assustado, até ser alcançado e levado para casa.

Com auxílio do Conselho Tutelar, a mãe consegue internar o filho em uma clínica para desintoxicação dois dias depois, em 2 de setembro. Fica 16 dias no Hospital Santa Luzia, em Capão da Canoa. No primeiro dia em casa, chega a voltar para a escola. Como está sob o efeito da medicação e não consegue acompanhar as aulas, a direção sugere que Felipe passe a receber acompanhamento escolar doméstico. Mas, no segundo dia em casa, foge outra vez. Diz que vai encontrar os amigos e desaparece, numa rotina conhecida da família. A segunda internação ocorre em 7 de novembro, depois de Felipe passar mais de três semanas longe. São mais 17 dias no hospital. Em vão.

Em dezembro, o menino começa a pedir esmolas a senhoras bem-vestidas que saem carregadas de sacolas em frente ao maior supermercado de Torres, ao lado da Rodoviária. Diz a elas que tem fome e quer comprar feijão para ajudar em casa. Com o dinheiro, fuma crack na soleira do ginásio abandonado.

– Quando elas me dão o dinheiro eu saio correndo, né, se eu contar o que eu vou fazer elas vão me xingar. É melhor pedir do que roubar, né – diz.

Aniversário sem festa

Segunda-feira de Carnaval em Torres. O dia em que Felipe completa 12 anos, em 15 de fevereiro de 2010. Não há festa nem presente, mas o menino aproveita a festa dos outros. Carregado de sacos plásticos, passa a madrugada na Praia Grande com a mãe e o sobrinho. Enquanto veranistas se divertem com o show do trio elétrico à beira-mar, a família aproveita para catar latas de refrigerante e cerveja.

Se perde da mãe e do sobrinho e retorna sozinho à vila onde a família mora, às 6h50min, carregado com quatro sacolas cheias de latinhas. Assim que chega, se dirige a um ferro-velho para vendê-las. Arrecada R\$ 20 e compra o café da manhã para a família – dois sacos de bebida láctea e pães, além do cigarro. A mãe e o sobrinho haviam chegado um pouco antes. Em casa, Felipe come com todo mundo e dorme, cansado. Às 11h, desperta e começa a insistir que a mãe vá vender as latinhas que ela juntou durante a madrugada. Em 15 minutos, o menino fuma dois cigarros, deitado na cama. Joga as cinzas no chão e a fumaça para cima, olha para o teto.

– Eu não gosto que ele fume, mas é melhor fumar cigarro do que as porcarias, né? – resigna-se Maria.

A casa está revirada, com roupas pelo chão. Ao lado da cama de Felipe estão os dois sacos cheios de latinhas. O padrasto também está lá, mas permanece quieto, cortando tomates para o

almoço, sobre a pia de madeira. Pedro e a mãe do menino brigaram. Ela se revoltou porque, no meio de uma briga com Felipe, ele bateu no caçula. Ficaram marcas nas costas.

O dia é como outro qualquer, não é por ser o seu aniversário que seria diferente. Nem no Natal ganhou um presente, por que no aniversário ganharia? Quando perguntado sobre o que queria, hesita.

– Queria ganhar qualquer coisa. O que eu mais queria era um boné – responde.

De tanto mentir a idade para os policiais que o abordam, dizendo que tem 14, o menino esquece até de quantos anos está completando.

– Quantos anos eu tenho mesmo? – pergunta para a mãe.

– São 12 anos. Doze anos de sem-vergonhice! – brinca Maria.

Felipe sabe do que a mãe está falando, e não disfarça. Diz que quer ser internado em uma fazenda para se tratar da dependência do crack. Ficar nove meses, para completar o tratamento. Promete que desta vez não vai fugir, que desta vez será diferente. A mãe já pediu vaga para o Conselho Tutelar, aguarda desde a semana anterior. Acha que um tempo mais longo é a única solução. As internações provisórias não fazem efeito.

– Quero ir, eu vou conseguir ficar lá pra me tratar um pouco – concorda o menino.

Mas agora a fissura dá sinais de estar voltando, e Felipe insiste novamente para que a mãe vá vender o alumínio recolhido no Carnaval. Já tem R\$ 10 no bolso das suas latinhas, mas quer mais dinheiro. Maria havia prometido que lhe daria uma parte da venda, em retribuição por ele auxiliar na casa, no café da manhã. E então a mãe obedece às ordens do filho, que joga os dois sacos de latinha sobre os ombros. Maria segue atrás dele na mesma rua, até o vizinho, que compra o alumínio. É Felipe quem comanda toda a negociação, coloca os sacos na balança, pega os R\$ 10 do pagamento e dá a metade para a mãe.

No caminho para casa, encontra uma adolescente de 16 anos que conheceu na praia. A menina veio de Sergipe para vender artesanato, vai embora no fim do Carnaval. O aniversariante pega na mão dela, diz que é sua namorada. E vai embora a seu lado. No bolso, tem dinheiro suficiente para três pedras de crack.

A mãe olha o filho ir embora com a esperança de que ele volte.

– Tenho muito medo. Já perdi um filho, se eu perder mais um, fico louca – teme.

CAPÍTULO 3: Encruzilhada: Longe da família, perto do crime

Criada nos escombros do que seria um hospital, a Vila do Esqueleto é o palco da encruzilhada em que Felipe se encontra aos 14 anos. Sem banheiro, sem água encanada e com ligação

irregular de energia elétrica, o novo endereço adotado pela família em Porto Alegre, após a tentativa frustrada de recomeço em Torres, é o retrato do desamparo que ameaça o destino do adolescente. Felipe segue vagando pelas ruas, com passos cada vez mais violentos. Sem conseguir tanta esmola – com quase 1m70cm, não parece mais criança – comete infrações em busca do crack. Em momentos de lucidez, diz querer parar com tudo. Na fissura, é capaz de qualquer desatino por mais uma pedra.

Os vizinhos são despertados pelos gritos que ecoam na Vila do Esqueleto, em Porto Alegre. Passa das 23h de domingo, 26 de fevereiro de 2012. O palco da briga é há dois meses o novo endereço da família de Felipe. Bêbado, o padrasto ameaça o enteado de 14 anos, que reapareceu em casa após três semanas nas ruas e tomou o seu lugar na cama de casal, dormindo ao lado de Maria.

– Pode arrumar as vela que eu vou matar esse guri – anuncia Pedro para a mulher, com um pedaço de pau na mão.

Os moradores ouvem tudo sem intervir. Não querem se intrometer na confusão dos recém-chegados à favela, que ganhou o nome de Esqueleto por ter crescido ao redor dos escombros de uma obra inacabada, diante da Avenida Protásio Alves, no caminho para Viamão. As vigas que deveriam sustentar um hospital do Montepio dos Funcionários do Município da Capital – uma entidade de poupança privada que quebrou no meio da construção – delimitam desde 2006 a ocupação irregular, alvo de disputa judicial.

Nessa noite, ao perceber que o companheiro chegou embriagado, Maria tenta impedir a sua entrada no lar, o que desencadeia a briga. Ao deparar com Felipe dormindo no seu lugar, o padrasto interpreta o gesto da mulher como uma preferência pelo filho, com quem sempre teve uma relação tumultuada.

– Tu prefere ficar com um ladrão e vagabundo do que comigo – berra Pedro, que nunca se conformou com a passividade de Maria em relação a Felipe.

Revoltado, o padrasto força a entrada e derruba a porta da casa com socos e pontapés. Sobe na cama pisoteando o corpo do enteado, que se vira e revida a agressão pisando no peito de Pedro. Transtornada diante da luta, Maria pega uma faca e se mete no meio dos dois. Acerta um golpe no braço do companheiro, que foge urrando de dor. Ao buscar atendimento médico, recebe 10 pontos no ferimento.

– Meus filhos vão estar sempre em primeiro lugar. Eu não ia deixar ele matar o meu filho – justifica Maria.

Por mais que a doméstica diga que os atos de violência do companheiro são esporádicos, suas irmãs cansaram de vê-la ostentando marcas de agressões.

– Que adiantou trocar um bêbado por outro? – questiona uma delas, lembrando do pai de Felipe.

O tumulto familiar é apenas mais um sintoma dos riscos a que o menino está cada vez mais exposto. Foi para tentar protegê-lo que a mãe decidiu voltar a Porto Alegre, após dois anos em Torres. Temia que o filho acabasse morto em represália pelos furtos cometidos no Litoral. A decisão foi selada no dia em que Maria chegou em casa, ao retornar do apartamento de cobertura onde trabalhava como doméstica, e foi cercada por mais de 20 pessoas. Cobravam que ela pagasse tudo o que o filho surrupiara de um vizinho, incluindo serras elétricas, máquinas de cortar grama e furadeiras.

Foi uma das raras vezes em que alguém apanhou Felipe. Como parte de sua rotina de peregrinação pelas ruas, movida a crack, o menino vigiava casas em suas madrugadas insones, aguardava os proprietários saírem, quebrava as janelas, furtava o que conseguia e saía sem que ninguém percebesse. Preferia notebooks, que são rentáveis e mais fáceis de levar numa mochila, mas carregava nos ombros até TV de plasma. Com os eletrônicos, conseguia “pelo menos R\$ 100” – cada cédula era convertida em pedras de crack. De casa, Felipe levou tudo. Quando não sobraram mais móveis e eletrodomésticos para vender, arrancou a porta e as janelas. Como sumiu até com o colchão, a família chegou a dormir no chão. Às vezes, levava o irmão mais velho para acompanhá-lo. Depois do ataque a uma obra, em 2010, seu irmão de 19 anos acabou preso, quando os dois fugiam com furadeiras nas costas. Por ser menor de idade, Felipe foi liberado. O adolescente conta a história rindo, como se tudo não passasse de uma brincadeira. Mas tem consciência de que seu período de imunidade está se esgotando.

– Agora eu já tenho 14, se assaltar vou preso. Por exemplo, se eu te matar, já vou pra Febem (hoje Fase). Se eu roubar já vou pra cadeia, e eu não quero – diz Felipe à repórter.

Apesar dos furtos praticados pelo filho e da angústia cotidiana por não saber quando ele vai aparecer em casa, Maria estava feliz ao chegar à Vila do Esqueleto, depois de seis meses morando de favor na casa da filha de 29 anos, na Vila Bom Jesus. Negociou com traficantes da quadrilha “Bala na Cara”, que chefia os negócios na favela, e pagou R\$ 200 pelo terreno. Avisou o filho de que ali ele não podia “mexer nas coisas de ninguém”, senão seriam expulsos da vila onde moram pelo menos 200 famílias.

A vizinha Márcia Adriana Gomes Corrêa, 33 anos, se queixa das condições de vida no lugar, dos ratos de até 30 centímetros que dividem o espaço com crianças, dos carrapatos que sobem

pelas paredes no verão. Mas Maria se sente privilegiada por estar ali. Pela primeira vez na vida, tem um “pátio grande” para estender roupa, uma vista para um matagal que lhe faz pensar que mora em uma “fazenda”.

– Tomara que não me tirem do meu paraíso – torce, preocupada com a ação que pede a reintegração de posse do terreno e ameaça de despejo os moradores.

Só que o filho é apenas um visitante eventual do casebre de duas peças. Passou o aniversário de 14 anos longe de casa e, ao retornar, virou o pivô da briga familiar testemunhada pela vizinhança. Após as ameaças do padrasto, Felipe voltou às ruas.

– Enquanto eles são crianças, todo mundo fica com pena e dá esmola. Quando crescem, as mesmas pessoas que os acostumaram a receber dizem: vai trabalhar, vagabundo. Como não conseguem mais dinheiro, ficam violentos – analisa o sociólogo Ivaldo Gehlen, coordenador do Censo das Crianças e Adolescentes em Situação de Rua de Porto Alegre, publicado em 2008.

Para a rede, uma lenda

Com passos desconhecidos em suas andanças, Felipe é procurado desde janeiro por educadores sociais do programa municipal Ação Rua. Ao todo, 13 equipes percorrem a cidade à procura de crianças e adolescentes que perambulam pelas esquinas. A partir da mudança da família para a Vila do Esqueleto, o caso, que vinha sendo acompanhado pelo núcleo da Bom Jesus, na região Leste, foi repassado para a unidade da região Baltazar/Nordeste.

Os desencontros que se seguiram a partir daí são um exemplo de por que a rede de proteção não consegue proteger. Passados cinco meses, os educadores designados para acompanhar Felipe ainda não conseguiram encontrá-lo.

– A gente brinca que o Felipe é uma lenda. Estamos sempre atrás dele, mas nunca conseguimos encontrar. Ainda não o conhecemos – lamenta a coordenadora do núcleo do Ação Rua Baltazar/Nordeste, Paulina Gonçalves.

Entre 24 de janeiro e 5 de abril, os educadores foram nove vezes à casa de Maria. Lamentam pelo fato de a mãe, que só foi encontrada em três dessas ocasiões, não ter cumprido a combinação de avisar quando o filho aparecesse.

Isso não significa que Felipe esteja desaparecido: nesse mesmo período, foi visto duas vezes na Vila Bom Jesus por educadores sociais do Ação Rua que atuam nas redondezas.

– Foram contatos rápidos e não fomos avisados na hora. Mas agora nós reafirmamos que, assim que o pessoal do outro núcleo o enxergar, tente uma estratégia para manter o menino por perto, para que possamos encontrá-lo e uma terceira vez não aconteça – diz a psicóloga

Claudiana Poerscke de Oliveira Freitas, que até maio estava ligada ao Ação Rua Baltazar/Nordeste.

Há quatro meses, o próprio Felipe pediu ajuda ao Conselho Tutelar. Na véspera de seu aniversário de 14 anos, em 14 de fevereiro, apareceu na sede da Bom Jesus pedindo para ser internado em uma fazenda terapêutica. Queria se libertar do crack. Foi atendido pela conselheira Ana Cristina Medeiros Lima, que entrou em contato com o Ação Rua. A equipe foi até a casa de Felipe, no mesmo dia, à tarde, mas não o encontrou. Conhecidas como “as cheirosas” pelos vizinhos da Vila do Esqueleto, as educadoras deixaram um cartão de aniversário, escrevendo ao adolescente analfabeto que queriam conhecê-lo. Até o início de junho, continuavam sem notícias. A burocracia e a falta de estrutura fizeram Felipe sair outra vez do alcance da rede.

– Em uma semana, ele veio duas vezes aqui. Num dia, eu liguei para o Ação Rua e elas disseram que não tinham Kombi para o transporte, e a coisa acabou se perdendo – lamenta Ana Cristina, que explicou não poder encaminhar ela mesma a internação porque Felipe já não pertence a sua região.

As falhas de comunicação entre os serviços da rede são apenas um dos furos desta malha da qual Felipe costuma escapar. Responsáveis pelo acompanhamento de 98 crianças e adolescentes nas redondezas, os sete integrantes do Ação Rua na região Baltazar/Nordeste não conseguem dar atenção individual aos casos.

– Não é uma rede, são caniços. São demandas ultraurgentes e, se tu vais nos locais, nos abrigos, é tudo superlotado... Onde está o furo? Está na necessidade de mais equipes e vagas – avalia Claudiana.

Mesmo com as limitações, a Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) comemora a diminuição do número de crianças que dormem nas ruas da Capital: já chegou a 200 e atualmente é de 70.

– Temos conseguido reduzir o número todo mês com monitoramento sistemático, mas há casos mais complexos – pondera Júlia Obst, da equipe de coordenação deste setor na Fasc.

Entre abril e junho deste ano, ZH encontrou Felipe três vezes. No dia 19 de abril, ao lado da mãe, a repórter localizou-o depois de uma hora de buscas pela Vila Bom Jesus. Perambulava vestido de camiseta polo, calça e tênis que um dia foram brancos, encardidos com graxa e pó. Surgiu atrás de uma cortina de fumaça do lixo queimado na Rua Marta Franzen, em frente ao Clube Náutico. Seguia em direção a um ferro-velho onde costuma vender o que cata na rua.

A mãe não sabe o que fazer

– Ô, meu filho, tu tá todo sujo – repreende-lhe a mãe ao abraçá-lo.

– Ah, eu tava trabalhando – responde Felipe, retribuindo sem jeito o carinho da mãe, que não via fazia quatro dias.

Explica que estava desmontando o motor de uma geladeira “lá no seu João”, o dono de outro ferro-velho na vizinhança. Responde às perguntas sem tirar as mãos do bolso, não mostra disposição para esticar a conversa. Está com o semblante fechado, escorado em um poste, em frente a um esgoto a céu aberto. Repete que quer ir para uma fazenda se livrar das drogas.

A mãe tenta uma aproximação.

– Não quer um colo? – pergunta.

– Não sou mais criancinha.

– Vem cá, meu filho. Não é mais nenezinho, né, já fez 14 anos... – insiste.

Felipe obedece ao chamado, dá mais um abraço. Mas diz que tem que ir embora. Precisa trabalhar. Despede-se apressado, como se a mãe atrapalhasse seu caminho.

– Vai com Deus – diz para a mãe no último abraço.

Na mesma noite, pega emprestada uma bicicleta do dono do ferro-velho para ir até o ponto de crack. Seu primo lhe deu R\$ 20 para comprar quatro pedras para os dois compartilharem. Felipe some com o dinheiro e com a bicicleta. Um de seus refúgios é um matagal perto de um posto de gasolina da Avenida Protásio Alves, mas o adolescente muda de esconderijo a cada vez que é descoberto.

Maria volta para a Vila do Esqueleto, onde tenta impedir que o neto de nove anos siga o mesmo destino do tio – o que parece improvável. Foi chamada na escola porque o menino começou a faltar aulas e a relaxar nos deveres de casa.

– Por que eu tenho que ir para a escola, se o Felipe não vai? – questiona.

Maria sabe que nunca conseguiu dar limites para os filhos. Aparenta estar resignada com as circunstâncias. Tem convicção de que tentou tudo para salvar Felipe.

– Eu não sei mais o que fazer – confessa.

Em abril, ela se preparava para a chegada do segundo neto – a namorada do filho de 20 anos estava grávida, mas a família não tinha certeza se o filho é dele ou de Felipe, que também teve um relacionamento com a mulher, de 29 anos. A dúvida permanecerá para sempre: aos sete meses de gravidez, a gestante sofreu duas paradas cardíacas e morreu antes de dar à luz.

Embora todos tenham lamentado, ninguém na família pareceu se espantar. Felipe já perdeu um irmão assassinado e outra irmã de tuberculose. Em março, ele mesmo foi ameaçado com um revólver 38 por um vizinho, depois de derrubar uma criança de dois anos no chão ao tentar tirar de suas mãos um par de tênis. O tio do menino foi tirar satisfações e só baixou a arma porque Maria apareceu de repente. Felipe diz não temer mais nada.

– Depois que me queimaram na rua, perdi o medo de tudo.

A criança virou um moço

Em fevereiro deste ano, ao chegar a um supermercado na Avenida Protásio Alves para fazer compras, acompanhada pelos dois filhos, a ex-conselheira tutelar Lúcia Kümmel é surpreendida por um dos pedintes, que levanta da calçada apressado e atravessa seu caminho.

– Oi, lembra de mim?

Lúcia demora para reconhecer o rosto que não vê há quase três anos. Quando Felipe se identifica, percebe que o guri mirrado que tentou tirar da rua durante dois mandatos como conselheira na Vila Bom Jesus virou um moço de quase 1m70cm, a face salpicada de cravos e espinhas. Antes de cabeça raspada, agora ostenta um cabelo castanho crespo, com reflexos alourados.

Apesar dos tantos casos que atendeu nos seis anos em que trabalhou no Conselho Tutelar, a socióloga que hoje integra o Conselho Municipal dos Direitos da Infância e da Adolescência não se esqueceu de Felipe. Foi um dos casos que mais a marcaram. Lembra bem da incursão que fez para tirá-lo de baixo da ponte e do dia em que ele bateu à porta do conselho para pedir tratamento contra o crack. Mesmo ao ver que o adolescente continua nas ruas, Lúcia não acha que seu trabalho foi em vão. Se a rede não tivesse tentado tudo o que tentou, o quadro hoje seria pior.

– Para mim, a boa notícia é ele estar vivo. É inédito – avalia.

Uma notícia ruim é o que a mãe de Felipe mais teme. Maria costuma acordar no meio da noite assustada com barulho de automóveis. Pressente que chegará o dia em que um deles vai parar diante de sua casa para lhe comunicar uma tragédia envolvendo seu filho caçula. Reza por um milagre para que Felipe escape das duas únicas opções de futuro que Maria vê para ele, caso continue sua peregrinação pelas ruas: a cadeia ou a morte.

– Eu falei pra ele: sai dessa enquanto tu não tá morto. Se existe Deus no céu, que olhe pra baixo e tire meu filho dessa – ora.

Para Felipe, futuro ainda é um lugar longe demais. Ele não sabe sequer onde estará amanhã. Age movido pelos instintos da mente e pela fissura do corpo. Mas sente que chegou a uma encruzilhada.

– Às vezes eu penso pra frente, às vezes eu penso pra trás. Quando eu penso pra frente, penso que não vou usar mais drogas, vou ficar perto da minha mãe. Quando penso pra trás, a droga pensa mais alto do que eu – reflete.

Por enquanto, ainda não sabe se vai para frente ou para trás. Vive repetindo que quer ir para uma fazenda terapêutica. Mas em novembro, quando foi internado para nova rodada de

desintoxicação de drogas na clínica São José e tinha uma chance concreta de conseguir uma vaga, disse aos educadores do Ação Rua que não queria, como mostra o relatório do programa:

“Em visita na clínica novamente no mês de novembro, Felipe colocou que não gostaria mais de ir para a fazenda terapêutica e que já havia conversado com a mãe. Disse que iria estudar e fazer um curso. Felipe relatou que, se tivesse levado umas palmadas quando criança, hoje não estaria na clínica. Se seu pai estivesse com ele, também não.”

Felipe inventa tantas versões de si mesmo, que é difícil descobrir em qual se pode confiar. Sua fala é pontuada por mentiras e omissões. Três anos atrás, mentia sobre seu endereço, sobre sua família, sobre sua idade. Hoje, mascara o que faz para conseguir dinheiro nas ruas. Ao ser questionado sobre o furto de uma bicicleta na Vila Bom Jesus, primeiro nega sete vezes, insistindo que havia devolvido o objeto dias depois. Como percebe que a mentira não convence, acaba admitindo o furto – que tinha sido relatado anteriormente a ZH pelo dono da bicicleta e pelo primo de Felipe que havia dado dinheiro a ele para comprar crack. E por quanto vendeu o veículo? Felipe responde assim:

– Vendi por 100 real...

Faz uma pausa de dois segundos e em seguida completa a frase:

– Mentira!

O jogo entre mentira e verdade, uma constante em sua jornada, se repete:

– Foi 50 real... mentira! Foi por mil real... mentira! Não, não, vendi por 60 real... mentira!

Em meio às gargalhadas, continua:

– Adivinha por quanto?

– 10?

– Menos...

– 5...

– Menos...

– Menos de 5?

– 25! Mentira... Vendi por 5 real.

– Só? O valor de uma pedra?

– A bicicleta tava toda quebrada...

Em sua última versão, diz que a correia estragou, que teve de ir caminhando desde a Vila Bom Jesus até o bairro Rubem Berta com a bicicleta na mão até conseguir vendê-la. O diálogo se dá na manhã de 4 de junho, quando Felipe está em casa. Apareceu na noite anterior para dormir, após nove dias de ausência. Nesse período, diz que estava trabalhando em uma

obra, nos arredores do posto de saúde 24 horas da Vila Bom Jesus. Contou que ganhou “R\$ 65 e depois R\$ 55” por 10 dias de trabalho como servente de pedreiro, carregando sacos de cimento, preparando a massa. E que gastou tudo em crack.

– Eu caí de novo nas drogas – conta, como se a pedra não fosse sua rotina.

Depois, ele mesmo emenda:

– Pra falar a verdade, eu só não fumo quando eu não tenho dinheiro. Eu vou no mercado, peço, peço (esmola)... aí a pedra fala mais alto do que eu.

Felipe conversa coçando a cabeça. Diz que é caspa, a mãe desconfia de piolho. Tem as mãos encardidas, as pontas dos dedos queimadas – marcas deixadas pelo fumo de crack. Os braços são repletos de cicatrizes – cada uma conta parte de sua história. Exala o cheiro de quem não toma banho há dias. Não para quieto. Pega uma sacola com três bergamotas, começa a fazer malabares típicos de quem pede esmola na sinaleira. Come uma atrás da outra. Pega uma faca na mão e começa a golpear o peito de um papagaio de gesso que é uma das únicas peças decorativas da casa, erguida com tábuas do lixo.

– Eu não tenho maldade com ninguém, sou um guri legal – diz.

Tem consciência de que nem sempre age como um guri legal. Com um martelo na mão, bate em um banco de tábuas em frente à casa a cada frase, como se desse uma sentença para a própria vida:

– Quando eu tô na rua, não faço nada. Só uso droga. Me destruo. Acabo com a minha vida. Jogo minha infância fora. Destruo a minha mãe. Destruo a vida do meu sobrinho – julga, entre marteladas.

Felipe tem vergonha por não saber ler. Diz que quem passa por ele nas ruas pensa que ele é “um burro, um pateta”. Queria que fosse diferente.

– Todo mundo diz pra mim: “Ah, um guri tão bonito atirado nas drogas”.

No dia 9 de maio, quando ZH o encontrou outra vez em casa, estava inquieto. Queria sair. Escolheu como destino o Parque da Redenção, o lugar de que mais gosta na cidade. Nessa tarde, passa correndo ao lado do monumento ao Expedicionário, cumprimenta a “tia” que vende sucos em uma barraquinha, dá uma cantada em duas jovens que caminham pelo parque.

– Gosto de dar tapas na bunda das gurias e sair correndo – confessa, com um sorriso maroto.

Ao se aproximar do chafariz onde costuma tomar banho, se agacha. Finca as mãos impregnadas da sujeira das ruas e começa a revirar o chão arenoso da Redenção. Felipe desenha corações em volta de seu corpo. Sai dali deixando pegadas com um chinelo de cada cor e cinco corações na areia.

Nessas horas, parece apenas um guri. Quando volta para casa, diz que nem sabe por que foge, de tanto que gosta de estar ali. Certa noite, ao acordar ao lado da mãe e perceber que ela havia posto um cobertor sobre ele, perguntou.

– A senhora que me tapou?

– Sim, tava frio.

– Ah, eu tenho uma mãe tão boa...

– E por que tu faz isso, meu filho?

Felipe se virou para o lado e não respondeu. De manhã, pediu polenta com ovo. Comeu dois ovos de duas gemas, um prato cheio de polenta. E foi para a rua outra vez.

Vagando sem destino, pensa que alguém pode lhe cravar um ferro nas costas e matá-lo enquanto está dormindo. Fala com a experiência de quem já viu amigos terem o mesmo destino nas esquinas da Capital. A naturalidade com que discorre sobre o risco de morte não combina com as espinhas de sua adolescência. É a voz de um veterano das ruas, que oscila as risadas de criança e o olhar nublado de quem aparenta estar permanentemente entorpecido. O mesmo guri afetuoso que costuma distribuir abraços apertados e dizer “eu te amo” para quem gosta também admite que pode acabar na cadeia em poucos anos, caso siga o caminho do crime.

– Um dia o mundo acaba... um dia eles conseguem me pegar.

Acostumado a escapar de quem tenta protegê-lo, completa com um desafio:

– Mas duvido me buscarem na corrida.

Por: Letícia Duarte

Fonte: Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/pagina/filho-da-rua.html>>. Acesso em 10 abr. 2016.

ANEXOS E – Fotos atividade final

Foto 1- Apresentações no auditório



Foto 2 – Desfile dos personagens do livro Capitães da Areia



Foto 3 e 4 - Apresentações de danças





Foto 6 – Realização da mesa redonda



ANEXO F – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A Importância dos Gêneros Romance e Documentário para Formação de Leitores Críticos e Autônomos

Pesquisador: Claudia Fabiana Santos

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 55975416.1.0000.5146

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.566.850

Apresentação do Projeto:

A investigação está voltada para a reflexão da importância dos gêneros romance e documentário na formação de leitores críticos e autônomos. Assim, Buscou envolver aliar ao conceito de leitura como sendo um conjunto de comportamentos que se regem por processos sociocognitivos armazenados na memória do indivíduo, é receber, enviar, produzir informações. É formar ponto de vista e compreender o ponto de vista do outro, é ir além do ato mecânico de decodificar palavras. Trata também da formação do leitor, do conceito e estudos sobre os gêneros textuais e sua importância dentro do processo de leitura. Pesquisar a importância dos gêneros romance e documentário como objetos de aprendizagem significa contribuir com a formação de leitores críticos e autônomos. Assim, para esta pesquisa, optamos por utilizar o método científico Fenomenologia que buscará compreender o significado que os acontecimentos têm em situações particulares, ressaltando a importância para a compreensão global.

Objetivo da Pesquisa:

Demonstrar o resultado do trabalho com gêneros romance e documentário no desenvolvimento do processo de domínio da leitura crítica dos alunos, no sentido de instigar o questionamento, a análise e reflexão mais aprofundada dos textos lidos, destacando a importância da leitura para a formação de leitores críticos, autônomos e capazes de interagir de forma ativa no meio em que

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Câmp Univers Profº Darcy Rib

Bairro: Vila Mauricéia

CEP: 39.401-089

UF: MG

Município: MONTES CLAROS

Telefone: (38)3229-8180

Fax: (38)3229-8103

E-mail: smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES



Continuação do Parecer: 1.566.850

vivem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Desistência em participar do projeto, resistência em participar das atividades e outros riscos não conhecidos.

Benefícios:

A pesquisa beneficiará os sujeitos no sentido de promover uma análise crítica do meio em que vive e possíveis atuações na promoção de mudanças no meio em que está inserido.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de investigação relevante para formação docente, bem como, leitores críticos e autônomos a partir da leitura de romances aliadas a situação prática do cotidiano dos sujeitos investigados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

os termos forma apresentados conforme as normas vigentes.

Recomendações:

Enviar relatório final no item "notificação"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de investigação relevante para formação docente, bem como, leitores críticos e autônomos a partir da leitura de romances selecionados do autor Jorge Amado aliadas a situação prática do cotidiano dos sujeitos investigados.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto respeita os preceitos éticos da pesquisa em seres humanos, sendo assim somos favoráveis à aprovação do mesmo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_592781.pdf	11/05/2016 10:09:16		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPesquisa.pdf	11/05/2016 10:07:20	Claudia Fabiana Santos	Aceito

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profº Darcy Rib

Bairro: Vila Mauricéia

CEP: 39.401-089

UF: MG

Município: MONTES CLAROS

Telefone: (38)3229-8180

Fax: (38)3229-8103

E-mail: smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES



Continuação do Parecer: 1.566.850

Outros	TermodeConcordanciaInstituicao.doc	02/05/2016 16:10:36	Claudia Fabiana Santos	Aceito
Outros	TermodeResponsabilidade.doc	02/05/2016 16:00:46	Claudia Fabiana Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimento.doc	02/05/2016 15:58:22	Claudia Fabiana Santos	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.doc	02/05/2016 15:57:18	Claudia Fabiana Santos	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MONTES CLAROS, 31 de Maio de 2016

Assinado por:

Ana Augusta Maciel de Souza
(Coordenador)

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profº Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia CEP: 39.401-089
UF: MG Município: MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 Fax: (38)3229-8103 E-mail: smelocosta@gmail.com